

Branco e Negro



LORELEI—(Estatua de Roberto Caner)

PREÇO 40 REIS

N.º 66

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Ilustrações de todas
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
phototypographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações e que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 66

LISBOA, 4 DE JULHO DE 1897

2.º ANNO

MUSEU AZUAGA



MARCIANO AZUAGA

e medalhas, de quadros, de faianças, de armas, de conchas, etc., mas poucos são os que, depois de longas fadigas e pacientes investigações, chegam a reunir n'um só museu preciosidades de todos os generos que, separadas, formariam collecções de subido valor.

Está n'este ultimo caso o Museu Azuaga existente em Villa Nova de Gaya.

Persistente, tenaz, de uma paciencia a toda a prova, aproveitando os mais pequenos indicios para ir em busca de um objecto, por vezes abandonado, mas valioso aos olhos do archeologo, Marciano Azuaga, o incansavel organisador do museu que tem o seu nome, occupa na verdade um dos primeiros lugares entre os que se consagram a formar collecções seja sob que aspecto fôr. O seu museu é o testemunho mais irrecusavel do quanto vale a tenacidade, auxiliada pelo amor da arte e por uma energia pouco vulgar. Examina-se toda aquella serie de collecções que constituem o Museu Azuaga, e deprehende-se logo que se acham alli reunidos os mais profundos affectos, a dedicação sem limites e o melhor da existencia de um colleccionador devotadissimo e de são discernimento, como na verdade é Marciano Azuaga.

Ha bastantes annos que começou a organizar o seu museu, vencendo todas as difficuldades para, pouco e pouco, lentamente, o fazer chegar ao grau de importancia em que actualmente se acha.

N'um paiz como o nosso em que não ha museus como os que se os-

tentam lá fóra e, se os ha, é para jazerem no mais lamentavel abandono, no meio do indifferentismo que não se importa que muitas das nossas preciosidades artisticas, de outras eras, vão enriquecer as collecções e museus estrangeiros, é para admirar realmente que se possa formar, pela iniciativa e perseverança de um só homem, uma collecção tão variada e preciosa, em todos os ramos de archeologia, como é a que constitue o Museu Azuaga

Torna-se impossivel fazer uma resenha de todos os objectos valiosissimos que alli se encontram. É importante a secção ethnographica, curiosa a paleontologica, variadissima a que representa a arte em diversas epocas, e onde se deparam objectos como uma fina estatueta romana, de bronze, representando Mercurio, e que foi encontrada perto de Coimbra em 1887. É egualmente muito notavel a collecção de azulejos, em que se observam specimens arabes excepcionalmente curiosos. A numismatica está valiosamente representada com uma collecção opulenta de exemplares de primeira raridade, tanto com referencia a Portugal e colonias da America, Africa e Asia, como nas series estrangeiras.

Na secção consagrada á ceramica ha exemplares distinctissimos. Abrange esta secção não só productos de ceramica nacional, como da India, Japão e China, vendendo-se alguns de uma belleza admiravel.

Mencionemos ainda a collecção de armas pela variedade e pelas epocas que representa, desde as edades mais



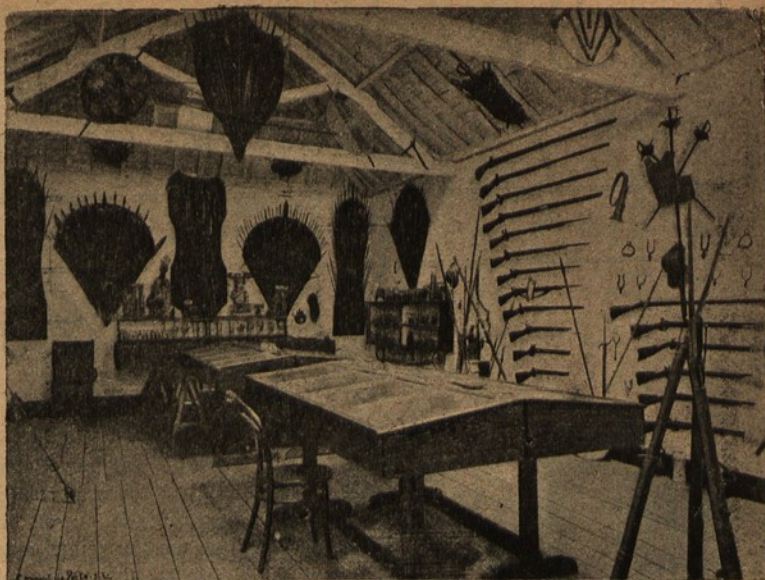
MUSEU AZUAGA

primitivas até ao seculo actual. Ha alli machados e outras armas dos tempos prehistoricos que dão na vista pelo estado de conservação em que se encontram. Não devemos deixar de indicar os finissimos esmaltes, os relogios antigos cravejados de pedras e as caixas de rapé. Tambem a zoologia está representada no Museu Azuaga com curiosos exemplares. A secção mineralogica é, alem de acceida, de muito merecimento.

Emfim, uma variedade de secções que prendem e seduzem a vista e de que dão uma idéa as photo-gravuras que acompanham este artigo, escripto fugidamente, ao correr da pena,

É innegavel que o Museu Azuaga representa no nosso paiz um bello empreendimento, e ao mesmo tempo uma grande somma de esforços, coroada de resultados palpaveis, que continuarão a afirmar-se dia a dia, pois Marciano de Azuaga ainda não deixou um só momento de trabalhar para enriquecer o seu muzeu, sacrificando o melhor das suas economias n'esta obra que

é um padrão do seu accentuadissimo culto pelo passado em todas as manifestações do modo de ser de tantas gerações.



MUSEU AZUAGA

NO BUSSACO

PHOTOGRAPHIA DE CARLOS RELVAS



AQUELLA QUE PASSA

Atravez do largo crystal d'uma porta de café, deixo errar os olhos distrahidos pelo vivo espectáculo da multidão, que entre os caes das fachadas reverberantes de clarões de vitrines, sob os jactos crus que os globos electricos dardejам, flue e refluxe n'um rumor surdo de maré-cheia.

E' a essa hora equivocada da noite, em que os vestibulos dos theatros se diademam de pedrarias de gaz, e pelos declives das sete collinas a Cidade desagua para o leito acolhedor da Baixa, na hysterica vertigem do prazer e do esquecimento.

De repente, os meus olhos já cançados acordam de surpresa n'outros olhos que me fitam n'um segundo, n'um relampago verde, e se soem logo afogados na onda humana. E' uma certeza nasce-me na memoria, de ter já conhecido intimamente aquella mulher que passa.

— Mas aonde? . . . O nome d'ella?

Eil-a que volta na maré colorida de silhuetas furtivas que a magia envolvente da luz decora, atravez do crystal, como sombras chinezas de diorama. Mais directo, o seu sorriso pronuncia-se para mim, — a recordar-se tambem? . . .

— Ah! de certo, conheço-a!

E uma revoada de impressões revive, aclara-se de subito, no meu espirito, como n'um velho album que o vento folheia ao acaso.

— A minha primeira paixão — o frivolo e divino poema do nosso idyllo, pelos arredores da cidade — juramentos trocados, mãos enlaçadas, no mysterio d'um banco de jardim publico, á luz pisca d'um candieiro que se tamisa na renda das arvores e lhe chove nos olhos em gotas de claridade verde — passeios pelo rio, no devaneio lyrico dos poentes — almoços n'uma tasca de estrada, no seu vestido fresco de percale, uma papcula rubra no seio, como uma figurinha de *keepsake* — e certa noite, certa noite de rizados, á volta do ultimo passeio no campo, entre a agitação alegre d'um domingo popular, com pios de clarinetes, fados de guitarras, gritos de palhaços nas barracas de feira . . .

— Mas como demonio se chamava ella? . . . Meu Deus! o que eu amei aquella cara caiada, o beijo d'aquella boca engelhada agora, e que então se aljofrava, tão primaveral de seiva, como uma romã desabrochante. Fruste e livida como uma flor estiolada e calcada, estranhamente pintada, a bocca dolorosa dizia todo o soffrimento humano, sangrando a lascivia d'um sorriso que era um rictus na mascara espectral de *cold-cream*. E o vestido que murchava no esqueleto da minha antiga amante, fazia pena, — um d'esses vestidos que são uma tragica biographia, passados de moda e rapados, só para uso nocturno, pregados por alfinetes, todas as manhãs abrindo mais uma rêde na trama que s'esfia, e que n'essas lobregas viellas do Bairro Alto a gente vê pendurados d'uma janella de taboinhas, estandartes da Miséria trapejando, a seccar a benzina das manchas que reaparecem sempre, como pragas.

— O seu passado? Sei lá! . . .

Encontrada n'um baile de mascaras, o primeiro, levada pelas amigas do atelier, ás escondidas do pae, n'um dominó d'aluguer (estou a vê-la, tão linda!) de velho faille azul, grande laço vermelho no capuz cahido sobre a espuma loura dos cabelos todos evaporados, fluindo em torno da cabeça, como um jacto d'agua ao sol, no turbilhão

doido d'uma quadrilha d'estudantes.

O fulgor dos seus dentes d'è malte sorrindo na *loupe*, a sympathy e o desejo de dois olhares que se cruzam e se cazam, um aperto de mão mais demorado, um beijo no pescoço que se verga sobre a espada . . . e o eterno juramento de nunca mais nos deixarmos, « amar-nos ainda sob a lousa fria . . . »

Amores sinceros da carne, nascidos uma madrugada e terminando sem se sentir, por cansasso, por outra que parece mais ingenua ou mais perversa, que tem os olhos mais verdes ou menos. Breves amores, durante o tempo de se esfolhar uma margarida — *multo!* . . . *pouco!* . . . a ultima pétala arrancada diz sempre — *nada!*

O' deliciosa loucura das primeiras ligações dos dezoito annos, emoção deslumbrada dos primeiros luares, oarys-tos e sonhos estrelados d'exthasi sobre o roseo e floreo seio, arfando a cada novo carrilhão de beijos! Como voastes para longe, alegres andorinhas da Primavera, fugindo para outro ceu, do gelado inferno do meu abandono! . . . E a bohemia mansarda alugada em segredo; o leito em tumulto, como um canteiro de rosas, sob a luz cançada do velador que se apaga! E o acordar estremunhado, ao clarão d'alva; os ultimos beijos tão lentos a descolar; geitos lindos d'ave friorenta que ella tinha, de braços em grinalda sobre a corola d'ouro da nuca preguiçosa; as partidas, na humida madrugada, pelo nevoeiro violaceo das ruas ainda desertas, mas para a imaginação tão povoadas!

Na aula, o velho padre-mestre que me ensinava o latim, tinha chispas de indignação nos oculos, de cada vez que, distrahido na minha chymera, eu chismava todas as Deusas da Eneida com o seu divino nome, — que agora, nem sequer me lembra.

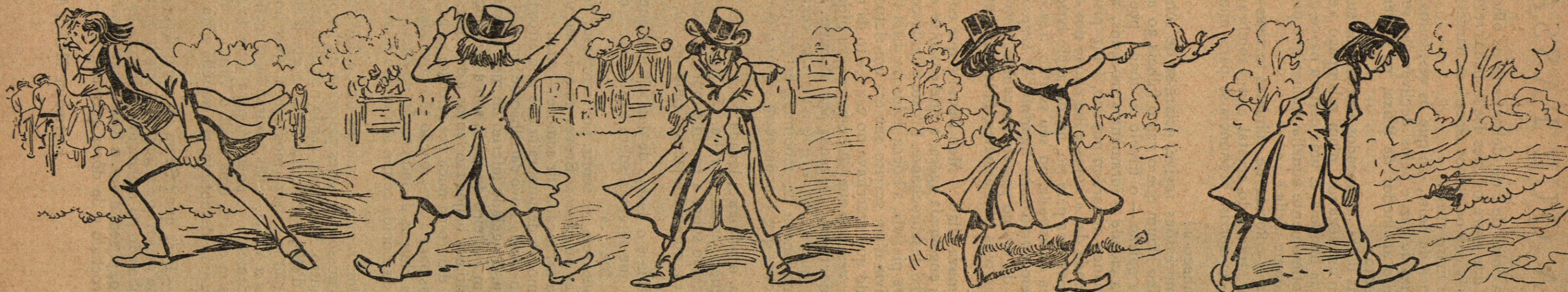
Uma só alma, eram as nossas duas almas adolescentes, — eran. dois ramos da mesma flor, e dois prados verdes, igualmente estrellados de bem-me-queres. O mesmo rythmo dos nossos corações palpitava na harmonia das estrellas; e se a Morte viesse, não a sentiriamos, nos braços um do outro. Não havia senão nós dois na Terra: toda a Existencia, um sorriso da bem amada, cada raio de sol, um olhar d'ella, cada canto d'ave, a voz d'ella . . . E cada sorriso, cada olhar, cada beijo, repetia o juramento dos labios — não nos deixarmos nunca, viver no nosso amor como n'um idyllico jardim murado e escondido longe do Mundo. Levaram a Vida, apenas a mirando reflectida nas claras fontes dos seus olhos, a cabeça no seu regaço, vendo morrer poeticamente os poentes, para além do muro branco do nosso Jardim Encantado . . . Fumos luminosos, nuvens doiradas, assim os leva uma tarde o Vento, como illusões! . . .

E era aquella, era aquella triste esqueleto, no seu miseravel vestido desbotado, era aquella todo esse doido e lindo Passado! . . .

E quando a ideia de a seguir me veiu, a mim mesmo respondi: — Para que? Se eu sei que nada igual ao prazer de sonhar, no isolamento, (as coisas do passado são as melhores!), se eu sei que seguindo-a, iria magoar e enlamear o encontro nostalgico que me ungiu a alma. E deixo-me ficar, embalado na melancolia indolente da reveria, emquanto as visões se evaporam no fumo do meu cigarro, e emquanto, já sem a ver, a Rua diante de mim se agita e muda a cada instante de aspectos, de fórmãs, de sorrisos que desabrocham e de dôres que sangram — como o Coração Humano.



A RANCYCLETTE



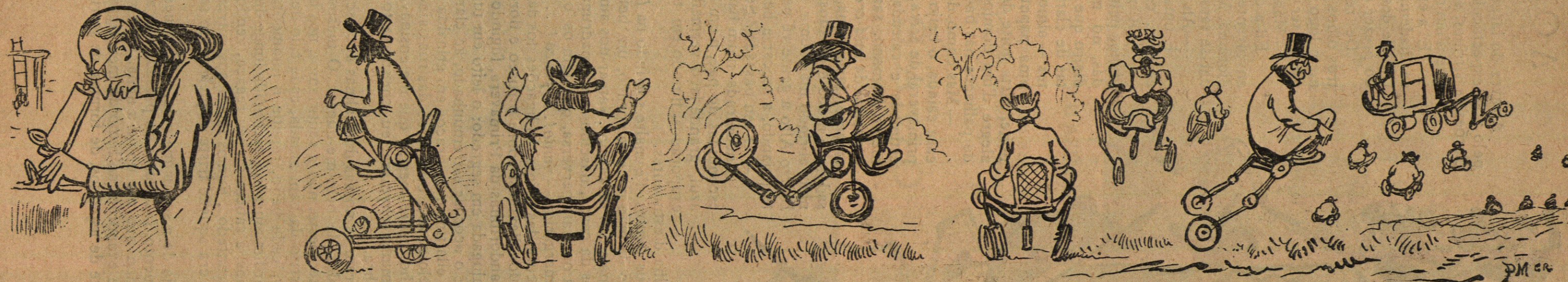
... Eu dizia com os meus botões: «Depois da bicyclette, ha de haver alguma coisa! alguma coisa de mais simples, de mais rapido...»

A locomotiva desthronou a deligencia, o automovel desthronou a locomotiva... mas depois?...

Sim, depois?... Depois dos tramways a vapor, dos carros electricos e dos fiacres sem cavallos?

E dei-me a estudar a natureza!... A ave!... ha a ave, com um milhão de de demonios!...

N'isto o meu pé esteve quasi a esmagar uma rá... a rá deu um salto... Euréka! tinha achado...



Estudei o aparelho saltador da rá... e inventei a rancyclette!

Patas de borracha destinadas a amortecer o choque, móla electrica e rodas pneumaticas nas extremidades...

Senta-se a gente como a rá, toca-se n'uma móla... e dá-se um salto de dez, quinze, vinte metros...

E torna-se a cahir sobre as rodas que continuam a girar...

Anda-se assim cem kilometros em cinco segundos sem cansaço nenhum...! A rancyclette é excellente para a digestão... D'aqui a um anno ninguem anda senão em rancyclette!

« DE BOND »

POR

JOÃO CHAGAS

D'este livro do vigoroso polemista e brilhante escriptor João Chagas, que foi agora posto á venda, transcrevemos o seguinte trecho que é um delicioso quadro da vida no Rio de Janeiro :

Foi ahi pelas duas horas da tarde d'esse dia outonal de setembro que me encontrei subitamente n'essa famosa rua do Ouvidor. Haviam-me advertido de que era perto e, com effeito, não era longe. A dois passos me encontrei n'ella e dentro d'ella, como quem enfia por engano n'uma travessa, e foi a passo e aos encontros, ora olhando a multidão que a enchia e me enrodilhava, ora levantando a vista, surpreendida para as mil coisas novas que me cercavam, que eu a atravessei pela primeira vez, encantado e maravilhado de tanta vida, de tanta agitação, de tanto ruido.

A rua do Ouvidor é estreita, como o poderá ser a Calle de las Sierpes, de Sevilha; é, como dizem os hespanhoes, um *callejón*, mas, dentro d'esse *callejón*, quanto movimento e quanta alegria!

A mim, vindo da monotonia da vida lisboeta, o que desde logo me pareceu foi que essa rua, cheia de sombra e de ruido, estava em plena festa, que n'esse dia se celebrava ali alguma coisa, ou que por ali havia passado pouco antes algum cortejo ou procissão deixando um rasto de turba divertida e alegre, como que a estender as pernas depois de ter estado por muito tempo parada.

— Com effeito, uma multidão falladora e ruidosa, em magotes ás portas ou circulando com difficuldade, ora pelos passeios, ora pelo meio da calçada, não parecia na realidade fazer outra coisa que não fosse passeiar, ou exhibir-se. Uma arcaria de gaz, disposta a todo o comprimento da rua, e um sem numero de bandeiras pendendo das janellas diziam alvoroço, regosijo. Pregões alegres cortavam o ar; vendiam-se flores no meio da rua como em dias de jubileo; das lojas regorgitantes sahia e entrava gente; a passagem de mulheres ostentosas, cobertas de joias, deixava um murmuro de palavras doces; á porta de redacções, grupos liam boletins — fallava-se alto brandindo jornaes; nas cinco varandas de um hotel, cinco vistosas matronas envoltas em amplos penteadores, carregados de rendaria, os dedos cheios de aneis, a face tocada de uma chamma de carmim, olhavam a multidão, superiores e desdenhosas, como quem se mostra do alto de um throno. O borborinho, a animação dos rostos e das palavras, todo esse ruido particular de rua cheia em dia de acontecimento, como as proprias mulheres em tão grande numero e em *toilettes* tão apparatusas, pareciam indicar qualquer coisa de anormal e festivo.

Fui andando, levado um pouco na onda da turba e fui



olhando sem poder fixar a attenção, perturbado e encantado por tanta coisa inesperada; e d'um lado e d'outro, dizendo prosperidade, abastança, mas dizendo ao mesmo tempo ostentação, elegancia, gulodice, garridice, seducção, ambição, luxo; uns após outros, portas com portas, occupando os armazens e invadindo os andares superiores das casas, vi ricos estabelecimentos, casas de modas, quinquilheiros, chapelleiros, camiseiros, perfumistas, pastelleiros, *bric-à-brac*, arte, *camelote*, por ali fóra, ao acaso da installação, seduzindo e convidando a entrar toda uma população caprichosa e opulenta, ávida de prazer e de apparatus, impaciente por civilisar-se ate ao ponto de exceder a propria civilisação, e reclamando para nutrir-se, para vestir-se, para viver e gosar, tudo quanto é bom, caro e ostentoso. E nas *vitrines*, como ás portas, em exhibições apparatusas, foi um perpassar de coisas ricas, desde os chapéus modelos que em Paris só gente opulenta póde adquirir e que no Brazil qualquer vulgar *grisette* se permite usar, até as magnificentes sedas de Lyon que toda a mulher brasileira arrasta e de que cobre todo o seu corpo, feito para a gloria da *toilette* e para a pompa do luxo. Entretanto, succediam-se, a cada esquina e a cada passo, entre as joalherias magnificas de riqueza e os grandes bazares vendendo a preços

fabulosos a moda de Londres e Paris, pastellarias e confeitarias, a trasbordar de gente.

Entrei em uma d'ellas, por curiosidade, tão extranho me pareceu que houvesse tantas e fossem tão frequentadas.

Não era bem uma confeitaria, como as nossas confeitarias portuguezas, desertas e tristes como pharmacies. Era antes uma grande mercearia que vendesse doces. Está completamente cheia de gente ruidosa que disputa logares em torno de pequenas mezas de marmore, entre as quaes circulam creados com aspecto de caixeiros servindo vinhos do Porto em copos d'agua, gelados em calices de metal, doces e empadões quentes. Quem não pôde obter logar fica de pé e de pé, soffregamente e com delicia, junto de grandes fornos aquecidos, trinca empadas de camarão e *croquettes*, de que se vae servindo á vontade e sem fiscalisação, como n'um buffete publico. Sobre um grande balcão accumulam-se presuntos de York e peças de carne já preparadas, ovas seccas de peixe, postas de tainhas em escabeche, grandes queijos de Gruyère, como rodas de carro, conservas, compotas e toda a especie de comesaina. Respira-se no recinto uma atmospheria quente de cosinha, ha um grande borborinho, e, por momentos, ouve-se o ruido de toda essa gente junta comendo.

Sáio para fóra meio asphixiado, e, da escuridão d'esse armazem, entro de subito ns claridade da rua. A's portas da pastellaria, grupos parados discutem animadamente; falla-se de politica com exaltação, um dito faz rir ás gargalhadas, mas n'isto, a passagem de uma bella mulher de olhos negros e tez côr de nespera, deixando o rasto de um perfume violento, levanta um murmurio de palavras galantes. Páro a ver quem passa, encostado como toda a gente a um humbral de porta. A rua é estreita. Um corredor, uma sala. Vê-se tudo, ouve-se tudo. Passam homens de braço dado, fallando com cordealidade, passam bandos que se conhecem, porque, a cada instante, se saúdam, passam individuos atarefados rompendo a custo entre a multidão ociosa, passam sobretudo mulheres. Quantas mulheres! Em geral vestem todas com um requintado luxo. Observo isto: que a mulher vem ver ou mostrar alguma coisa. Poucas parecem passar por acaso por essa rua atravancada de curiosos; quasi todas parecem passar de proposito e, com effeito, assim é. A rua do Ouvidor é o *rendez-vous* da belleza feminina, e não creio haver no Brazil mulher bella que não tenha por ali passado.

As mulheres que passam se não são formosas são atrahentes. Nenhuma d'ellas tem o typo definido e austero da mulher portugueza, que quando é verdadeiramente bella é rigida como uma esculptura, ou o typo petulante da parisiense, tão feia quanto graciosa, ou ainda a marca surprehendente da mulher hespanhola, mas uma particular feição, em que ha traços de todas as raças concertados na estampa de uma raça unica,—expansiva, ardente, enamorada, voluptuosa. O typo da mulher brasileira é essencialmente amoroso. A sua physionomia respira ao mesmo tempo franqueza e confidencia — confidencia do amor que ainda não conheceu, confidencia do amor que já lhe foi revelado. Todas ellas passam orgulhosamente, nenhuma com timidez, e, por um irresistivel effluvio de toda a sua pessoa, no seu porte, como no seu olhar, ao mesmo tempo doce e dominador, cada uma d'ellas parece afirmar, passando, o triumpho eterno do Amor, a soberania indestructivel da Mulher.

Mas nem todas as mulheres que passam são bellas ou attrahentes. A cada momento, cruzam-se com lindas ra-

parigas brasileiras, apparatusas húngaras, gordas quarentonas hespanholas, enigmaticas polacas, trajando com exaggero modas de estação, ostentando joias custosas em todo o busto e cobrindo com densas *toilettes* de seda faces que perderam a frescura e olhos que já tiveram fulgor. No entanto olham-nas com interesse, pergunta-se-lhes o nome e ha quem lhes fale e as acompanhe ao buffete das confeitarias.

Dez minutos parado a uma porta e fico comprehendendo o papel da mulher no Brazil. N'este paiz, a mulher domina como soberana. Ouvi que o Brazil é o paraizo das mulheres. Assim o fico crendo. A mulher deve ser, entre esta raça, superior a todas as coisas. Vel-a passar n'essa rua e comprehender a commoção que ella causa, é ter reconhecido todo o alcance do seu prestigio. Inspira devoção, tem um culto. Não é a mulher companheira do homem, sua irmã de trabalhos e de penas; é a mulher idolo, a mulher sacrario. Mãe, filha, esposa ou cortezã, ella será n'este paiz e para este povo a suprema instigadora, e a sua vontade como o seu capricho terão o cunho authentico de leis, assim no lar como nas alcôvas. Será ella quem predomine e da sua boa ou má influencia dependerá talvez o destino historico d'esta nacionalidade.

Resolvo-me no entanto a percorrer a rua toda. Esbarro com um ajuntamento á porta da redacção de um jornal, que acaba de affixar as ultimas noticias da sessão parlamentar, mais adiante páro á porta de uma casa cheia de pessoas impacientes que jogam nas corridas e nos frontões e esperam que um *book-maker*, de pé, sobre uma escada, inscreva n'um grande quadro preto os nomes dos *gagnants*. Não tenho dado dez passos que não seja novamente obrigado a parar, porque um novo ajuntamento se formou em torno de um homem alto que discute não sei que alarmante noticia politica e, atordado, já distinguindo mal as cousas que vejo, penetro em uma livraria que annuncia novidade de Paris.

Finalmente consigo adquirir um pouco de calma, repousar os nervos e a vista, e continuo descendo. Um predio em obras atravanca metade da rua e n'esse ponto a circulação é mais penosa.

Succedem-se os estabelecimentos de luxo, as ourive-sarias e as quinquilherias, os camiseiros e os bazares de moda, até que lá para o fim da rua se faz uma clareira, o movimento diminue e o ruido é menor. Um grupo de policias mulatos estaciona a uma esquina, dois vendedores de jornaes apregoam lentamente, marcando as syllabas, os jornaes da tarde; uma carroça atravessa com estridor e, subito, os sinos de uma igreja começam a repicar alegremente.

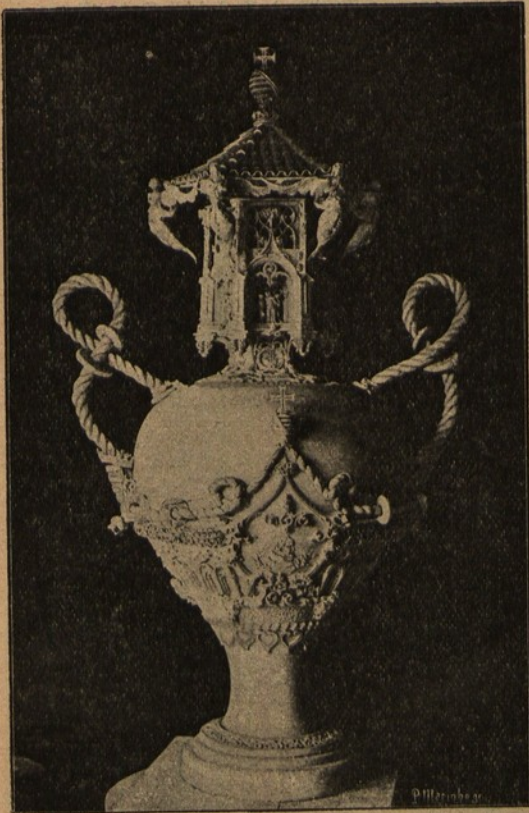
Olho então para traz e, repousadamente, livre de encontrões e longe do borborinho, considero com pasmus essa ruella sem luz e pergunto a mim proprio por que razão escolheu a população de uma cidade tão bella um logar tão feio e triste para passeiar, para se exhibir e para conversar. Na luz nitida da tarde, a casaria d'esse bairro de mercadores affigura-se-me lobrego. Pesa-me tanta estreiteza, causa-me tonturas vêr tanta gente em tão pequeno recinto, tanta falta d'ar, tão pouco sol, e recordando que havia bellas e radiantes montanhas a ver, uma opulenta enseada, largos horisontes, corri a um tilbury que passava e, tendo recolhido a pequena bagagem que trouxera de bordo, mandei rodar para a Pensão.

E enquanto o carro me levou através o velho bairro, não quiz vêr mais. Intransigentemente, fechei os olhos.

CALDAS DA RAINHA



A FABRICA DE FAIANÇAS



JARRAS EXECUTADAS POR R. BORDALLO PINHEIRO

○ JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

Continuam sendo o assumpto europeu da mais palpitante actualidade as festas do jubileu diamante da rainha Victoria. Pelos jornaes diários tem os nossos leitores seguido todas as phases d'es-as festas que, por isso, achamos escusado repetir.

D'entre as muitas anedoctas contadas pelos jornaes inglezes, desligamos esta que se refere a *um apaixonado da rainha*:

Hunnings, filho de um rico proprietario, habitava proximo dos jardins de Kennington; tinha vinte e cinco annos, quando, encontrando todos os dias a joven princeza Victoria de Kent, se apaixonou perdidamente por ella. A policia, preoccupada por as suas assiduidades, abriu um inquerito; depois, convencida de que não havia nenhuma intenção criminosa, limitou-se a vigial-o. Hunnings, a quem bastavam a principio os longos extasis debaixo das janellas da bem-amada, começou a seguil-a pelas ruas do parque, procurando mil occasiões de lhe dirigir as mais profundas reve encias, a ponto de a princeza o tomar por um mendigo. Compreendeu o seu erro no dia em que notou que, não contente em a seguir nos seus passeios a pé, o desconhecido, todas as vezes que ella sahia de carro, a seguia n'uma equipagem exactamente semelhante á sua, á excepção das armas.

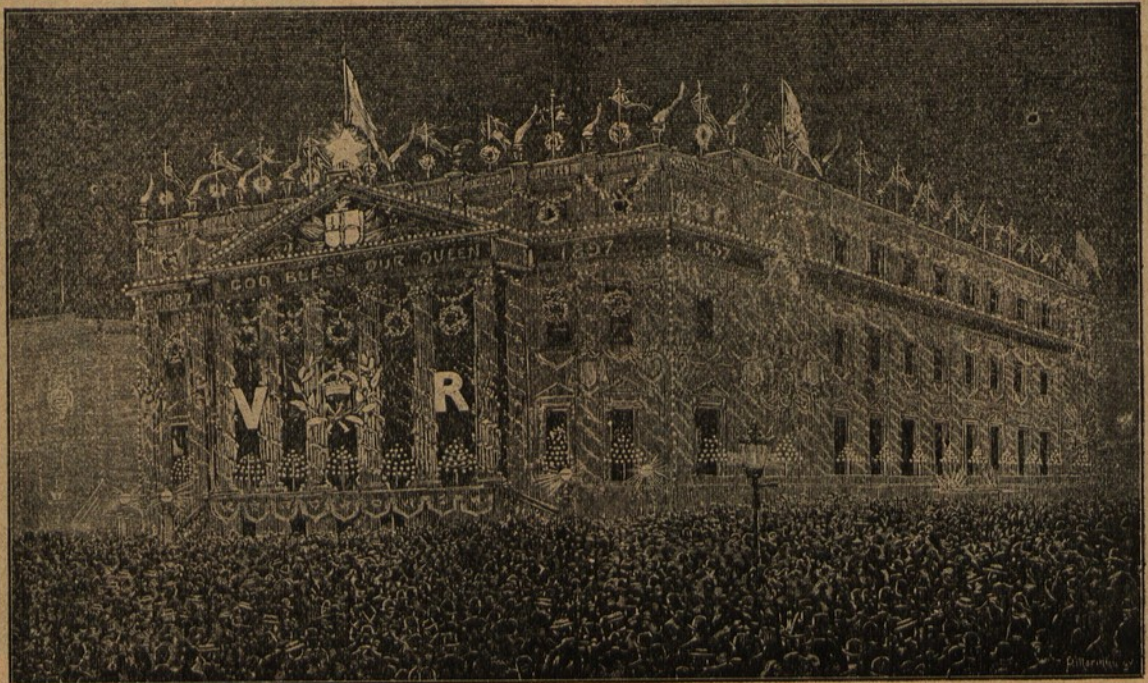
Gravemente offendida, pediu que a livrassem das obsessões d'aquelle rapaz. Hunnings tomou então a heroica decisão de declarar o amor que o abrazava: escreveu á herdeira da Corôa, e pediu-lhe a sua mão. A carta, naturalmente foi interceptada, mas Hunnings não perdeu a sua coragem e continuou a escrever. Essa constancia foi recompensada.

Uma bella manhã, o carteiro entregou-lhe uma carta assignada «Victoria». A signataria dizia-lhe que partilhava os seus sentimentos, mas que a duqueza de Kent punha obstaculos ao casamento; exhortava o a ter paciencia e jurava não pertencer senão a elle. Emquanto esperavam, pedia lhe que deixasse as suas cartas n'um canto do parque que ella mesma lá as iria buscar. Hunnings nunca pensou que esta carta fosse uma mystificação; durante longos mezes recebeu todos os dias respostas que, a prin-



CHEGADA DO CORTEJO A S. PAULO (De L'illustration)

cipio modestas, se inflammaram completamente e lhe fizeram perder de todo a razão.



ILLUMINAÇÕES DE MANSION-HOUSE (De L'illustration)



O CORTEJO DOS PRINCIPES EM HYDE-PARK (De L'illustration)

Quando a joven Victoria subiu ao throno, Hunnings escreveu-lhe uma carta sublime, e fez no altar da patria o sacrificio do seu amor. Mas o seu delirio tornou-se desde então incuravel. Um dia que, in'um bazar de caridade, se tinha, antes da sua chegada, vendido uma obra

d'agulha feita pela rainha, Hunnings teve um tal acesso de furor, que tiveram de lhe vestir a camisola de forças. Morreu em 1839, antes de ter conhecimento das bodas da rainha com Alberto de Saxe-Coburgo. Até ao fim julgou-se amado.

O Comício de Lisboa, no dia 27 de Junho

POR

CELSO HERMINIO



DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE

CADA um é do seu tempo! Eis uma phrase que muito embora seja banal, não deixa comtudo de ter um grande fundo de verdade e de philosophia.

Pina Manique o celebre intendente geral de policia do reinado de D. Maria I. o magistrado implacavel que tão triste memoria nos legou, foi profundamente o homem do seu tempo.

Pupillo mui dilecto de Pombal, e, após a morte d'este, investido no pouco amovavel encargo de presidir á policia da côrte e do reino, o famoso magistrado teve de acarretar com todo o odioso d'essa formidavel commissão.

E que difficuldades se levantavam então a embaraçar os desejos de policia o reino! que excessos de rigor não era preciso empregar para conseguir alguma coisa!

Com a elevação ao throno da rainha D. Maria, findara a preponderancia do Marquez de Pombal; e com a queda do grande ministro coincidia uma transformação extraordinaria em todo o reino, um rebaixamento enorme de auctoridade governamental, um cahos, finalmente no meio do qual se debatiam a piedade da rainha, só devotada aos assumptos religiosos, e a fraqueza e insanidade dos ministros que a soberana escolhera para substituirem o grandioso estadista de seu pae.

Foi n'estas condições que Pina Manique tomou a investidura da intendencia geral da policia.

A licença e a dissolução haviam já ultrapassado todas as traças. Bandos de vagabundos enxameavam as ruas, fazendo d'ellas theatro das suas indecorosas façanhas, e o gabinete, que presidia aos negocios publicos, frouxo e inepto para o desempenho de sua missão, apenas aggravava de vez em quando o mal com os seus actos de intolerantismo e de requintada fraqueza.

A mão firme de Pina Manique susteve até certo ponto essa extraordinaria dissolução. Usando e talvez abusando dos poderes discricionarios que lhe foram conferidos, exercendo por vezes represalias temiveis contra os preparicantes, o façanhudo desembargador adquiriu a reputação de descaravel despota.

Era natural.

Todavia, do mesmo modo que toda a medalha tem reverso, a biographia de Pina Manique tambem tem um lado, summamente lisongeiro para o notavel magistrado, que o torna menos aborrecido, e talvez até estimado, quando largamente se explane essa parte importante da sua vida.

E' a sua caridade, o seu zelo pelo desenvolvimento do ensino, é, finalmente, a criação do importante estabelecimento chamado Casa Pia.

Por meio d'esse estabelecimento intentou Manique, e até certo ponto conseguiu, debellar a vadiagem que punha em sobresalto continuo os habitantes pacificos de Lisboa, quando viu que falhavam os meios violentos, que chegavam a ser verdadeiras campanhas travadas nas vielas, troteios até, para que eram chamadas as forças do exercito regular, visto a deficiencia numerica da policia.

Quando o seu raciocinio, e o desenvolvimento dos seus meios d'acção, lhe apontaram a previdencia como elemento mais adequado para corrigir os maus costumes, Pina Manique instituiu no Castello uma especie de prisão penitenciaria, como se diz actualmente, onde encerrando todos os vadios a que poude lançar mão, sugentando-os a um regimen de trabalho e de ordem.

Foi o inicio da Casa Pia.

Seguidamente vieram os orfãos e as creanças abandonadas preencher as vastas salas do piedoso instituto, e em pouco tempo a iniciativa poderosa de Pina Manique transformava tudo aquillo n'uma escola grandiosa e proficentissima.

Para os adultos, — homens e mulheres — officinas onde se fabricavam lonas, brins, cabos de laborar, além de



se exercitarem outros officios triviaes, como sapataria, alfaiataria, carpintaria, etc.; para as creanças, escolas de sciencias e de humanidades.

Mas não foi só isto a obra de Manique: na intenção de desenvolver o ideal d'uma reorganisação do ensino scientifico e de bellas artes, que Pombal apenas deixou esboçado, o intendente creou a *Academia do nu*, uma aula importante de desenho superior; estabeleceu em Roma um pensionato para aperfeioar nas bellas-artes os seus alumnos da Casa Pia; creou outros pensionatos em Copenhague e em Edimburgo para desenvolvimento dos estudos de medicina e cirurgia, deu incremento a todos os estudos da capital proporcionando-lhe farta frequencia com os seus orfãos do Castello; finalmente a propria musica não esqueceu a Pina Manique, que foi um dos que mais concorreu para a fundação do theatro de S. Carlos, e já antes d'isso se prezava de honrar a famosa arte de Orpheu, realisando magnificos concertos no Castello onde acudia a melhor roda de Lisboa.

Intolerante e severissimo, não ha duvida, levando mesmo a sua prosapia, auctoritaria ás vezes, a tremendas perseguições ou a ridiculos desconchavos, Pina Manique, o despotico intendente, mereceu bem a triste reputação que tradicionalmente se ligou ao seu nome; mas a historia imparcial não pôde nem deve esquecer os grandes serviços que prestou ao ensino e o desvello que manifestou pela pobreza, e ha-de veneral-o como merece.

Emquanto existir a Casa Pia, a sua instituição predilecta e ao mesmo tempo o nuncio do seu civismo, Pina Manique será honroso pedestal. Se a não pode glorificar, esmaece ao menos, as manchas que empanam a sua memoria.

CESAR DA SILVA.



HERMANN E DOROTHÉA

(EXCERPTO)

“**A**SSIM como o viajante, ao pôr do sol, fixa uma vez ainda os olhos n'esse astro, que desce do horizonte e desaparece, os seus olhos deslumbrados vêem-lhe fluctuar a imagem n'um bosque sombrio e proximo de um rochedo; para qualquer parte que dirija os seus olhares vê-a no mesmo instante reproduzir-se, e, vacillante, irradiar esplendidas côres: do mesmo modo Her-

Avança para ella com alegria, e reanimado pela sua vista emquanto ella se mostra vivamente admirada:

— Mulher activa, diz elle, vejo-te ainda n'este momento, como pouco antes, occupada em alliviar os males alheios, em socorrer a humanidade que soffre. Dize, porque vens sósinha a esta fonte distante, ao passo que os teus companheiros se satisfazem com as que lhes ficam proxi-



— Quero beber d'essa agua...

mann vê a imagem da aldeã passar ligeiramente por deante d'elle, e seguir a vereda que conduz a sua casa. Mas, de repente, sae do sonho que o espanta, e volta com lentidão os seus passos para a aldeia: recae na mesma admiração, vê reaparecer, vê chegar ao seu encontro a forma admiravel. Considera-a com a mais viva attenção; não era uma imagem illusoria, era a propria pessoa: sustentando com as suas mãos pelas azas dois cantaros de tamanho desigual ia depressa para chegar á fonte.

mas na aldeia? E' verdade que a agua d'esta fonte é dotada de uma virtude particular e que se bebe por gosto; naturalmente queres levar a áquella doente a quem salvaste a vida com tanto zêlo.

A amavel rapariga fez uma graciosa cortezia ao seu interlocutor.

— O trabalho que tenho em vir a esta fonte está já recompensado, respondeu ella, pois torno a encontrar o homem generoso que nos auxiliou tanto com os seus

presentes : o aspecto do bemfeitor é tão agradável como o benefício. Venha commigo, venha vêr com os seus propios olhos aquelles a quem chegou a sua generosidade, e receber os agradecimentos dos corações tranquillos a quem reanimou. Devo no entretanto dizer-lhe a razão por que venho sósinha buscar agua a esta fonte abundante e pura. A' chegada, muitos homens imprevidentes, turvaram todas as aguas da aldeia, fazendo passar os cavallos e os bois pelo reservatorio que as fornece aos moradores; e o cuidado de lavar as roupas e os

— Quero beber d'essa agua, disse de repente Hermann, satisfeito.

Ella offerece-lhe o cantaro. Ficam ambos sentados no muro com uma confiança ingenua, encostados ás vasilhas.

Passado pouco, disse ella ao seu amigo :

— Fala, dize como é que te encontro n'este logar? e sem a tua carruagem nem os teus cavallos, longe do ponto em que te encontrei a vez primeira; porque viestes aqui?



Carregado com aquelle precioso fardo...

utensilios sujou a de todos os poços e todos os bebedouros : cada qual não pensa senão em si ; absorvido pela necessidade presente, satisfaz-a promptamente e com ardor ; a necessidade seguinte está longe do seu pensamento.

Dizendo estas palavras desceu os largos degraus acompanhada por Hermann ; sentam-se ambos no pequeno muro da fonte. Ella debruça-se sobre a agua para encher o cantaro ; elle pega no outro e debruça-se ao lado d'ella tambem. Vêem ambos na agua as suas figuras, fluctuantes sobre um céu azulado ; falam-se por um movimento de cabeça e saudam-se ternamente n'aquelle espelho.

Hermann pensativo baixava os olhos. Levanta, em seguida, um olhar brando para Dorothea, fixa-o com ternura nos olhos da sua amada, e sente que o seu coração se acalma e tranquillisa. Comtudo, não podia falar-lhe do seu amor ; o olhar da formosa rapariga não annunciava essas disposições, mas sim intelligencia e seriedade, e exigia uma resposta dictada pela razão. Assim, decide-se rapidamente, e diz-lhe no tom da mais serena confiança :

— Escuta-me, minha filha, vou responder á tua pergunta. Fôste o motivo da minha vinda ; para que occultal-o ? Meu pae e minha mãe, aos quaes muito amo,

occupam-se da felicidade da minha vida; eu, como seu filho unico, ajudo-os com zêlo e fidelidade no governo da nossa casa e dos nossos bens; cada um de nós tem trabalhos designados e esses trabalhos são muitos: eu cuido do cultivo de todos os nossos campos, meu pae é o administrador vigilante da casa, e minha activa mãe governa e anima toda a vida interior e domestica. Mas seguramente conheces pela tua experiencia quanto os creados, ora por levandade, ora por má fé, atormentam a dona da casa, a obrigam a renovar-os com frequencia, isto é, a trocar os seus defeitos por outros defeitos. Minha mãe, ha muito tempo que deseja ter ao pé d'ella uma pessoa que a allivie, não só trabalhando, mas tambem interessando-se e affeioando-se na casa, e que substitua a sua filha querida, que falleceu na flôr da idade. Apareceste hoje na frente do meu carro; vi-te entregue de tão bom grado a cuidados generosos, vi que a força e a saúde faziam ainda realçar em ti as outras vantagens da mocidade, ouvi a razão falar por tua bocca; captivado, corri para gabar a meu pae, a minha mãe e a nossos amigos a estrangeira, em conformidade com os merecimentos d'ella! Emfim, dir-te-hei o que elles desejam bem como eu... Desculpa-me o embaraço...

— Não receie concluir, responde ella; longe de estar offendida, encontra-me cheia de reconhecimento; fale francamente, não pode atemorizar-me o que me vae dizer. Quer-me contratar como creada para serviço de seu pae e de sua mãe afim de conservar a ordem que reina em sua casa, e parece-lhe encontrar em mim aquella que lhes convém, uma rapariga ajuizada, activa e de caracter brando. A sua proposta era curta, a minha resposta selo-ha tambem. Sim, acompanho-o, e creio d'este modo seguir o meu destino. Aqui, está cumprido o meu dever, entreguei a doente a seus parentes, que se congratulam por vê-la salva; a maior parte d'elles estão reunidos, os outros não tardarão a juntar-se-lhes. Todos asseguram que em breve chegará o momento de voltarem á sua patria; os exilados gostam de lisonjear-se com esse pensamento: eu, n'estes dias desgraçados, que nos fazem temer outros ainda, não me embalo em esperanças ligeiras. Estão quebrados os laços do mundo; quem os atará de novo? será tão sómente a necessidade, trazida pelo excesso das desgraças que nos presagiam aquellas de que somos testemunhas. Se é possível eu sustentar-me servindo sob as ordens de sua virtuosa mãe, na casa de seu venerando pae, estou inteiramente disposta a isso; porque a reputação de uma rapariga só é sempre incerta. Sim, acompanhá-lo-hei, logo que tenha levado estes cantaros cheios aos meus amigos, e recebido d'estes as suas bençãos. Venha connigo, desejo que os veja, e que me receba das mãos d'elles.

Hermann, exaltado por vê-la tão disposta a segui-lo,

delibera se deve n'aquelle momento informal-a do verdadeiro motivo que o conduz; mas resolve-se a deixal-a no seu equivoco, sentindo já felicidade sufficiente em poder conduzil-a para sua casa, onde lhe pedirá o coração e a mão. Mas, ó perplexidade! viu-lhe no dedo um anel de ouro, e foi isso o que o levou a não a interromper, a escutar attentamente todas as suas palavras.

— Vamo-nos d'aqui, continuou ella: são muito censuradas as raparigas que se demoram ao pé das fontes, e no entretanto é tão agradável estar conversando ao pé da agua que se sente cahir!

*
* * *

«... Levantam-se, descem, dirigem os seus passos ao longo do campo atravez das ricas cearas. Encontrando prazer na claridade nocturna, chegam á vinha, e começam a andar no escuro. Elle condul-a por cima das pedras numerosas e informes, que são degraus da latada. Ella desce a passos vagarosos, com as mãos apoiadas nos hombros do seu guia: a lua, cuja luz fugitiva vacillava por entre a folhagem da parreira, lança sobre elles os seus derradeiros olhares, e em breve, rodeada de nuvens tempestuosas, deixa o par em trevas. Hermann, cheio de força, vae todo attento em amparar a sua companheira, inclinada sobre elle para firmar os passos; mas, como ella não conhece aquelle atalho nem aquellas pedras de massas deseguaes, falta-lhe um pé, que lhe dá um ligeiro estalido, e vae para cahir; de repente o guia intelligente, volta-se para ella, estende o braço e sustem a sua bem amada; esta cae-lhe suavemente sobre o hombro; os seus peitos, as suas faces tocam-se. Imovel como o marmore, contido pelas ordens severas da sua vontade, não a aperta ao peito com abraço forte, e limita-se a não ceder ao pêso. Carregado com aquelle precioso fardo, passa por uma sensação cheia de encanto; sente as pulsações e o calor do coração da sua amante, bebe o halito embalsamado que se expandia dos labios d'ella, e ampara como homem delicado e sensível a formosa rapariga, ornamento do seu sexo pela sua belleza e pela perfeição do seu vulto.

Para disfarçar a dôr que sentia:

— E', diz ella gracejando, um mau presagio, segundo o parecer das pessoas graves, quando ao entrar n'uma casa, não longe da porta, o pé se torce e estala. Porque não havia de eu ter melhor agouro! Paremos um bocca-do: que haviam de dizer teus paes se tu lhes apparecesses com uma creada coxa? não provava muito a favor da tua intelligencia.»

(Versão de FERNANDES COSTA)

GOETHE.

NASCENTE

Estou cheio de ti, como os espaços,
Estão cheios de céu, de lado a lado!

Luiz Delino.

Espero ainda a carta perfumada
— Mensageira gentil do teu carinho, —
Que ha de cantar á luz d'essa alvorada,
Como ave afflictá, que fugiu do ninho.

Dá-me a beber, — além da luz doirada,
Do olhar, eni que outro céu rasgo e adivinho, —
No doce harpejo d'essa voz amada,
A ancia de um philtro, a embriaguez de um vinho!

Azas de ouro agitando, abre-se agora
Esta manhã de amor, que um vão desejo
Em fogo accende, de festões enflora...

Vamos... manda-me, emfim, d'um leve adejo,
— Batedores da luz, pagens da aurora, —
Uma palavra, uma caricia, um beijo!

OSORIO DUQUE-ESTRADA.

ARTISTAS MORTOS

VICENTE ROBERTO



Vimos hoje, com a alma alanceada por uma profunda saudade, registrar o primeiro anniversario do fallecimento d'essa sympathica individualidade que se chamou Vicente Roberto, prestando a devida homenagem a esse incomparavel amigo que soube conquistar um nome imporreiro no toureio portuguez, onde é contado entre os seus grandes mestres, e nobilitar-se por actos de philantropia em que se reflectiu a bondade da sua grande alma.

Nada mais grato para nós do que evocar esse vulto saudoso que sempre nos distinguui com uma immerecida sympathia; o que sentimos é não podermos dizer com profundos traços de verdade o que Vicente Roberto valeu como homem e como artista; mas a pallidez da nossa linguagem será animada pela affectuosa lembrança que, das brilhantes qualidades d'este illustre morto, todos conservam arraigadas na alma.

Graças á extrema lhaneza e affabilidade do seu trato, á honradez immaculada do seu character e ao seu coração sempre aberto ás emoções do bem, Vicente Roberto viu crear-se e desenvolver-se em volta de si uma enorme sympathia e consideração, o que sem duvida devia contribuir para lhe suavisar a vida, limpida como o crystal, mas torturada pela doença que se aggravára enormemente nos ultimos annos.

Amigo dedicado, galgava por cima das maiores difficuldades e sacrificios para servir os seus amigos, fazendo um perfeito contraste com a sociedade actual, tão degenerada; philantropo benemerito, via na felicidade dos outros a sua propria felicidade; era assim que dispndia uma grande parte da sua fortuna, adquirida já nos traba-

lhos da arena, já na agricultura e criação de gado bravo, em proteger hospitaes, monte-pios e outras casas de beneficencia, e em socorrer muita pobreza ignorada, enxugando muitas lagrimas e fazendo renascer a esperança no peito dos desgraçados.

Como bandarilheiro Vicente Roberto occupou desde muito novo um dos primeiros logares entre os mais illustres artistas tauromachicos de Portugal.

Agil, audacioso e infatigavel a sua vida de toureiro foi uma serie ininterrupta de calorosos triumphos; só seu irmão Roberto da Fonseca o podia egualar no trabalho de bandarilhas, nos recortes á cabeça do toiro sem o auxilio de capa, e em outras sortes que executava com g aça e arte inexcediveis e que faziam bramir de entusiasmo os *aficionados*.

A sua fama de lidador eximio estendeu se até á propria Hespanha, chegando a tourear em Badajoz, com seu irmão Roberto da Fonseca, touros desembolados.

Alli, as hespanholas que se delicias com essas luctas titanicas entre o homem e o animal e que applaudem com frenesi o pouco edificante espectáculo do toiro que ajoelha agonisante aos pés do matador, as hespanholas, delirantes de entusiasmo ao ver o grande artista endoidecer, subjugar e dominar o toiro com as voltas garbosas da sua capa vermelha, romperam na mais vehemente manifestação, cobrindo o distinctissimo artista com uma nuvem de flores e de palmas.

D'essas ovações delirantes que lhe embriagaram a alma conservava Vicente Roberto as mais saudosas recordações. E nos ultimos annos de vida como não lhe seria doloroso ver-se impossibilitado para o toureiro que tanto amava por causa da cruciante doença que dia a dia lhe vinha minando a existencia!

De vez em quando, a pedido dos amigos, lá descia á arena para collocar um magistral par de ferros em que se revelava sempre o primoroso e distincto artista de outros tempos. N'essas occasiões, que bem raras eram, divisava-se-lhe na physionomia, cheia de bondade, uma passageira alegria, e Vicente Roberto sahia sempre da praça coberto das mais ruidosas ovações de apreço e de sympathia.

O nosso semanario não comporta longas biographias, razão por que nos limitamos a condensar uns traços biographicos que resumem, em synthese luminosa, o alto valor d'esse homem que a par d'um grande artista foi um honrado e infatigavel trabalhador, chegando a adquirir uma opulenta fortuna, e um coração d'oiro que espalhou tantos beneficios pelos pobresinhos da sua terra natal e por diversos estabelecimentos de caridade do nosso paiz; uns e outros ainda pranteiam a perda irreparavel que soffreram e cobrem de bençãos e flores o marmore frio do seu tumulo.

Hoje, dia do primeiro anniversario da sua morte, depomos sobre o tumulo do nosso querido amigo um *bouquet* de sinceras saudades.

*
* *

Vicente Roberto nasceu na villa de Salvaterra de Magos em 1836. Foram seus paes D. Maria Gertrudes da Fonseca e Antonio Roberto da Fonseca, que foi tambem um toureiro muito distincto.

Vicente Roberto chegou a aprender o officio de alfaiate; manifestando, porém, decidida vocação para o toureio principiou a applicar-se á arte tauromachica, toureando em Almada aos 13 annos.

O conde de Vimioso, que assistia á corrida, ao ver a maneira como Vicente Roberto acabava de evidenciar a sua aptidão para as lides tauromachicas, depois da corrida, desceu á arena, abraçou-o, incitando-o ao estudo, e offereceu um fato completo de bandarilheiro.

Quando aprendia o officio de alfaiate em Villa Franca de Xira, fez parte da philarmonica da terra no intuito de

aproveitar o denominado «*boi para a musica*», o que se costumava fazer nas corridas do Ribatejo.

Aos 18 annos começou a apresentar-se como toureiro de profissão, juntamente com seu pae, seu irmão João Roberto, que foi igualmente um excellent bandarilheiro, e outros artistas.

Em 1858 estreiou-se na praça do Campo de Sant'Anna, e estão bem vivas na memoria de todos as ovações que ahi alcançou. A sua reputação firmou-se cada vez mais e em 1861 entrou para o quadro effectivo de artistas contractados pelo empresario Alegria

O seu primeiro beneficio realisou-se em 1862, apresentando-se n'elle seu irmão Roberto da Fonseca, que sendo convidado a tomar parte se recusára a principio em virtude da sua grande modestia e que se tornou um dos mais notaveis mestres do toureiro nacional.

E' impossivel dar uma nota de todos os triumphos, ovações e festas artisticas de Vicente Roberto; o publico corria sempre pressuroso a saudal o freneticamente e os bilhetes attingiam um preço elevadissimo. Toureou em todas as praças de Portugal, e em Hespanha na de Badajoz em 1865, correndo touros desembolados e alcançando um legiimo successo. Tomou parte, bem como seu irmão Roberto da Fonseca, na tourada á portugueza com que se inaugurou a praça do Campo Pequeno.

Em 10 de setembro de 1888, toureando na praça da Figueira da Foz, ficou gravemente ferido, e teve que recolher a uma das enfermarias da Misericordia da Figueira.

Vicente Roberto, debatendo-se entre a vida e a morte, recebeu innumeradas provas de sympathia e dedicação, tanto do digno provedor sr. commendador Affonso Ernesto de Barros (ultimamente agraciado com o titulo de visconde da Marinha Grande), como dos srs. drs. Frederico Nogueira de Carvalho, Fernando de Mello, José Jardim, etc., e dos empregados e enfermeiros do hospital, que lhe proporcionaram os maiores carinhos.

Apenas se restabeleceu, contemplou aquelle magnifico estabelecimento com um importante donativo e no seu testamento deixou-lhe um legado, manifestando assim a sua gratidão.

Depois d'este lamentavel desastre aggravou-se-lhe cada

vez mais a doença, e a medicina, exhaustos todos os recursos, declarou-se impotente para a vencer.

Após um doloroso e prolongado martyrio, que supportou com a paciencia d'um martyr e a resignação d'um santo, falleceu ás 11 horas da manhã do dia 1 de junho de 1896, rodeado de toda a sua familia, que durante tanto tempo disputou á morte aquella preciosa existencia, só dedicada ao bem e ao util, e que mais uma vez deu eloquentes provas da grande amizade e solidariedade que havia entre os irmãos Robertos e o seu sobrinho, o nosso presadissimo amigo e distinctissimo bandarilheiro João Roberto, que algum dia será o digno representante d'essa raça de artistas.

A lugubre noticia do seu fallecimento, se bem que não surpreendesse os que sabiam do seu gravissimo estado, produziu na sua terra natal e em todos os pontos do paiz uma enorme consternação em todas as camadas sociais. O seu funeral, embora por expressa determinação do glorioso artista fosse o mais modesto possivel, assumiu um caracter de veras grandioso e imponente, accorrendo a Salvaterra todos os seus amigos, collegas e admiradores a fim de lhe renderem as derradeiras homenagens. N'esse dia viu-se bem qual a entranhada afeição que a Vicente Roberto dedicava todo o povo de Salvaterra, desfiland'o reverente e commovido perante o seu feretro e espargindo mil benções sobre aquelle que foi um dos seus filhos mais dilectos e um dos seus mais devotados protectores. Assim Vicente Roberto, que durante a vida se viu rodeado dos maiores affectos e admirações, depois de morto teve todas as honrarias a que tinha direito, sendo conduzido á ultima morada por entre as alas compactas dos amigos.

Vicente Roberto, evidenciando mais uma vez os seus sentimentos piedosos, deixou em testamento varios legados ás Misericordias de Salvaterra de Magos, Figueira da Foz, Coruche, Santarem e ao Monte-Pio de Salvaterra.

O grande artista reviverá na memoria da familia amantissima, no coração da qual deixou um immenso vacuo, e na lembrança dos que tiveram a felicidade de privar com elle e conhecer as qualidades do seu bellissimo caracter.

Coimbra, 1 de junho de 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.

NA GUERRA TURCO-GREGA UM VOLUNTARIO PORTUGUEZ



José Maria Furtado de Mendonça

EM 24 de abril d'este anno desapareceu de casa de seus paes, o dr. Aureliano de Mattos, distincto advogado nos auditórios de Lisboa e a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Leopoldina Furtado de Mendonça, o estudante do 3.^o anno da Polytechnica José Maria Furtado de Mendonça. 48 horas depois é que se soube o seu paradeiro: tinha partido para a Grecia, a occultas da familia, alistar-se como voluntario sob a bandeira

grega. Ali fez prodigios de valor e actos de bravura, que lhe valeram os melhores attestados da parte dos seus chefes e os maiores elogios dos jornaes athenienses, entre os quaes destaca o diario official que se occupa do nosso compatriota nos seguintes termos:

«Da divisão garibaldina de Kilsiotte, sobressai pelo va-

lor e animo com que combate o intrepido «Camisa vermelha», e amigo entusiasta dos gregos, José Maria Furtado de Mendonça. Conforme o dito de Kilsiotte, este joven leão encara a morte como um verdadeiro heroe...»

Entre os attestados que o moço estudante traz da sua bravura nós combates em que tomou parte, avulta um, muito honroso, assignado por Ricciotti Garibaldi, o commandante da secção franceza:

Furtado de Mendonça propõe-se compilar em livro todas as notas que tomou de tudo o que viu e em que tomou parte, ajuntando n'esse livro todos os documentos que possui. Entre esses documentos destaca a seguinte carta que o heroico moço recebeu ha dias:

«Egregio sig. de Mendonça.

Con piacere le unisco il suo congedo in questo. Ella trovera una promozione ben meritata.

Prendo la libertà di stringerle caldamente la mano nella doppia qualità di valoroso compagno d'armi e di rappresentante delle generoso popolo portuguese.

18 giugno 1897

Riopreddo

Prov. di Roma

Italia

Suo devot^{mo}

Ricciotti Garibaldi.»

Furtado de Mendonça foi promovido a official do estado-maior e é condecorado com a medalha de prata. O governo grego vae dar-lhe a *Gran-cruz* da Grecia.

O *Branco e Negro* publicando o retrato do valente voluntario portuguez presta a sua homenagem ao valoroso moço que tão bem soube honrar lá fóra a sua patria.

O S. JOÃO EM ALMADA!



PROCISSÃO DE S. JOAO EM ALMADA (segundo uma photographia do sr. dr. Judice Pragana)

Os Caminhos da Vida

(De Victor Hugo)

Ha dois caminhos na vida :
um quasi ermo, ridente,
contorneia docemente
a ladeira regular.

Mal repara o caminhante
nas mudanças de horizonte ;
é como as aguas da fonte
que passam sem murmurar !

Outro — torrente sem dique —
serpenteia em paroxismos,
salta as fragas e os abismos
bracejando em confusão !

Um é curto ; onde elle acaba
nasce o outro extenso e rude ;
o primeiro é o da virtude,
o segundo o da ambição !

GERMANO VENDRELL.

O Livro da Vida

(De Lamartine)

Existe um livro supremo
onde mão desconhecida
os transe da nossa vida
instante a instante gravou ;
livro tal que se não póde,
desde o começo ao desfecho,
nem relêr no mesmo trecho
nem reabrir onde fechou.

Ao passo que vae narrando
a vida calma ou revolta,
ha uma folha que se volta
machinalmente, fatal !
Ainda a pagina do amor
quizeramos repetir,
e já a da morte, a seguir,
vae dando a volta final !

GERMANO VENDRELL.

SECÇÃO RECREATIVA

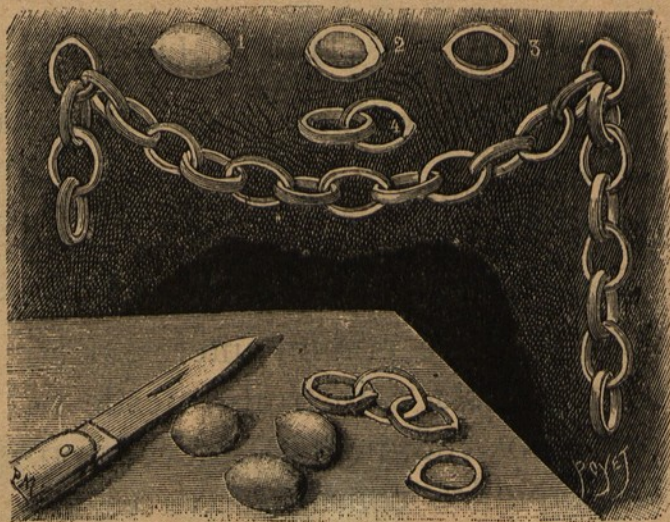
CADEIA DE CAROÇOS DE CEREJAS

Não devemos deixar passar a estação das cerejas sem dar o meio de utilizar os seus caroços na confecção de uma cadeia original, que se vê no desenho junto.

O n.º 1 mostra o caroço bem lavado; esse caroço é dividido em duas partes por uma nervura mediana; corte-se a canivete uma das faces, em pequenas partes successivas; o caroço não é tão duro como parece e de pressa se chegará a pôr a descoberto a amendoa (n.º 2); corta-se da mesma fórmula a outra metade, do outro lado da nervura, tire-se a amendoa e alisem-se os bordos do anel assim obtido (n.º 3).

Prepare-se um certo numero de anneis semelhantes, que se obtem escolhendo os caroços de igual tamanho; e, poisando-os em cima da meza, pratique-se com um canivete uma fenda em alguns d'elles; a materia do anel é bastante elastica para que elle se possa abrir, alargando a fenda, e fazer passar por ali um outro anel; logo que este anel tenha passado, o primeiro fecha-se com tanta precisão que o olhar mais experiente não dá pela fenda

Para simplificar, pôde fender-se apenas um anel da cadeia, de dois em dois, e passar dois anneis inteiros



n'aquelle que está fendido. Com um bocado de paciência conseguir-se-ha fazer isto, tanto com caroços de cereja como com caroços de outros fructos.

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND,,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, Rua Augusta, 95, Lisboa

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exerccio e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52 - Rua Augusta, 52, 54 - LISBOA

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



SARAH BERNHARD na *Jeanne d'Arc*

PREÇO 40 REIS

N.º 67

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Ilustrações de todas
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios. .
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante. Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento. Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc. Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas. Representante. : — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

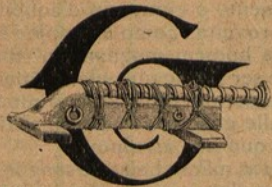
N.º 67

LISBOA, 11 DE JULHO DE 1897

2.º ANNO

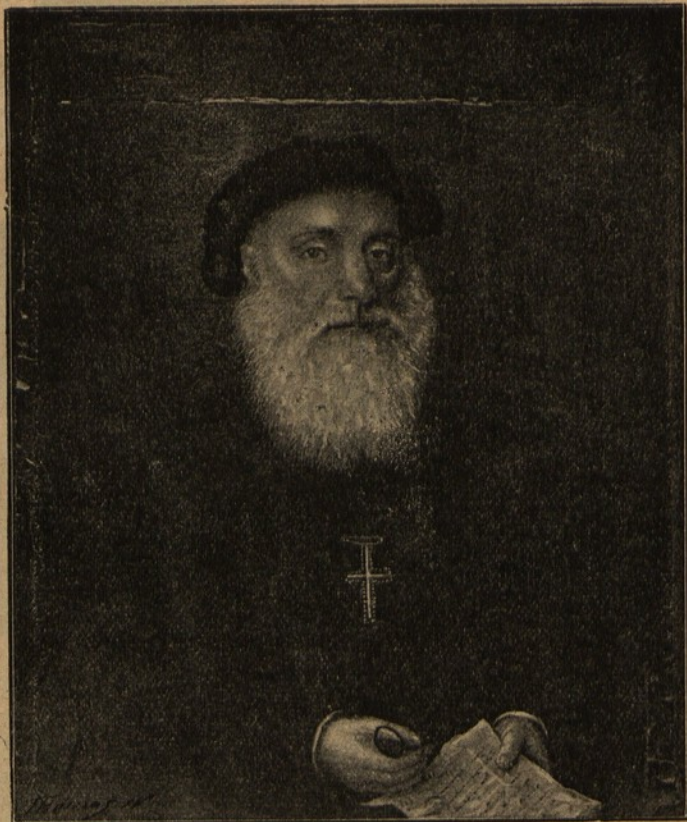
O CENTENARIO DA INDIA

o mallogro do movimento da Renascença em Portugal



GRANDE foi, com efeito, durante o século 16.º, a deploravel revolução que se deu nas condições economicas da sociedade portu-

gueza, revolução sobre tudo devida ao novo estado de coisas criado pelas conquistas. O proprietario, o agricultor deixam a charrua e fazem-se soldados, aventureiros: atravessam o oceano, á procura de gloria, de posição mais brilhante ou mais rendosa. Atrahida pela riquezas acumuladas nos grandes centros, a população rural afflue para alli, abandona os campos, e vem augmentar nas capitaes o contingente da miseria, da domesticidade ou do vicio. A cultura diminue gradualmente. Com essa diminuição, e com a depreciação relativa dos metaes preciosos pela affluencia dos thesouros do Oriente e America, os cereaes chegam a preços fabulosos. O trigo, que em 1460 valia 10 réis por alqueire, tem subido, em 1520, a 20 réis, 30 e 35! Por isso o preço nos mercados estrangeiros nem sequer pôde cobrir o custo originario: a concorrência d'outras nações, que produziam mais barato, esmagamos. Não só deixamos de exportar, mas passamos a importar: «do reinado de D. Manuel em diante, diz Alex. de Gusmão, somos sustentados pelos estrangeiros». Esse sustento podiam-n'ò pagar os grandes, que a India e o Brazil enriqueciam. A multidão, porém, morria de fome. A miseria popular era grande. A esmola á portaria dos conventos e casas fidalgas passou a ser uma instituição. Mendigavam aos bandos pelas estradas. A tradição, n'um symbolo terrivelmente expressivo, apresenta-nos Camões, o cantor d'essas glorias que nos empobreciam, mendigando para sustentar a velhice triste e desalentada. E' uma imagem da nação. As chronicas fallam-nos de grandes fomes. Por tudo isto, decrescia a olhos vistos a população. Que remedio se procura a este mal? um mal incomparavelmente maior: a escravidão! Tenta-se introduzir o trabalho servil nas culturas, com escravos vindos da Africa! Felizmente não passou de tentativa. Era a transformação d'um paiz livre e civilizado, n'uma coisa monstruosa, uma oligarchia de *senhores de roça!* a barbaridade dos devastadores da America, transportada para o meio da Europa! Com estes elementos o que se podia esperar da industria? uma decadencia total. Não se fabrica, não se cria: basta o ouro do Oriente para pagar a industria dos outros, enriquecendo-os, instigando-os ao trabalho productivo, e ficando nós cada vez mais pobres, com as mãos cheias de thesouros! Importavamos tudo: de Italia, sedas, velludos, brocados, massas: de Allemanha, vidro: de França, panos: de Inglaterra e Hollanda, cereaes, lãs, tecidos. Havia então uma unica industria nacional... a India! Vae-se á India buscar um nome e uma fortuna, e volta-se para gozar, dissipar esterilmente. A



VASCO DA GAMA

(Cópia d'um quadro existente no Museu das Janellas Verdes)

vida concentra-se na capital. Os nobres deixam os campos, os solares dos seus maiores, aonde viviam em certa communhão com o povo, e veem para a côrte brilhar, ostentar... e mendigar nobremente. O fidalgo faz-se corteção: o homem do povo, não podendo já ser trabalhador, faz-se lacaio: a libré é o sello da sua decadencia. A criadagem d'uma casa nobre era um verdadeiro estado. O luxo da nobreza tinha alguma coisa de oriental. Do luxo desenfreado, ao vicio, á corrupção, mal dista um passo. A paixão do jogo estendeu-se terrivelmente: jogava-se nas tavolagens, e jogava-se nos palacios. O ocio, acendendo as imaginações, levava pelo galanteio ás intrigas amorosas, ás aventuras, ao adulterio, e arruinava a familia. Lisboa era uma capital de fidalgos ociosos, de plebeus mendigos e de rufiões.

Ao longe, fóra do paiz, foram outras as consequencias do espirito de conquista, mas igualmente funestas. A escravatura (além de todas as suas deploraveis consequencias moraes) esterilizou pelo trabalho servil. Só o trabalho livre é fecundo: só os resultados do trabalho livre são duradoiros. Das colonias, que os Europeus fundaram



A INFÂNCIA DE VASCO DA GAMA — (Estatua de J. M. Moreira Rato)

no Novo Mundo, quaes prosperaram? quaes ficaram estacionarias? Prosperaram na razão directa do trabalho livre: o Norte dos Estados-Unidos mais do que o Sul: os Estados-Unidos mais do que o Brazil. E essa joven Australia, cuja população duplica todos os 10 annos, que já exporta para a Europa os seus productos, cujas instituições são já hoje modelo e inveja para os povos civilizados, e que será antes de um seculo uma das maiores nações do mundo, a que deve ella essa prosperidade phenomenal, senão ao influxo maravilhoso do trabalho livre, n'uma terra que ainda não pisou o pé d'um homem, que se não dissesse livre? A Australia tem feito em menos de 100 annos de liberdade o que o Brazil não alcançou com mais de tres seculos de escravatura! Fomos nós, foram os resultados do nosso espirito guerreiro, quem condemnou o Brazil ao estacionamento, quem condemnou á nullidade toda essa costa de Africa, em que outras mãos podiam ter talhado á larga uns poucos de imperios! Esse espirito guerreiro, com os olhos fitos na luz de uma falsa gloria, desdenha, desacredita, envilece o trabalho manual — o trabalho manual, a força das sociedades modernas, a salvação e a gloria das futuras... Mas um fantastico idealismo perturba a alma do guerreiro: não distingue entre interesse honroso e interesse vil: só as grandes acções de esforço heroico são bellas a seus olhos: para elle a industria pacifica é só propria de mãos servis. A tradição, que nos apresenta D. João de Castro, depois d'uma campanha em Africa, retirando-se á sua quinta de Cintra, aonde se dava áquella *extranha e nova agricultura* de cortar as arvores de fruto, e plantar em logar d'ellas arvores silvestres, essa tradição deu-nos um perfeito symbolo do espirito guerreiro no seu desprezo

pela industria. Portugal, o Portugal das conquistas, é esse guerreiro altivo, nobre e fantastico, que voluntariamente arruina as suas propriedades, para maior gloria do seu absurdo idealismo. E já que fallei em D. João de Castro, direi que poucos livros teem feito tanto mal ao espirito portuguez, como aquella biographia do heroe escripta por Jacintho Freire. J. Freire, que era padre, que nunca vira a India, e que ignorava tão profundamente a politica como a economia politica, fez da vida e feitos de D. João de Castro, não um estudo de sciencia social, mas um discurso academico, litterario e muito eloquente, seguramente, mas emphatico, sem critica, e animado por um falso ideal de gloria á antiga, *gloria classica*, atravez do qual nos faz ver continuamente as acções do seu heroe. Ha dois seculos que lemos todos o D. João de Castro, de Jacintho Freire, e acostumámo-nos a tomar aquella fantasia de rethorico pelo typo do verdadeiro heroe nacional. Falseámos com isto o nosso juizo, e a critica d'uma epoca importante. E' preciso que se saiba, que a verdadeira gloria moderna não é aquella: é exactamente o contrario d'aquella. Uma só coisa ha ali a aproveitar como exemplo: é a nobreza d'alma d'aquelle homem magnanimo: mas essa nobreza d'alma deve ser applicada pelos homens modernos a outros commettimentos, e d'um modo muito diverso. Foi aquelle genero de heroismo, tão apregoado por J. Freire, que nos arruinou!

Como era possivel, com as mãos cheias de sangue, e socorações cheias de orgulho, iniciar na civilisação aquellos povos atrazados, unir por interesses e sentimentos os vencedores e os vencidos, cruzar as raças, e fundar assim, depois do dominio momentaneo da violencia, o dominio duradoiro e justo da superioridade moral e do progresso? As conquistas sobre as nações atrazadas, por via de regra, não são justas nem injustas. Justificam-nas ou condemnam-nas os resultados, o uso que mais tarde se faz do dominio estabelecido pela força. As conquistas romanas são hoje justificadas pela philosophia da historia, porque criaram uma civilisação superior áquella de que viviam os povos conquistados. A conquista da India pelos inglezes é justa, porque é civilisadora. A conquistada India pelos portuguezes, da America pelos hespanhoes, foi injusta, porque não civilisou. Ainda quando fossem sempre victoriosas as nossas armas, a India ter-nos-hia escapado, porque systematicamente alheavamos os espiritos, aterravamos as populações, cavavamos pelo espirito religioso e aristocratico um abysmo entre a minoria dos conquistadores e a maioria dos vencidos. Um dos primeiros *beneficios*, que levámos áquelles povos, foi a Inquisição: os hespanhoes fizeram o mesmo na America. As religiões indigenas não eram só escarnecidas, vilipendiadas: eram atrocemente perseguidas. O effeito moral dos trabalhos dos missionarios (tantos d'elles santamente heroicos!) era completamente annullado por aquella ameaça constante do terror religioso: ninguém se deixa converter por uma caridade, que tem atraz de si uma fogueira! A ferocidade dos hespanhoes na America é uma coisa sem nome, sem paralelo nos annaes da bestialidade humana. Dois imperios florescentes desaparecem em menos de 60 annos! em menos de 60 annos são destruidos dez milhões de homens! dez milhões! Estes algarismos são tragicos: não precisam de commentarios. E todavia, poucas raças se tem apresentado aos conquistadores tão brandas, ingenuas, doces, promptas a receberem com o coração a civilisação que se lhes impunha com as armas! Bartholomeu de las Casas, bispo de Chiapa, um verdadeiro santo, protestou em vão contra aquellas atrocidades: consagrou a sua vida evangelica á aausa d'aquelles milhões de infelizes: por duas vezes passou á Europa, para advogar solememente a causa d'elles perante Carlos V. Tudo em vão! a obra da destruição era fatal: tinha de se consumir, e consumou-se.

ANTHERO DO QUENTAL.

Em demanda do Prestes Joham das Indias



BARTHOLOMEU Dias partia de Lisboa no verão de 1486 para dobrar o cabo da Boa-Esperança; o que de facto conseguiu, não podendo porém ir mais ávante, porque lh'o não consentiram as tripulações assustadas. No mesmo anno mandára o rei, por terra, para o Oriente, Antonio de Lisboa e Pero Montaroyo, que não passaram de Jerusalem, por só ahi reconhecerem que, não sabendo falar o arabe, não podiam intentar a viagem.

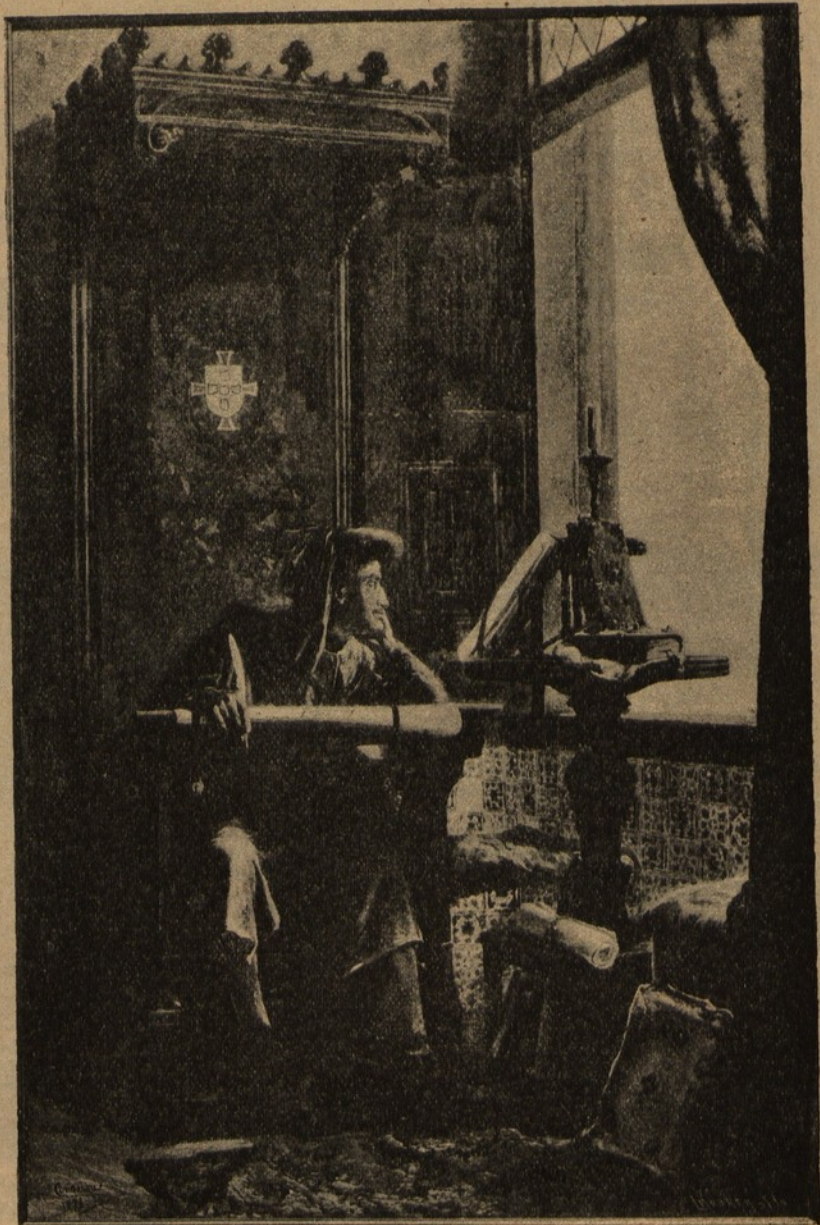
No anno seguinte, portanto, escolhem-se dois homens que sabem arabe, para ir por terra descobrir o Preste-Joham. A viagem por mar, ou se abandonava por parecer impossivel, ou aprazava se para mais tarde: quando houvesse informações mais cabaes, colhidas nas expedições por terra. Affonso de Payva e ero da Covilhan partiram de Lisboa, via de Napoles, com cartas de credito sobre o principe banqueiro, Cosme de Medicis. D'ahi os viajantes embarcaram para Rhodes, depois para Alexandria, d'onde seguiram pelo Cairo para Tur, (Tor) na praia do mar Vermelho ao sopé do Sinai, como mercadores, acompanhando as caravanas. De Tur foram a Aden, onde se separaram: Covilhan para a India, Payva para Suaikin (Suaquem) na costa da Abyssinia; aprazando o encontro, á volta, no Cairo.

Covilhan, em Aden, embarcou para Kananor, no Malabar, e d'ahi foi a Kalikodu (Calecut) e a Gôa. Atravessou, depois, o oceano indico, indo parar a Sofala, onde colheu noticias sobre a costa oriental da Africa, e sobre a ilha da Lua (Madagascar). Voltou logo ao Cairo, pressuroso de enviar a Lisboa as importantes informações obtidas, e ahi soube da prematura morte de Payva. Recebidas em Lisboa as cartas do viajante, D. João II recambiou logo os arabes seus emissarios, com ordem de vis-tarem Ormuz e a costa da Persia. Executada essa missão, Covilhan, cujo primeiro dever era obter noticias do Preste Joham, partiu para a Abyssinia. Já por esta epocha o encantado principe que, segundo Marco Paolo, habitava a Asia central, fôra transferido para a Nubia; e a lenda personalisava no obscuro Negus o extravagante monarcha, tão fallado e admirado em tempos anteriores. Covilhan, de quem não houve outras cartas, por largos annos aprendêra no Oriente a verdade; mas não podia transmittil-a para Portugal. Preso, sem ser maltratado, favorecido e rico pelo contrario, viveu por trinta e tres annos na Ethiopia, onde acabou.

Se a sua viagem não saciava a curiosidade principal do monarcha portuguez, se o Preste-Joham continuava a ser um mytho, o facto é que mais valiosos resultados se tinham obtido. A Covilhan cabe a honra de ter marcado o itinerario da navegação da India, affirmando que pelo sul da Africa se che-

garia ao Oriente. Nas cartas que enviou do Cairo, dizia que os navios que navegassem ao longo da costa da Guiné, chegariam, proseguindo, ao extremo sul do continente africano; e que, aproando ahi para leste em direcção da ilha da Lua, por Sofala, se encontrariam no caminho da India.

D'estas e das mais informações recebidas se compoz o programma da atrevida expedição do anno de 1497, cujo destino marcado era desde logo Kalikodu, ou Calecut, como cá lhe chamavam, e onde Covilhan estivera. Vasco da Gama foi escolhido por D. Manuel (já a esse tempo D. João II tinha tres annos de fallecido) para commandar a expedição. Era um homem ousado mas prudente, e reunia ás qualidades militares as de marinheiro, cousa então commum, e depois



O INFANTE D. HENRIQUE. — Quadro de E. Condeixa

ainda. Succedeu o mesmo a Affonso d'Albuquerque, a D. João de Castro, e a muitos outros; e a esta circumstancia deve dar-se um merecido alcance. A separação



PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA

(Desenho de Soares dos Reis, gravura de Pedroso)

das aptidões não vinha embarçar os planos; e havia uma unidade no mando, porque o capitão era também o piloto.

O maior juizo e prudencia dirigiam os preparos da expedição. Pesavam-se e debatiam-se todas as notícias do Covilhan, commentando-as com os conhecimentos anteriores. Examinavam-se os roteiros e cartas; e Bartholomeu Dias de viva voz contava tudo o que lhe succedera, os embarços com que havia a lutar, as difficuldades a vencer. Com a sua larga experiencia dirigia a construcção dos navios, banindo os exageros nas dimensões, recommendando a solidez dos cavernames. O descobridor do Cabo devia acompanhar a expedição até S. Jorge da Mina, e ficar ali no *resgate* do ouro. Eram quatro náus pequenas, para poderem entrar em todos os portos, visitar todas as angras, passar os baixios, ao longo das costas. A sua construcção ia aprimorada e forte, como já-mais se vira: madeiras escolhidas, sans, e de exagerada grossura, pregadura bem atacada, demorado e cuidadoso calafeto. As atenções não eram menores com o equipamento: levavam tres *esquipações* de velas armadas e mais appparelhos, cordoalha tres vezes dobrada, e mantimentos, armaria e bombardas em abastança. Levavam seis padrões de pedra lioz com o brazão portuguez e a esphera marillar, que o rei adoptara por emblema, esculpidos. Um havia de ser collocado na bahia de S. Braz, outro na foz do Zambeze, outro em Moçambique, outro em Melinde, outro em Calecut, outro na ilha de Santa Maria. Iam dois capellães a bordo de cada navio; iam linguas ou interpretes negros, cafres e arabes; iam dez condemnados para qualquer sacrificio necessario, e finalmente iam cento e quarenta e oito soldados. Tinham-se escolhido os melhores pilotos, e o rei não consentia que se pousasse em cousa alguma. Vinha em pessoa examinar o estaleiro, e demorava-se a conversar com os mestres, ouvindo as observações de Bartholomeu, de Pedro Dias, e Vasco da Gama, que lhe mostrava o novo astrolabio de Behaim, toso triangulo de madeira, mas muito efficaç. Pelo modelo tinham-se mandado fazer outros, mais pequenos, de latão.

Tres dos navios levavam os nomes dos tres archanjos: S. Gabriel, capitanea, de 120 toneis, S. Miguel (antigamente *Berrio*) e S. Raphael de 100 toneis. O nome do quarto, de 200 toneis, desconhece-se.

No fim de junho estavam todos concluidos, promptos e fundeados no mar, em frente da igreja de Restello onde os capitães velaram a noute de 7 de julho. No dia seguinte, depois da missa, acompanhados pelo rei e por todo o povo da cidade, seguiram em procissão para a praia, cantando, com tochas nas mãos, e embarcaram.

Diz Camões que, n'este momento,

...hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
.....
C'hum saber só d'experiencias feito,
'Laes palavras tirou do experto peito:
.....
Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em sêcco lenho!

No peito de muitos havia, com effeito, uma condemnação formal por essa teima persistente dos monarchas em sacrificar dinheiro e gente á chimera das navegações. A prudencia de experiencias feita, ronqueira e fria, não acreditava no exito, depois de tantas tentativas falladas. O resultado havia de votar contra ella; mas as palavras do poeta prophetisavam as consequencias funebres d'um imperio, que todos, porém, os audazes e os prudentes, acclamaram quando Vasco da Gama voltou. Camões, assistindo já ao declinar do sol, pôde contar as fomes soffridas no mar, os temporaes e os naufragios, as peregrinações nos reinos adustos do terrivel Adamastor, e o collar de esqueletos brancos estendidos ao longo dos areas das duas Africas — um rosario de tragedias funebres! Pôde também contar as ondas de protervia e crimes, d'esse mar da India, que se estirou até á Europa para afogar Portugal em vasa.

J. P. OLIVEIRA MARTINS.

○ INFANTE D. HENRIQUE

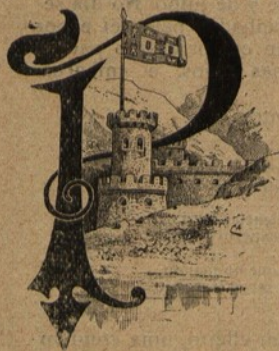
Na sombra medieval de noite erma de estrellas,
— Silente e negra esphinge, ou velho mastodonte, —
Eu julgo ver-te em pé, cravado no horizonte
Feito de nevoa e bruma e feito de procellas.

Teus olhos, — do alto Mar perdidas sentinellas, —
Faroes de intensa luz erguidos sobre um monte,
Procuram outra luz que muito além desponte,
Do longiquo Oriente ás rutilas janellas.

Baixa, afinal, um raio á tua frente pallida;
Tu vaes erguer a voz, immenso, altivo e forte...
E eu imagino vêr, nas sombras illusorias,

Em vez d'esse Titan da longa barba esqualida,
Do fero Adamastor profetisando a Morte,
Um novo Adamastor profetisando glorias.

A CONQUISTA DA ÍNDIA



ORTANTO o que restava, querendosalvarpara a nação um ideal inspirador? Voltar-se Portugal mais uma vez para o Oceano. Realisar os planos do Infante Navegador. Proseguir por outra fôrma no pensamento primario de Af-

fonso v, substituindo ás guerras de Marrocos as descobertas e viagens em busca do Oriente, realisando a conquista da Costa da Mina, da Guiné e do Congo, descobrindo Angola, dobrando o Cabo Tormentoso, voltado em Boa Esperança, organisando finalmente as expedições por terra á India, e a expedição maritima de Vasco da Gama, primordio feliz da conquista do Oriente.

Para collaborar n'esta obra gigante ergueuse então a mais brilhante pleiade de heroes que jámais engrandeceu os fastos de um povo. As guerras de Africa, a navegação ao longo da Guiné assignalam de um modo immorre-douro os nomes de muitos. As invenções engenhasas, o progresso das mathematicas, a renovação dos processos de navegação, tudo encontra solido alicerce na escola dos mathematicos, onde, ao lado de nacionaes illustres, trabalhavam estrangeiros, como Martim Pe-haim. A partilha do mundo entre Hespanha e Portugal tornava-se possivel e encontrava a sua formula no tratado de Tordesilhas. Assim, se ao primeiro plano politico de D. João II apenas coubera em sorte o mais tragico desenlace, á concepção, ideal na sua grandeza, do segundo, reservara a Providencia um exito completo e glorioso.

Mas, ainda aqui, não foi dado a D. João II mais do que entrever essa final glorificação da sua obra. Ao inimigo hereditario, ao irmão do duque de Vizeu, assassinado em Setubal ás mãos do proprio rei, é que, por estranho destino, coube afinal disfructar o triumpho assim preparado pelo seu predecessor!

Esse seria o soberano, que, aos titulos de rei de Portugal e dos Algarves, de áquem e além-mar em Africa e senhor da Guiné, juntaria o senhorio sem precedentes «da Conquista, Commercio e Navegação, da Etiopia, Arabia, Persia e India.» O veneno, traiçoeiramente preparado e cuja existencia é acção, reconhecidos por D. João II, este pretendeu occultar, foi a causa dolorosa da sua perda, pondo-lhe termo antecipado aos dias da existencia. Em Arzilla e Tóro raiára a sua deslumbrante mocidade; Evora e Setubal presencaram mais tarde até aonde podia chegar a sua força viril; por Monchique e Alvôr se arrastaram tristemente os ultimos e crueis desenganos, que a Providencia lhe reservava. A essas seis localidades ficará para sempre ligada a recordação dos momentos culminantes da sua vida.

Completara esta, pois, o cyclo inteiro da grande maioria das ambições humanas, ainda as mais bafejadas pela fortuna. Fôra crescendo com as pazes celebradas entre Hespanha e Portugal, com a convocação e trabalhos das côrtes de Evora, com a conquista da Mina e do Congo, com o triumpho sobre a nobreza, assignalado pelas mortes do bispo de Evora e dos dois duques de Vizeu e de Bragança, mortes de que mais tarde D. João II impetra-



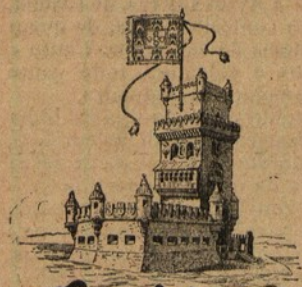
va perdão, em supplica humilde, dirigida ao Papa Alexandre vi. E' este o periodo a que Oliveira Martins põe como epigraphe: *Ambição humana.*

Com o titulo de *Optimismo* agrupa o casamento do filho D. Affonso, a realisação quasi effectiva da unidade peninsular, e mais tarde a do Imperio Universal, preparada, como a deixou, a descoberta da India.

«*Decrescendo. Castigo transcendente*»: tal é, finalmente, a epigraphe significativa sob que Oliveira Martins agrupa a morte do principe; a rejeição dos servíços de Colombo, rejeição que devia dar um mundo á Hespanha; a necessidade fatal de reconhecer como herdeiro o proprio inimigo; e por fim esse veneno cruel, girando-lhe nas veias, consumindo-lhe a vida prematuramente, aos 43 annos, e tolhendo-lhe o ver realisada a expedição, que organisava, de Vasco da Gama, e com ella a descoberta tão ambicionada de um caminho novo para a India!

HENRIQUE DE BARROS GOMES.

Os navios de Vasco da Gama



GLORIOSA expedição a Ceuta em 1415 foi como aurora percusora da época das descobertas marítimas portuguezas. Armado cavalleiro em terra africana, jurara o infante D Henrique

desvendar os mysterios do Mar Tenebroso, e descobrir novas terras por onde dilatar a fé e o imperio. Grão-mestre da ordem de

Christo, largo campo para empregar a actividade lusitana offerecia essa Africa mysteriosa, que até então as lendas maravilhosas tinham tenazmente defendido. De Sagres, como atalaia avançada pelo mar, ordenava o Infante a partida das barcas aventureiras, que todos os annos mandava a descobrir. Era elle a alma d'essa cru-

peciarias, que tanto fascinára a imaginação peninsular

Logo tratou de dispor os meios para realizar tão cubiçada empresa, e se a morte o não deixou concluil-a, contudo é d'elle a iniciativa d'esse feito. Achar o caminho para a India era o sonho dourado na Peninsula ao terminar o XV seculo, e a nação, que primeiro o realisasse tinha nos proventos do commercio, e na honra da victoria, larga recompensa aos trabalhos e sacrificios dispendidos.

Christovão Colombo e Vasco da Gama são os nomes, que symbolisam n'esta época a gloria de Hespanha e Portugal.

Se o genovez consegue por um rasgo de talento advinhar a resolução de um problema geographico, mau grado as theorias de sabios e letrados: se auxiliado pelos Reis Catholicos, e pondo em relevo todas as qualidades que enobrecem o espirito humano, alcança á cus-



PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA — (Quadro de J. Malhóa)

zada contra os terrores e preconceitos medievaes, e a sua divisa «*Talent de bien faire*» era então maravilhosamente interpretada em beneficio da humanidade e da sciencia.

Zarco, Vaz, Gil Eanues, Baldaya, Antão Gonçalves, Nuno Tristão, Diniz Fernandes, Gomes Pires, Cadamosto, Antonio de Noli, são os impavidos mareantes d'essa phalange de heroes, que inspirados pelo Infante patentearam aos olhos da Europa admirada todo o littoral e ilhas africanas desde o cabo Bojador até aos oito graus septentrionaes.

Pedro de Cintra, Fernão Gomes, Diogo Cam, Bartholomeu Dias, continuam a empresa, e a Guiné, a Mina, o Congo, o Cabo Tormentoso, são como marcos miliarios attestando o valor e audacia portugueza.

Se até então se tratara de explorar o littoral africano, com a descoberta do cabo da Boa Esperança, a vasta intelligencia de D. João II adivinhou ser por alli o caminho para a India, a terra classica das riquezas, a deslumbrante visão do ouro, dos rubis, dos brilhantes, e es-

ta de valor e persistencia avistar o continente americano; certo é ter elle julgado descobrir um novo caminho para a India pelas ondas do mar que vae singrando, e são as terras do Eldorado oriental as que pensa enxergar da alterosa proa da sua caravella aventureira.

Vasco da Gama, o forte capitão, que a tamanha empresa se abalança, symbolisa a vontade firme e energica do marinheiro, que sem medo ao perigo, trata, expondo a propria vida, de cumprir as ordens superiores. Dissera-lhe El-Rei que d'elle fiava a descoberta da India, e o seu animo de honrado cavalleiro impunha-lhe vencer, ou morrer em tal empresa. Os fructos do rude mourejar de mais de sessenta annos de viagens, explorações, e de pelejas vae elle colhel-os, desenvolvendo toda a sciencia e heroicidade, que só pertence ás almas rijamente temperadas na rude e nobre escola do dever, e sem enthusiasmos de philosopho, ou de poeta, a despeito das ondas e das tormentas, das traições de inimigos cruéis e ardilosos, consegue, heroico e sublime, desvendar o caminho procurado, regressar ao Tejo, e tornar immor-

redouro nos annaes da humanidade o nome de Portugal e dos seus illustres navegantes.

Se o vulto de Colombo, pelas vecissitudes da sua vida tormentosa, e pelo brilho da uberrima America subitamente revelada, melhor se presta a ser idealizado, e a crear em volta d'elle uma lenda sympathica, e gloriosa; Vasco da Gama, conservando-se mais humano, é igualmente portentoso, e sem custo pode egualar-se, e partilhar as palmas da gloria e do triumpho.

Longe rivalidades, que o tempo destruiu, Colombo e Vasco da Gama sãc verdadeiros heroes, que todas as nações podem desassombradamente celebrar.



NAU DO SECULO XV (copiada por Casanova da *Historia do Imperador Vespasiano*, edição de 1496)

1492 e 1497 são datas brilhantes nos fastos dos tempos modernos, e marcam o apogeo da gloria na historia das marinhas de duas nações nobres e illustres.

Se sobrava coragem, dedicação, e espirito aventureiro aos homens do seculo xvi, deficientes eram os meios materiaes para levar ao cabo os seus arriscados feitos. Em mal construidos barcos afoitavam-se aos perigos do mar embravecido, e como se ainda não fôra bastante andar á misericordia dos ventos e das ondas, a fome, a sede, a funesta influencia de climas doentios, se lhes poupava a vida, roubava-lhes a saúde quasi sempre. Sem regras de hygiene para se precaverem de tamanho damno, agglomeração, os miasmas, a pessima aguada vinham aggravar tanta miseria, e o escorbuto, com todo o seu cortejo de horrores, era o flagello terrivel que vinha dizimar os tripulantes. Tantos morriam rendidos do canso e riscos de viagem; naufragavam tantas naus por falta de solidez, ou certa pilotagem; era tal a perda de valores, que mais admira como se porfiava em ir tentar o oceano, para revelar os seus mysterios e segredos.

A descoberta de quasi todos os baixos e parceis denota o naufragio de um navio. A carreira da India, sulcada pelos pesados e riquissimos galeões, assemelha-se a um caminho triumphal, onde tudo recorde memorias de alegria; mas ao ouvir os nomes dos rochedos e baixios onde a vaga rebenta temerosa, mais parece uma estrada longa e luctuosa, que de Portugal se estendeu ao Oriente, orvalhada pelas lagrimas saudosas dos que lastimaram tão grande desventura.

Por cada nau que naufragava perdia-se valor superior ao de uma villa; mas o animo portuguez não fenecia, porque o esplendor da India o fascinava. Lá havia riqueza, commercio, combates, e victorias; para que pensar no ronco e desconjuntado navio rangendo em lucta com as vagas do cabo das Tormentas; para que temer as calmas, a febre, as feridas, a porcella, e o naufragio, se de tudo a Providencia os protegesse. O mar era o caminho para esse paiz encantador, e o povo, sempre crente e descuidado, objectava: se muitos lá ficavam mortos por essas terras, e mares de Christo, não raros, após viagem tormentosa, aferravam a porto e salvamento.

Vamos dizer algumas palavras ácerca dos navios da primeira expedição portugueza aos mares da India.

As *Decadas* de João de Barros, o livro de Fernão Lopes de Castanheda, as *Lendas* de Gaspar Correia, e os *Lusiadas*, transmittiram até nossos dias a relação minuciosa d'esta viagem, que tanto contribuiu para ser designado o reinado de El-Rei D. Manoel, a idade de ouro da historia portugueza.

De quatro navios se compunha a esquadra: o *S. Gabriel*, nau capitania, onde Vasco da Gama içava a bandeira de almirante, e onde ia de piloto o célebre Pero d'Alemquer; o *S. Raphael*, capitão Paulo da Gama, pi-

loto João de Coimbra; o *Berio*, capitão Nicolau Coelho, piloto Pedro d'Escollar, e de uma nau de mantimentos, comprada por El-Rei a Ayres Corrêa, de Lisboa, e commandada por um certo Gonçalo Nunes, de quem a historia só conservou memoria do seu nome. Cento e sessenta homens, marinheiros e soldados, tudo gente escolhida, era a guarnição completa da esquadra.

Barreto de Rezende, no tratado dos vizo-reis da India diz, que começaram a organizar esta expedição em 1496, e que já no meio do anno seguinte estava posta de verga d'alto toda a armada á espera da ordem de partida.

Estava demonstrado não convir para as viagens de descoberta serem muitos os navios, e de grande tonelagem, porque indo a navegar por mares desconhecidos, e a demandar portos de regiões ignoradas, não convinha os de alto bordo, que mais facilmente podiam encalhar, e que de maior equipagem careciam para a manobra, perdendo-se em caso de desastre maior numero de vidas e valores.

Foi o varinel, ou barinel, o navio que o infante D. Henrique mais empregou nas descobertas da costa da Africa occidental, seguindo-se-lhe depois as caravellas, e outros pequenos barcos de remos, e latinos. Eram de 50 tonelladas as de Bartholomeu Dias, e João Infante, quando descobriram o cabo Tormentorio, e agora, sempre de accordo com a regra estabelecida, as naus do Gama foram tambem de modestas dimensões. A *S. Gabriel* media 120 toneis, a *S. Raphael* 100, e era esta a nau grande em que vae Paulo da Gama, a *Berio* 50, e 200 a nau dos mantimentos.

N'aquelle tempo as construcções faziam-se na ribeira de Lisboa, nos estalleiros do Porto, e S. Martinho, cortando-se as madeiras no pinhal de Leiria, e nas mattas da corôa, e dirigindo o fabrico dos navios habeis mestres e operarios nacionaes.

JOÃO BRAZ d'OLIVEIRA.



GUERREIRO PORTUGUEZ DOS FINS DO SECULO XV (copiado por S. M. a Rainha D. Amelia do tecto do Palacio de Villa Viçosa e reproduzido á penna por Casanova)

A CASA DO CENTENÁRIO

(SÉDE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA)



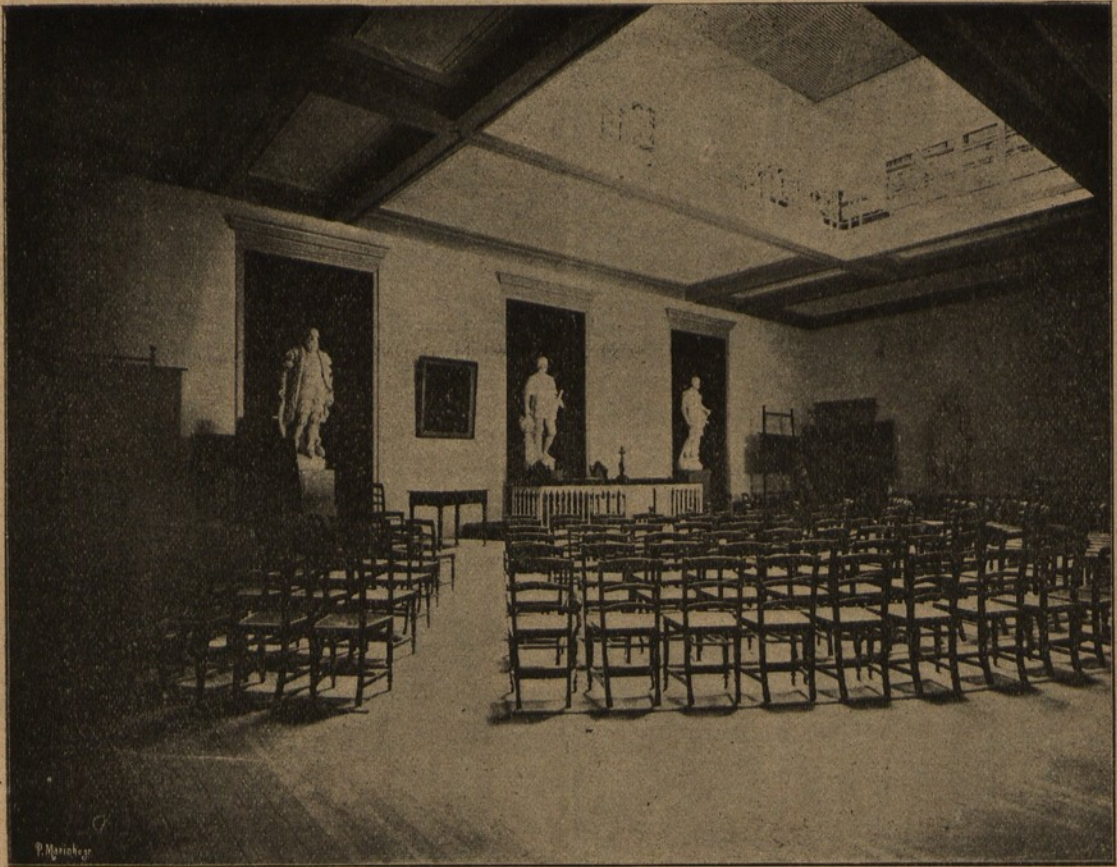
PESAR DE TUDO, — e muito de propósito não nos demoramos na phrase, — estreia-se bem a bella, a *necessaria* celebração do glorioso centenario.

Estreia-se dotando Lisboa, quasi de surpresa, em alguns mezes de trabalho e de dedicação a valer, com um monumento, — que o é, sob todos os aspectos, — como no seu genero o não possui egual o paiz e o não possuem melhor os paizes mais cultos e mais ricos da Europa.

A parte do grandioso edificio chamado até ha dias o Colyseu dos Recreios, por uma serie de habeis combi-

50 metros, quatro pavimentos que foram divididos em numerosas sallas, com um excellente criterio pratico e artistico, pelo illustre architecto o sr. José Luiz Monteiro. Diga-se já que todo o trabalho do sr. Monteiro, estudo e plano da obra, contractos d'ella, direcção da sua execução até aos elementos mais insignificantes, representa a dedicação civica, absolutamente desinteressada do notavel e sympathico artista, como simples vogal que é, — e dos que não falham, — da commissão do centenario. Na impossibilidade de darmos de prompto uma completa descripção de toda a installação, apenas additaremos umas ligeiras e rapidas informações ás nossas gravuras.

A sala *Portugal*, o enorme e originalissimo salão que



SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA — Sala Algarve

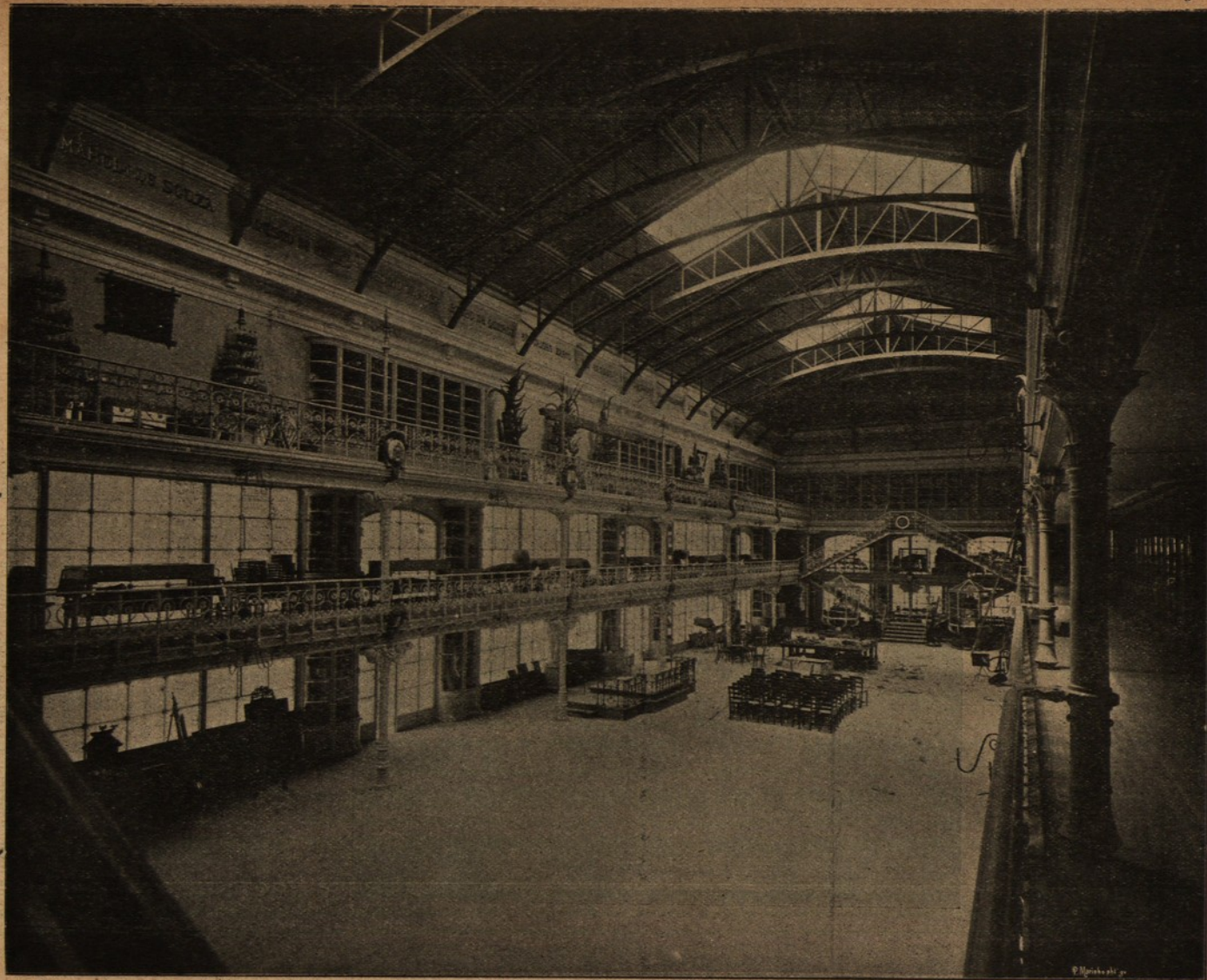
nações e de persistentes esforços adaptado para installação da Sociedade de Geographia, e do seu Museu Geral e para natural centro da celebração de 1898, constitue uma installação scientifica que em qualquer parte seria de primeira ordem. E é um inicio e uma homenagem condigna, porque é como o desafogo triumphante, despretençioso e sereno, de um trabalho e de uma idéa patriótica de muitos annos, que não desarmou e que não se rende aos desalentos e ás contrariedades creadas pela desorientação geral a taes idéas e a taes trabalhos.

Como se sabe o edificio do Colyseu, talvez o mais monumental que ultimamente se tem feito entre nós e onde em epocha de *vaccas gordas* se enterraram 400 contos de pequenas economias particulares, foi traçado em consideraveis proporções e só uma parte d'elle, quasi um anexo, o Circo, estava concluido e aproveitado.

Todo o corpo independente, da fachada, com excepção de uma pequena parte, foi agora occupado pela Sociedade de Geographia, constituindo-o, n'uma linha de

fica sendo o maior de Lisboa, occupa toda a extensão da fachada, elevando-se até ás linhas superiores d'ella, e foi principalmente destinada ao Museu e ás grandes sessões. As suas superficies livres, comprehendendo as de duas largas galerias que a rodeiam, excedem a da *Sala do Risco* e podem ser regularmente occupadas por uma assembléa de 3:000 pessoas. Rodeiam-n'a, como dissemos, duas galerias sobrepostas, varandadas em ferro forjado, de gracioso desenho, que communicam nos topos entre si e com o pavimento geral por duas bellas escadas em trapessio. O tecto, deixando a descoberto as asnas metalicas, é feito em grandes caixotões fasqueados, que tres grandes claraboias interrompem reforçando a já abundante illuminação dos enormes janellões da fachada. Tudo isto é pintado a côres planas e brandas, e as paredes são forradas em toda a extensão por estantes envidraçadas, muito simples, pintadas tambem em tons suaves uniformes.

Impressiona sympathicamente o aspecto geral, ao mes-



SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA — Sala Portugal

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY

© Harkeph

mo tempo magestoso e ligeiro, austero e alegre, em que se sente a nota de uma pobreza previdente e satisfeita. Em volta, no friso superior, lêem-se, em letras semi-gothicas, a ouro, os nomes de muitos dos nossos grandes navegadores n'uma serie intencional que vae do descobrimento da Madeira até aos das terras Polynesicas e Austraes. É claro que nada mais poderemos dizer agora dos talvez 20:000 objectos que enchem as estantes, n'uma variedade estonteadora de fôrmas, de côres, de natureza, senão que ha ali exemplares e collecções interessantissi-

Victor Bastos, e representando Azurara, Barros, Alvares Cabral, Pedro Nunes, etc.

A sala tem luz zenithal, recebendo-a d'um grande es-cotilhão aberto para a sala principal da Bibliotheca, que é tambem excellente.

A outra sala adjacente ao salão é a sala *India* ou de honra e visitas. É de uma grande graciosidade, com os seus tons suaves e os seus estuques delicados e floridos. Nas paredes vêem-se preciosos mappas originaes portuguezes dos seculos 16, 17 e 18, e em dois armarios for-



SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA — Sala India

mas e d'um consideravel valor. Bastariam as collecções de madeiras, de cafés, de sementes, de plantas uteis, de filamentos, de algodões para dar uma idéa das riquezas coloniaes que infelizmente tão pouco aproveitamos.

Adjacentes ao salão ficam duas grandes salas, que não podemos deixar de notar. Uma é a sala *Algarve*, destinada ás assembléas ordinarias da Sociedade, e que pode receber facilmente 500 pessoas.

Ao fundo e a meio fica o recinto presidencial, por traz e ao lado do qual se abrem tres grandes nichos de fundo escuro, em que se erguem as estatuas collossaes do *Infante*, de Vasco da Gama e de Camões, primorosos modelos de Simões de Almeida.

Rodeiam ainda a sala, dando-lhe um aspecto imponente outras estatuas, modelos d'aquelle illustre escultor e de

rados de seda *granat* estão as bandeiras das ultimas expedições africanas, algumas das quaes atravessaram a Africa. Entre ellas vê-se a da columna do coronel Galhardo.

Sob um singelo pedestal, entre dois velhos e enormes globos historicos, assenta a pequena estatua de Vasco da Gama, modelada pelo finado professor e notavel escultor Victor Bastos, que a offereceu com outros modelos á Sociedade.

A mobilia d'esta sala é uma preciosidade pelo valor historico e artistico. Vê-se alli a poltrona burocratica do Marquez do Pombal.

Junto d'esta formosa sala fica outra, pequena, onde se guardam piedosamente notaveis reliquias historicas, como os restos de tres padrões da descoberta de Diogo Cão e de um de Bartholomeu Dias.

D. JOÃO DE CASTRO

Sonho, sonho que vejo, em nuvem atra e densa,
Ora alçando um clamor enorme e trovejante,
Ora alagada em choro afflicto e soluçante,
A sombria caudal da tua barba immensa.

Perde-se ao longe o sol, quando o bulcão se adensa...
E a tua grande barba ergue na treva hiante
Uma onda que vae, faminta e supplicante,
Esmolar no horizonte uma alvorada intensa;

Quebra, ás vezes, no ar, como um chicote, em fogo...

Mas, — Niobe que anciada aos filho clama, — em bagas

Rolá do afflicto pranto a chuva quente; e logo,

Por entre os vendavaes e a nevoa dos invernos,

Vejo-a alongar humilde as lacrimosas vagas

Para dar-se em penhor aos vendilhões modernos.

LUIZ OSORIO.

ORTOGRAPHIA CARICATURAL



ORTOGRAPHIA CARICATURAL — A PONTUAÇÃO. — 1, Virgula. — 2, Dois pontos. — 3, Ponto e virgula. — 4, Ponto final. — 5, Ponto de interrogação. — 6, Reticências. — 7, Parenthesis. — 8, Ponto de exclamação. — 9, Traço de união.

CELSO HERMINIO.

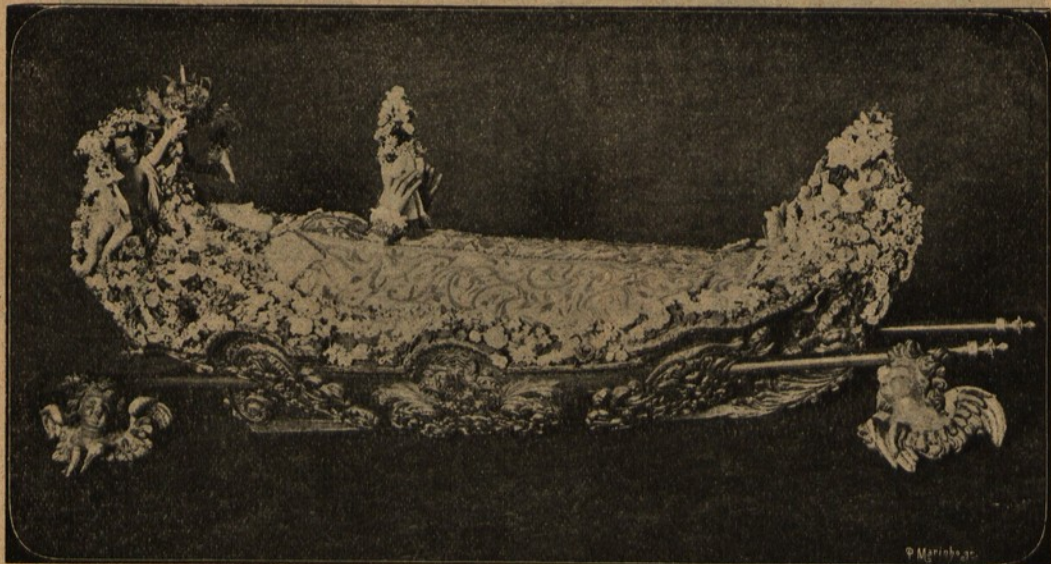
A Festividade de Nossa Senhora da Boa Morte

(EM COIMBRA)

COIMBRA, a ridentissima cidade, decantada pelos nossos mais egregios poetas, que tantissimas vezes se teem extasiado perante a belleza incomparavel dos seus arredores, povoados de luxuriantes pomares, e a amenidade sempre constante das formosas margens do Mondego, o deleitoso rio sobre o qual se debruçam os rumorosos salgueiros, enamorados da prata das suas aguas; Coimbra, a vetusta cidade, onde os seus corcuidos e tismados monumentos, illuminados pelos clarões das façanhas epicas dos nossos antepassados, nos fazem evocar os vultos legendarios d'outras eras e as tocantes e sentimentaes legendas que brotaram da imaginação popular, é uma das terras portuguezas, em que se encontra mais intensamente radicado o sentimento da religiosidade, que se manifesta d'uma maneira exuberante nas esplendorosas solemnidades religiosas que se celebram nos seus templos e a que o povo coimbricense, d'indole essencialmente bondosa e sincera, se as-

na restauração da velha cathedral de Coimbra, o mais vasto e completo monumento *romanico* que se eleva n'esta parte da peninsula hispanica, e cujas linhas grandiosas haviam desaparecido perante o mais grosseiro vandalismo; na resurreição das primitivas linhas da Sé Velha o nobre prelado tem empenhado todos os seus esforços, já procurando confial-a a homens de extremo saber, já sollicitando algumas sommas dos poderes publicos; já obtendo o valioso concurso de Sua Magestade a Rainha a sr.^a D. Maria Amelia, a excelsa princeza tão entusiasta por tudo quanto se refira á arte, por tudo quanto constitua os mais prodigiosos brazões das glorias artisticas de Portugal.

Mas como estavamos dizendo, são na verdade sumptuosas as festividades que costumam realizar-se na Sé de Coimbra; ha, porém, uma que eclipsa todas as outras, tal é o brilhantismo que costuma assumir, tal é a riqueza que se apresenta perante a nossa vista fascinada: a fes-



CATHEDRAL DE COIMBRA — Imagem da Nossa Senhora da Boa Morte

socia espontaneamente como para agradecer a Deus os mil e um encantos de que revestiu a Athenas portugueza, o foco vivissimo das sciencias, d'onde irradiam as luzes para todo o paiz.

E' bem notorio o vehemente fervor e a acrysolada veneração que este bom povo consagra á sua Santa Padroeira, a Virtuosa Rainha que se destaca com vivo fulgor na côrte d'El-rei D. Diniz, festejando-a com um brilho e entusiasmo que raras vezes se vê em Portugal; todos admiram a imponencia que assumem as solemnidades que se realisam na sua vasta cathedral, o antigo templo dos jesuitas, sobretudo desde que na cadeira episcopal de Coimbra se sentou um prelado como o actual bispo-conde, que pela sua magnanimidade, pela dedicação e summo interesse que toma pela conservação dos monumentos da sua diocese, é um digno successor dos benemeritos bispos coimbricenses D. Jorge d'Almeida e D. Affonso Castello Branco, cuja munificencia e alta comprehensão da arte é bellamente attestada pelas preciosissimas joias artisticas que incrustaram nos monumentos da nossa cidade.

Haja vista a enorme actividade desenvolvida por sua ex.^a rev.^{ma} o sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina na organização do Museu Episcopal, vasta e riquissima collecção de objectos do mais alto valor artistico, e que tanto apreciada tem sido por nacionaes e estrangeiros; e

tividade de Nossa Senhora da Boa Morte, feita a expensas da irmandade que possui o mesmo nome e que, desde 1723, se encontra erecta em capella particular na Cathedral e Coimbra.

No tempo dos jesuitas e nos annos anteriores esta festa, que ha annos passou a ser biennial a fim de lhe augmentar o esplendor, costumava fazer-se no segundo domingo de agosto, consoante as prescripções dos seus estatutos; como, porém, n'esse tempo Coimbra se achava quasi deserta em virtude da debandada de familias que se retiraram para as praias, e como todos lastimassem que uma tão luzida procissão percorresse algumas ruas sem viv'alma, a irmandade deliberou que este anno se celebrasse a festividade no dia 4 do corrente mez, como se celebrou, com uma pompa extraordinaria, tornando-se a util instituição religiosa digna dos mais rasgados encomios.

Como o nosso intento é dar uma leve idéa d'essa festividade, e como muitos dos nossos leitores podem ser interessados em saber os primordios do culto pela Senhora da Boa-Morte, principiaremos por apresentar uns ligeiros traços historicos relativamente a este assumpto.

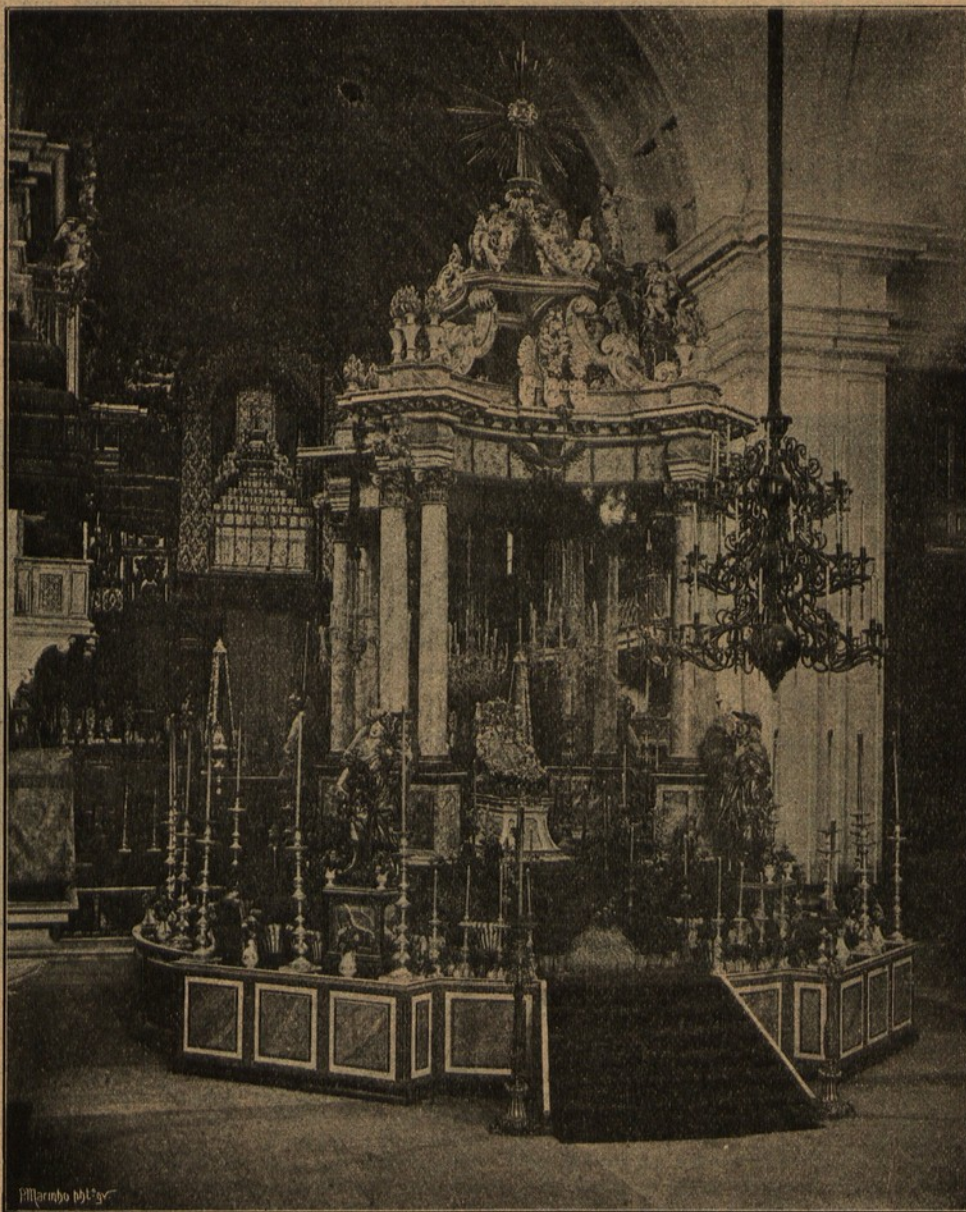
Foi em Roma que se instituiu a primeira irmandade sob o suggestivo titulo de *Nossa Senhora da Boa Morte*;

tinha por fim principal o culto da Virgem Santissima, sob a protecção da qual os crentes deviam alcançar uma feliz passagem para a vida eterna. Os exercicios deviam realizar-se em todas as sextas feiras do anno na Igreja da Casa professa da companhia de Jesus.

Em Lisboa estabeleceu-se a primeira irmandade no seculo XVII; outras cidades e povoações portuguezas seguiram o exemplo da capital, sendo sómente iustituída

logo depois da instituição da irmandade em Coimbra, concorrendo para isso as muitas graças e indulgencias que por esse tempo foram concedidas em tres breves particulares, pelo papa Innocencio XIII.

A corrente de adhesões redobrou quando o papa Benedicto XIII expediu, a 23 de setembro de 1729, a bulla especial que principia, *Redemptoris nostri Jesu Christi* etc, concedendo á congregação de Nossa Senhora da Boa



CATHEDRAL DE COIMBRA — Vista da Eça da Nossa Senhora da Bôa Morte

pelos jesuitas no Real Collegio de Coimbra no dia 15 d'agosto de 1723.

Referindo-se á demora da sua instituição em Coimbra, diz um livrinho que temos á vista;

«...antes só agora se póde dizer, que a logra todo Portugal, quando assim a vemos plantada em Coimbra; porque sendo Coimbra o coração do Reino, a ella concorrem os espiritos mais nobres de todo elle, attrahidas d'aquella ancia de saber, a que os convida a insigne Universidade, que encerra. D'esta sorte se forão para todos muyto mais proveitozos os estudos, quando ao estudo incansavel das sciencias se ajuntar o exercicio santo das virtudes.»

Foi copioso o numero de irmãos que se inscreveram

Morte de Roma grande numero de indulgencias, prerogativas e isenções, e ao geral da companhia a facultade de per si ou por seus delegados aggregar á congregação de Roma todas as outras congregações de Nossa Senhora da Boa Morte que se lhe quizessem reunir, com o que alcançariam as mesmas indulgencias de que gosava a de Roma, que ficaria constituindo uma Archiconfraria ou Irmandade Primaria.

Desejando a irmandade do collegio de Coimbra participar d'esses privilegios, resolveu aggregar-se á de Roma, união que se effectuou a 8 de setembro de 1731, como se vê da carta de união, assignada por Henrique de Carvalho, da Companhia de Jesus, e Provincial da Provincia de Portugal.

A irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, erecta na Sé Cathedral, o vasto templo outr'ora Collegio dos jesuitas, tem por fim principal promover o culto da Virgem com o esplendor compativel com os seus recursos, suffragar as almas dos irmãos e soccorrel-os quando necessitados. Compete-lhe celebrar todos os annos, no segundo domingo d'agosto (já vimos como estes dois preceitos se tem infringido) a festividade da Senhora, devendo haver novena nos 9 dias anteriores á festa e procissão no dia d'esta.

*
* * *

Este anno a festividade excedeu as dos annos anteriores, deixando deslumbrados os que tiveram a felicidade de a ver. Não falaremos da bonita ornamentação das ruas com festões e galhardetes e cuja illuminação produzia um bello effeito, nem do soberbo fogo que na vespera se queimou no Largo da Feira e em que os pyrotechnicos de Coimbra mostraram mais uma vez os recursos de que dispõem, se bem que desejassemos extinctas por completo essas velhas usanças de fogo preso, que podiam ser substituidas por um lauto bodo aos pobres, para nos occuparmos exclusivamente do aspecto verdadeiramente magestoso que apresentava o amplo templo jesuitico, que, como por encanto, perdeu a sua apparencia pesada e fria, transformando-se n'uma mansão celestial...

A nossa palheta não possui tintas com que possa dar

uma idéa do brilhantismo que imprimia á festividade o sumptuoso altar mór, onde se ostentava descoberto o riquissimo throno, chapeado de prata lavrada, e com o frontal e docel do mesmo metal; os altares do *transeptum*, onde faiscavam riquissimas pratas e que estavam ornamentados com discrição e bom gosto, e sobretudo a monnmental eça, mandada fazer em Roma pelos jesuitas, que se elevava ao centro do cruzeiro, com uma profusão enorme de lumes e flores que lhe davam o aspecto d'um formosissimo jardim.

No centro da Eça achava se collocada a formosa imagem da Senhora da Boa-Morte, mandada vir d'Italia pelos jesuitas. A imagem, que é de cêra e de escultura muito regular, veste ricamente e está deitada n'uma graciosa naveta de talha dourada e revestida d'uma prodigiosa quantidade de mimosas florinhas.

De manhã a festividade teve a realçar a a palavra ardente e inspirada do notavel orador sagrado e talentoso lente de theologia sr. dr. Porphyrio da Silva, que produziu um discurso á altura dos creditos de que goza; de tarde sahio a formosa imagem em imponente procissão, que levava um grande numero de anjinhos primorosamente vestidos.

Eis uma ligeira resenha, ao correr da penna, do que foi essa solemne e esplendorosa, festa que póde honrabrear com as que Coimbra dedica a Santa Isabel.

Coimbra 5 de julho de 1897.

ANTONIO JULIO VALI E SOUSA.

VISCONDE D'ALEMQUER



ESTE fidalgo ha dias fallecido occupa nas memorias da nossa melhor sociedade um saudosissimo logar. Aristocrata pelo nascimento, a educação e o espirito aprimoraram-lhe as qualidades fazendo d'elle um dos mais dignos representantes do classico cavalheirismo portuguez. Encontrando-se desde o berço entre pergaminhos e brazões, não se entendeu com elles n'uma arrogancia irritante, desprezando quaesquer outras formulas que ennobrecem igualmente um caracter e um nome: pelo contrario, trabalhou, estudou largamente, enriqueceu a sua intelligencia com os mais variados conhecimentos artisticos e scientificos.

Tendo viajado muito, e tirando sempre das suas viagens proveitosas lições como impressionista e como homem de saber, o seu espirito aivava-as na conversação d'uma fórma verdadeiramente encantadora.

Pela sua posição social, lidou com os mais illustres homens do nosso paiz, e observava-os cuidadosamente sem emulações nem invejas, o que lhe dava numerosos amigos tanto no seu partido como nos seus antagonistas politicos. A politica para o Visconde d'Alemquer foi, ao contrario de muitos, mais um motivo para realçar a pureza do seu caracter, o finissimo quilate da sua dignidade. Por isso morreu no desempenho d'um logar politico admirado e estimado por governos de bandeiras differentes, mas mais significativo do isso! — pranteado por todos que n'esse logar o conheceram.

Porém, a morte não levou sómente no Visconde d'Alemquer um homem illustre, pela austeridade d'um caracter immaculado, pela educação palaciana que possuia, pela bondade da sua alma generosa: levou tambem um verdadeiro homem d'espirito. Nos melhores salões que frequentou, o brilho da sua intelligencia reflectia-se a cada momento em *calembourgs*, anedoctas, e epigramas d'uma oportunidade flagrante, que tiverem e tem tanta voga que a maioria não lhes conhece a origem. Assim é d'elle aquella chistosa phrase da namorada que escreveu ao seu querido pedindo-lhe o retrato, *mas que o não mandasse muito parecido para a mamã não o conhecer!* E tambem o *calembourg* a uma meza de whist quando a esposa d'um parceiro malcreado, e que perdia, se sentou ao pé d'elle e o marido ganhou. Dizia-lhe ella:

— Vês, desde que vim para ao pé de ti, ganhaste...

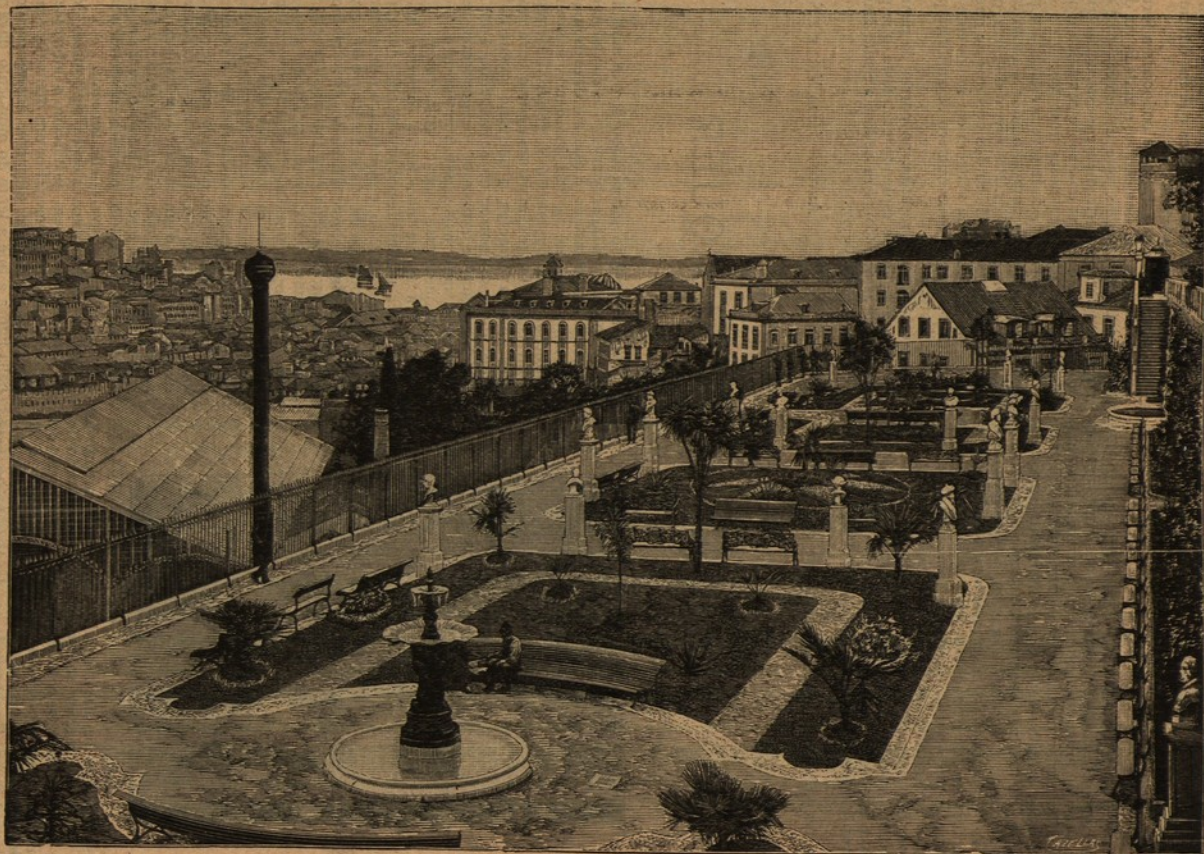
Ao que um outro parceiro respondeu: — V. Ex.^a trouxe-lhe a *veia* (aveia) elle socego.

Outros muitos ditos alegres se contam do Visconde d'Alemquer que bem justificam o interesse que a sua conversação despertava. Foi um dos vultos mais sympathicos da sociedade elegante, acompanhado por uma bella figura a que a lente do monoculo dava uma ironia singular. Ha muito, porém, afastara-se d'esse viver mundano em que elle representou, como poucos em Lisboa, uma verdadeira mocidade d'oiro!

Retirado depois para o lar domestico, os primores da sua bella alma, as gentilissimas qualidades do seu caracter, eram quotidiano manjar de felicidade que a morte tão prematuramente desfez.

LUIZ DE MORAES CARVALHO.

ACTUALIDADES



O JARDIM DE S. PEDRO D'ALCANTARA ONDE SE ACABA DE INSTALAR O «EDEN-CONCERTO»

SECÇÃO RECREATIVA

REVISTA DA ESQUADRA

COM couraçados, avisos-torpedeiros, guarda costas etc, vamos passar em revista uma esquadra inteira e fazel-a evolucionar em um prato. E' necessario dizer que a nossa esquadra é a de Lilliput. Cada navio será talhado n'um bocado de greda, depois collocar-se-lhe-hão os mastros de phosphoros, com pavilhões em papel colorido, chaminés e outros accessorios.

Collocados os navios nos pratos vertei depois uma ligeira camada de vinagre; cada navio que se terá anteriormente pintado de tinta negra de escrever se rodeia desde logo de espuma e eil-os então que se põem em marcha como se fossem movidos por um motor interior. Vereis os navios irem da esquerda para a direita, chocarem-se como o fariam n'um combate naval. N'um instante o prato não oferecerá senão a imagem da desordem e da confusão. O effeito produzido é dos mais curiosos e a explicação d'esta experiencia muito simples: ao contacto do vinagre a greda decompõe-se fornecendo o acido carbonico. O gaz desprende-se em bolhas que fornecem a espuma. De resto esse desapego é tão violento que o pequeno bocado de greda se levanta ligeiramente acima do prato e é movido em todos os



sentidos por o effeito da reacção do gaz contra o liquido.

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

1 Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND.,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, Rua Augusta, 95, Lisboa

VELOCIPEDIA PRATICA

REVISTA DE VELOCIPEDIA

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pôdem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pôdem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52 — Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



TITANIA — Escultura de Efrain Keiser

PREÇO 40 REIS

N.º 68

REPRODUÇÕES

DE
 Planos,
 Cartas geographicas
 Lammas e
 Pergaminhos antigos.
 Lesenhos á penna.
 a lapis
 e a carvão.
 Quadros a oleo,
 aguarell, etc.
 lustrações de toa.,
 a classe de obras
 periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
 Estabelecimentos
 e gravuras
 para toda a classe
 de
 annuncios.
 Trabalhos em
 hototypia, autotypia
 photozincographia,
 e
 zincographia.
 Perfeição, rapidez
 e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qualesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 „	1\$300 „	2\$600 „
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO É NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 68

LISBOA, 18 DE JULHO DE 1897

2.º ANNO

GLORIAS PORTUGUEZAS

2.º CENTENARIO DA MORTE DO PADRE ANTONIO VIEIRA

18 DE JULHO DE 1697-1897



SÁUDA hoje a Patria a figura grandiosa do padre Antonio Vieira, o insigne prégador que fez soar de um modo tão bello a lingua do seu paiz, e o eminente politico que se destaca tão vigorosamente em a nossa, sempre gloriosa, epocha da Restauração.

Graças á illustre commissão que na capital concebeu a alevantada idéa de commemorar o segundo centenario da morte do maior orador nacional, a patria portugueza, esquecendo as miserias presentes, evoca hoje essa gloria passada, contribuindo assim para o pagamento da divida que havia contrahido com um dos seus filhos mais illustres, tanto pelos assignalados serviços que lhe prestou com os recursos da sua vastissima intelligencia, deixando perpetuados nas suas obras os termos mais vernaculos da lingua portugueza, como pelos esforços que empregou para promover o desenvolvimento do commercio e pelo zelo com que desempenhou as diversas mis-

sões diplomaticas que lhe confiou el-rei D. João IV, do qual foi dilecto amigo e favorito, constituindo tambem um dos factos mais gloriosos da sua vida a abnegação e o amor que teve pelas mais nobres causas, ora pugnando em defesa dos christãos novos e em favor da liberdade dos indios, ora levando as luzes da civilização ao seio das regiões mysteriosas da America, onde consumiu grande parte da sua vida, prégando o Evangelho aos povos selvagens, no que revelou a sua alma ardente de missionario.

Esta veneração e esta homenagem que após duzentos annos a patria agradecida consagra a um vulto como do padre Antonio Vieira, deve fazer estremecer de alegria as cinzas do principe dos prégadores do seu tempo, indeminando-o das grandes humilhações que recebeu d'alguns dos seus contemporaneos, especialmente dos seus confrades jesuitas, receiosos do predominio que poderia exercer pelo seu alto valor intellectual, e das calumnias com que muitos procuraram embaciá a memoria d'um tão grande homem, que se commetteu algumas faltas, as redimiu com as suas brilhantes qualidades e os relevantissimos serviços que prestou á sua patria.

Adherindo á grandiosa idéa de commemorar o centenario do padre Antonio Vieira, vimos hoje, no dia em que se completam dois seculos depois da sua morte, prestar tambem a nossa pequena, mas entusiastica homenagem, a esse brilhante astro das letras patrias, publicando umas ligeiras notas biographicas do grande orador. Antes porém de principiarmos essa tarefa, bastante ardua, tão modestos são os cabedades de que dispomos e tão pequeno é o espaço d'este semanario, que se não compadece com longas biographias, seja-nos licito apresentar o que, a proposito de Vieira, disseram tres grandes engenhos da litteratura portugueza.

Francisco José Freire (*Candido Lusitano*), assevera que o padre Antonio Vieira «possuia em grau sublime todas as delicadezas, propriedades e energias da sua lingua. E' no sentir commum dos doutos o *classico* mais auctorizado, e por isso ninguem duvidou jámais usar de vocabulo, phrase ou expressão usada nos seus escriptos, exceptuando apenas uma ou outra palavra que o uso deu por antiquado. *Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilidades do idioma portuguez: porque nenhum outro classico temos que escrevesse tanto e sobre tão diversos assumptos.*»

O bispo de Vizeu, Francisco Alexandre Lobo, diz que os escriptos do padre Antonio Vieira são um monumento admiravel da propria linguagem e que «se o uso da nossa lingua se perder, e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que não sejam os escriptos e as obras de Vieira, o portuguez quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania».

André de Barros, escriptor pertencente á escola dos conceitistas e auctor da *Vida do padre Antonio Vieira* e das *Vozes saudosas da eloquencia do padre Antonio Vieira*, falla assim do grande orador portuguez:

«Foi o padre Antonio Vieira de não pequena estatura, como se até no corporal quizesse formar a natureza mais que ordinaria habitação áquelle grande espirito. O rosto comprido e magestoso; nariz aquilino; boca proporcionada; muita barba, o cabelo na idade vigorosa preto, todo branco na velhice; a côr morena; os olhos sobremaneira vivos, e que parecia scintillavam.

«O seu genio era humanissimo, urbano e cortez; o engenho quasi sem igual; a memoria um real archivo de erudição, tão feliz em tomar como em reter o que lia. A descripção nadava-lhe tão formosa na boca, como é admirada na penna; na conversação não era um só homem, era muitos homens, e por isso dizemos, que era um Vieira, porque é dizer tudo. Se se fallava em sciencias maiores, era doutissimo; se em letras humanas, historicas, poeticas, mathematicas, era sublime e exquisita a erudição; ainda nas artes mechanicas, na nautica, na sciencia bellica, nos systemas ou dictames politicos, era assombroso.

«Se se mettia a conversação em materias mais alegres e divertidas, era tal a viveza e jucundidade, e o enleio em que mettia os corações e os entendimentos, que arrebatava tudo.

«Quando esteve no collegio de Coimbra, e nos dias em

que saía a exercicio para desafogo do trabalho dos estudos, logo ao sair da cêrca para o campo, se escolhia materia sobre que se havia de fallar. Trazia sobre ella o padre Vieira historias, contos e ditos, tão raros e tão varios, e de tão exquisito sal, que os companheiros, sobre não poderem conter a affluencia do riso, julgavam que coisas tão proprias e nascidas para a materia que se propoz, eram extemporaneos partos d'aquelle fecundissimo e agudissimo engenho, não casos succedidos realmente, mas de repente inventados para alivio dos que com elle caminhavam.

«Assim foi em tudo admiravel o padre Antonio Vieira, tão exemplar e serio nas virtudes theologicas e moraes, que até na que ensina a moderação ou modo nas recreações, que os gregos chamavam eutrapélia, foi eminente.

«Foi magnanimo, generoso e forte; de coração sublime e talhado para altas emprezas; no adverso constante, no prospero modesto. Foi liberal em grau heroico, dando logo tudo quanto pessoas grandes da côrte ou parentes do Brazil lhe mandavam. Foi prudente, de profundo juizo, grave, affavel, compassivo, despresador do mundo, de altos espiritos e elevadas idéas. Emfim, ajuntou n'elle a liberalidade Divina, prendas e talentos com mão tão larga, que é contado entre aquelles illustres heroes, com que de seculo em seculo costuma sair a Omnipotencia.»

O glorioso orador nasceu em Lisboa no dia 6 de fevereiro de 1608. Foram seus paes D. Maria de Azevedo e Christovão Vieira Ravasco, fidalgo de nobre ascendencia, natural da Villa de Moira no Alemtejo. Os Ravascos constituíam uma familia muito distincta, que se reputava descendente de Ruy Lourenço Ravasco, que veiu de Castella para Moira ahi por 1441, casando-se n'esta localidade com Leonor de Pino, e sendo tronco de muitas casas de Lisboa, Beja e Alemtejo.

Nos fins de 1615, não tendo ainda Antonio Vieira oito annos de idade completos, partiu Christovão Ravasco para a Bahia com a familia. Os escriptores nada nos dizem sobre o motivo que o levou a abandonar a patria, parecendo-nos que essa resolução foi motivada pelo facto de ter sido nomeado secretario do governo n'aquelle estado.

Aportando com seus paes á Bahia, Antonio Vieira principiou os seus estudos no collegio dos jesuitas, que n'esse tempo eram os incumbidos de instruir a mocidade.

Como succede com quasi todos os grandes vultos, tambem a lenda o envolveu nas suas flores, sendo tradição que a principio tivera grande difficuldade em aprender; acclarando-se-lhe subitamente as idéas n'uma occasião em que sentiu um estalo na cabeça ao fazer oração perante a Virgem.

Os discursos e praticas dos jesuitas inflammaram-lhe o desejo de seguir a vida religiosa, manifestando-se esta vocação, como o proprio Vieira conta, n'uma tarde em que ouviu prégao do padre Manuel do Carmo, fazendo uma descripção do inferno com todos os seus horrores.

Revelando as suas propensões aos paes recusaram-se estes a dar-lhe consentimento para a sua entrada no Collegio da Companhia de Jesus, onde deu ingresso na noite de 5 de Maio de 1623, fugindo de casa de seus paes com pouco mais de 15 annos d'idade. Foi recebido excellentemente pelos jesuitas, que bem sabiam a valiosa aquisição que o seu gremio vinha de fazer.

Depois de fazer os seus dois annos de noviciado professou no dia 6 de Maio de 1625, tendo 17 annos de idade, fazendo algum tempo depois de professar voto de levar a cruz de Christo aos boças gentios dos sertões brazileiros e aos escravos da Africa, principiando para isso a aprender as linguas brazíllica e de Angola.

Tal intelligencia revelou durante os estudos, que aos dezeseite annos era encarregado pelos superiores do collegio, de compôr para Roma as cartas em latim, annuaes, e aos dezoito annos foi-lhe incumbida a leitura de rhetorica no Collegio de Olinda, sendo por essa occasião que iniciou os seus Commentarios ás Metamorphoses de Ovidio e ás Tragedias de Seneca, trabalhos que não chegaram até nós. Aos vinte annos commentava o Livro de Josué e o dos Cantares, o que constituia um verdadeiro arrojado.

Manifestando aos jesuitas o voto que fizera de instruir no Christianismo os selvagens da Africa e do Brazil, oppoz-se vivamente o collegio a essa intenção, consideran-

do no grande proveito que adviria á companhia dos talentos de Antonio Vieira.

Mandaram-n'o então estudar Philosophia e Theologia, declarando os mestres pouco tempo depois que nada mais lhe podiam ensinar, pois que Antonio Vieira sabia tanto como elles.

Em dezembro de 1635 ordenou-se de presbytero e começou a prégar na Bahia e suas proximidades, evidenciando desde logo o seu genio oratorio, o que lhe valeu os mais assignalados triumphos, entre os quaes se deve memorar o que alcançou no seu patriotico e sublime sermão contra os hollandezes e que na opinião do padre Raynal é o mais extraordinario discurso que sahio da bocca d'um orador christão.

Era angustiosa a situação da Bahia, que se achava ameaçada pelas forças de Mauricio de Nassau. Na igreja de Nossa Senhora da Ajuda começaram a fazer-se preces, implorando o auxilio divino em favor dos portuguezes. Convidado o padre Antonio Vieira para prégar, sobe á tribuna, proferindo um discurso vibrante de patriotismo e de dôr, em que increpa amargamente a Providencia por ter patrocinado nos seus successos os hollandezes lutheranos e calvinistas e retirado a protecção aos portuguezes, que sempre haviam pugnado pela defeza da fé.

Em dezembro de 1640 foi aclamado rei de Portugal o duque de Bragança, D. João, sendo a sua causa seguida na Bahia pelo vice-rei D. Jorge Mascarenhas, 1.º marquez de Montalvão. Como este fidalgo desejasse testemunhar a sua adhesão a el-rei, deliberou mandar a Lisboa seu filho com dois padres jesuitas, o padre Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos, o celebre chronista da companhia de Jesus.

Largando da Bahia em 27 de fevereiro de 1641, aportaram depois de grandes temporaes, a 28 de abril, á praia de Peniche, onde foram mal recebidos pelo povo, que se amotinou ao saber que acabava de chegar o filho do marquez de Montalvão. O povo, que acabava de quebrar os grilhões que durante sessenta annos o haviam manietado, não podia ver com bons olhos este fidalgo, em consequencia de D. Pedro Mascarenhas, filho primogenito do Marquez de Montalvão, e seu irmão D. Jeronymo Mascarenhas, haverem seguido a bandeira de Castella, assim como sua mãe D. Francisca de Vilhena, que pelas suas imprudencias havia sido encerrada no castello de Arraiolos por mandado de el-rei D. João IV.

Intervio no tumulto o conde de Athouguia, governador de Peniche, levando para sua casa D. Fernando de Mascarenhas, que havia já recebido um grave ferimento na cabeça. Antonio Vieira, depois de estar preso, partiu para Lisboa no dia 30 d'abril, sendo recebido da melhor maneira por el-rei, que o devia encher de favores e de honras, consultando-o nos mais importantes negocios do Estado, e confiando-lhe as mais altas emprezas.

A 1 de janeiro de 1642 prégou pela primeira vez em Lisboa na capella real, maravilhando a familia real e a côrte com a sua eloquencia arrebatadora. Nos seus discursos Vieira tinha por costume intrometter quasi sempre a politica, como por exemplo no famoso discurso de Santo Antonio, que prégou quando reunidas as côrtes na capital e que visava a levar o clero, a nobreza e o povo a contribuir para a sustentação do reino.

A particular estima que D. João IV tinha pelo padre Vieira e a influencia por este exercida na politica portugueza amedrontaram a companhia de Jesus, que receava que o grande orador, auxiliado pelo rei, tentasse fazer algumas innovações na sua corporação. Começaram por isso a desconfiar do padre Vieira, chegando a apresentar em conselho a sua demissão.

Tendo el-rei conhecimento d'isto e desejando livral-o de vexações offereceu-lhe algum dos bispados que então estavam por preencher, o que o padre Antonio Vieira recusou dizendo, segundo André de Barros: *Que a todas as mitras, de que Sua Magestade podia dispôr, antepunha elle o viver no logar mais humilde entre os jesuitas. Que se estes chegassem a o despedir, e nem para servo o quizessem admitir de novo, ficaria da parte de fóra lastimando-se e chorando, até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.*

Carecendo o reino de meios para as necessidades da guerra e encontrando-se o povo sem recursos por causa dos excessivos impostos anteriores e sobretudo pela paralisação do commercio, resolveu D. João IV ouvir sobre

o assumpto o padre Antonio Vieira, que lhe propoz a organização d'uma companhia de commercio, á semelhança das que se haviam instituido na Hollanda, que tanto d'ellas havia aproveitado. Esta companhia prestou grandes serviços na restauração das nossas colonias, não obstante a nossa companhia nunca haver attingido o desenvolvimento que teve as de Hollanda.

O arrojo com que defendeu a companhia acarretou-lhe os odios da Inquisição, que requereu ao papa um breve contra a companhia de commercio occidental, fundada por D. João IV em 6 de fevereiro de 1649 para explorar o commercio do Brazil, gosando, entre outros, do privilegio de isenção do fisco para os capitaes a ella applicados.

O papa expediu um breve, fulminando a nova companhia, mas a D. João IV, que não devia estar em muito boas relações com a curia romana em virtude do pontifice não ter querido reconhecer até esse tempo a independencia de Portugal, pouco importou a excommunhão pontifice e no dia 4 de novembro de 1649 a frota da nova companhia lá sahia a caminho do Brazil.

Ainda no desejo de promover o desenvolvimento do commercio, extremamente manietado pelos rigores do fisco, propôz o padre Antonio Vieira que «houvesse S. M. por bem libertar todo e qualquer dinheiro e fazenda que pertencesse ao commercio de qualquer pessoa que fosse, natural ou estrangeira, residente no reino ou fóra d'elle, assim as que em razão de domicilio ou delicto estivessem sujeitas ás suas penas, como quaesquer outras; de maneira que por nenhum crime de leza-magestade divina ou humana, ou outro qualquer dos que se costumavam castigar ou se castigassem para o diante com perdimento de bens, não lhes podessem estes ser confiscados, tomados, nem embargados, mas sempre lhes ficassem livres ou seguros, entendendo-se por dinheiro ou fazenda de commercio todos os bens moveis de qualquer genero ou qualidade que fossem, que os negociantes do reino ou estrangeiros n'elle moradores possuíssem ou administrassem. De sorte que, se o comprehendido em crime d'heresia ou outro semelhante não fosse mercador, ser-lhe-iam confiscados todos os seus bens moveis ou de raiz, mas, emfim confiscar-se-hiam sómente os de raiz, ficando os moveis livres em favor do commercio.» D'esta medida resultaria que os christãos novos, empregariam no commercio todo o seu dinheiro, desde que soubessem que procedendo d'este modo ficariam isemptos do fisco.

Entre outras medidas de que o reino podia ter tirado lucros se tivessem execução, propoz Antonio Vieira algumas que não devemos deixar no olvido, como a reforma dos estylos e modos de julgar da inquisição e a abolição da odiosa distincção entre christãos-novos e christãos-velhos.

D. João IV, apreciando cada vez mais os recursos da alta intelligencia de Antonio Vieira, depois de o nomear prégador da sua camara e professor de seu filho o primogenito, D. Theodosio, resolveu confiar-lhe varias missões diplomaticas, mandando-o á França, á Hollanda em 1646, como seu enviado particular. Em 1647 mandou-o a Paris, conferenciar com o cardeal Mazarino e á Haya com os Estados.

O padre Vieira contribuiu muito para que se frustrasse o projecto formado pelo cardeal Mazarino e que, consistia no casamento do principe herdeiro de Portugal com *mademoiselle* de Longueville, indo para o Brazil o rei de Portugal e ficando regente do reino o principe de Condé até que D. Theodosio attingisse a maioridade.

Não foi tão feliz em Amsterdam, constituindo o procedimento de Vieira uma das suas maiores faltas, por julgar que a Portugal não assistia a possibilidade de lutar na Europa com as forças de Hespanha e na America com as da Hollanda, devendo por isso ceder á Hollanda aquillo a que tinha direito na America. Parece que o nosso ministro na Haya, Francisco de Sousa Coutinho, alimentava as mesmas idéas de Vieira, porque chegou a assignar em nome de D. João IV a cessão aos hollandezes da capitania de Pernambuco, cujos feitos gloriosos eram dignos d'uma epopeia.

(Conclue no proximo numero)

Coimbra, 18 de julho de 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA



HONTEM mesmo conversando com um illustre camarada que, fugido ao crepitante tumulto da vida da capital foi procurar paz e remanso n'uma linda e pequena terra de provincia, á beira do corre. mysterioso e brando d'um rio e no proprio coração do Minho, eu lhe dizia que, para colher e fixar litterariamente uma porção da alma da minha amada provincia, forçoso era, senão lá ter nascido, pelo menos por lá ter andado, lá ter amado e soffrido longos dias. E lembrava-lhe Camillo que, com um genial poder de interpretação psychica e visual perscrutou toda a vida minhota atravez do seu temperamento miguelangelesco, de arranque calido e tragico de transmontano, de nervosidade apaixonada e ardente de semita, a quem a paisagem amorosa e calma do Minho amainou um pouco a sublime loucura.

José Augusto Vieira, um irmão mais velho nas letras. que não pude pessoalmente conhecer porque á hora em que eu apenas chegava desaparecia elle já com os seus trinta e cinco annos incompletos, o seu constante e desvelado amor pela Arte, na sombra tragica d'esse pôdre e infecto becco da morte, era tambem um minhoto.

E nem a orientação scientifica que ao seu espirito imprimia um curso de medico, nem a disciplina militar que, fortalecendo-lhe o methodo de trabalho, dava á sua physionomia um certo ar de rispidez, nem a sua educação litteraria feita toda pela analyse do documento humano que os mestres do romance naturalista, então em plena voga, lhe impunham, lograram apagar a vaga e luminosa poesia, o sonho harmonioso e lyrico que era uma fórmula particular do seu ser espirital e nas paginas

que nos legou gravam o modelo de uma alma contemplativa e enamorada.

Porque, vejamos os senhores, se por um lado ninguém possui como os escriptores nascidos no norte do paiz um sentimento mais profundo da natureza, uma mais ampla e luminosa visão objectiva, maior tara de sonho, e ahí estão entre os artistas vivos para documental-os os descriptivos admiráveis e perfectos de Ramalho, certas paisagens exactas de Teixeira de Queiroz, o alto, o fecundo sonho do grande Eça, productos naturaes de uma educação visual exercida n'uma paisagem como nenhuma outra cheia de polychroma magia e onde, sob as franças das arvores anda embuscada a chymera, por outro lado tambem nenhuma zona de territorio, melhor do que o alto Minho, comprehendida a Galliza sua natural continuação ethenologica e ethenographica, nos offerece poetas lyricos tão notaveis, não do lyricismo abrazador e docemente perturbante d'esse beduíno dos Algarves que se chamou João de Deus, mas d'uma tristeza alada e penetrante, de um vago enternecimento melancolico, de alguma coisa como a toada de gaita de folles ouvida n'um descampado á hora das trindades ou d'uma viola gemendo a um luar de esfolhada. Conhecem acaso poeta mais admiravel do que o dos *Cantares de my tierra*, Curros Henriques, leram já porventura mais commovidos versos do que os de Rosalia de Castro Moguncia, ou ouviram trovar com mais mimo do que esse alegre gaiteiro, que se chama João Verde e que é talvez o nosso unico poeta regional, aquelle em cuja alma se reflecte a alma toda de uma provincia?

Augusto Vieira, que nas *Phototypias do Minho*, o seu primeiro livro, se affirmava já um impressionista para quem o mundo exterior não era uma ficção, revelou se no *Minho Pittoresco* um bello e largo pantheista.

Esta obra tão admiravel, tão abrazada de commo-

vido amor pela paisagem, tão intensa no descriptivo e onde á formiga vive, fixada nos seus costumes mais typicos, uma população de almas francas, gravará na memoria de todos o escriptor que com o seu coração a escreveu.

Porque oxalá que de todas as provincias em que se divide a patria portugueza, algumas de costumes tão accentuados, tão fortemente typicos, se fizessem assim amplas monographias.

Já que entre nós não tem havido litteratura regional é preciso que alguém marque, pelo menos em trabalhos como este é, a feição particular de cada zona. Se se quer fazer um movimento litterario nacional é necessario ir a cada região á cata dos costumes que lhe são proprios para os fixar, pois que todo o resurgimento que não assente sobre esta base pouco duradouro poderá ser.

E urge começar esta tarefa. Os caminhos de ferro, tornando as communicações faceis, permitem que a civilização penetrando nas regiões mais escusas e pittorescas vá fazendo taboa rasa, escorraçando até os aniquillar de todo, os typos bem singulares que se ainda topam e os usos e costumes tão originaes que por esse paiz a fora imprimem tão forte cunho a esta admiravel terra de Portugal.

Homens de letras e pintores vá pois de fixar tantas bellas coisas de que d'aquí a pouco só existirá a saudosa recordação — as romarias, esse spectaculo de côr como outro não ha talvez no mundo, mais brilhante ainda do que a rubra kermesse da Hollanda, mais intenso do que o da propria feira hespanhola ou as esfolhadas do Minho, as vindimas do Douro ou os serões e os magustos de Trazos-Montes, os intermezes e folias das Beiras ou os pittorescos cyrios do Sul.

D. G.

HENRI MEILHAC

HENRI Meilhac que, com perto de setenta annos de idade... e de graça, acaba de fallecer, era o que se chama um escriptor parisiense.

Face calma, ar socegado, qualquer coisa de semelhante á phisionomia de Gervasio Lobato, a mesma gordura, a mesma lentidão de gesto e tambem igual e imprevista graça, espumosa e fervilhante, accudindo sempre prompta, a tempo e horas, a contradizer e a prôtestar contra aquelle ar aparente de bonacheirão e de pacato.

Começou por caixeiro de livraria, ensaiou o desenho e mais tarde, cedendo á sua verdadeira vocação, deu em escriptor de theatro, e por certo que foi um dos mais brilhantes e fecundos que a sua epocha teve.

A bagagem litteraria que nos deixa, constituida de peças feitas de collaboração com Ludovic Halévy e de outras menos numerosas que escreveu sosinho, é muito grande. Os titulos de muitas d'ellas andam na memoria de todos e em portuguez foram ellas representadas sempre com grande successo.

Meilhac, que desde 1888 pertencia á Academia Franceza, viu n'uma memoravel noite, facto sem precedentes, o seu nome apparecer sobre o cartaz de quatorze theatros parisienses.



ROQUE GAMEIRO

ARTISTA de raça e trabalhador infatigavel, Roque Gameiro salienta-se vantajosamente no nosso meio artistico.

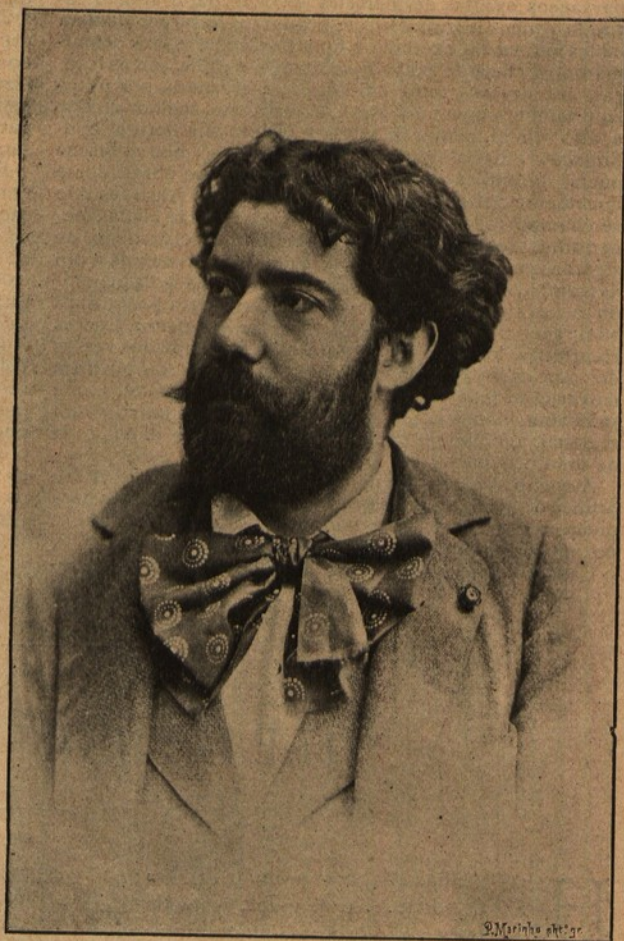
De uma notavel e extrema modestia, affastado de conluos e cotteries, cuidando só na arte, que cultivava com entranhado affecto, mas sem a preocupação de se tornar notavel, era preciso ter, como tem, merito real, para vencer os mil obstaculos que tolgem a cada passo o caminho aos que tentam transpôr a barreira que separa os eleitos da vulgar mediocridade.

E, cousa notavel entre nós, Roque Gameiro alcançou este resultado sem ferir susceptibilidades, sem despertar invejas nem crear inimizades. E uma forte razão vem explicar este phenomeno; o nosso artista allia ao seu inquestionavel talento a hoje bem pouco vulgar qualidade de ser um homem de bem na verdadeira accepção da palavra, um coração d'ouro do mais fino quilate, prompto sempre a servir dedicadamente quantos d'elle se acercam e procuram o seu desinteressado auxilio.

* * *

Não sendo nosso intuito fazer a biographia de Gameiro, nem a analyse artistica dos seus trabalhos, mas apenas acompanhar de algumas palavras o retrato que o «Branco e Negro» hoje se honra em publicar, diremos, comtudo, que, como illustrador de jornaes, Roque Gameiro está a par, se não excede por vezes os seus collegas que no estrangeiro illustram as melhores publicações d'este genero. É *O Seculo* uma prova frisante de que avançamos; e o que se dá com jornaes diarios succede com os outros generos de publicações, em que o desenho tem que tomar outro aspecto, sem que, muitas vezes, a factura seja menos difficil. Não conhecemos ninguem que, em Portugal, com meia duzia de traços, sem sombras, nem retoque algum, nos apresente um retrato mais fiel e agradável, como Roque Gameiro. É, porém, como aguarellista que o nosso artista se tem tornado mais conhecido, sendo algumas das suas télas disputadas com verdadeiro entusiasmo, e recebendo da critica a consagração de verdadeiras obras primas. Podem uns achar que as tintas são mais ou menos alacres, outros os tons mais ou menos quentes, todos, porém, são concordes em affirmar, que elle não tem entre nós quem o supplante e que os seus trabalhos podem defrontar-se vantajosamente com os dos primeiros aguarellistas estrangeiros. Na ultima exposição do Gremio, o jury, galardoando os trabalhos de Gameiro com o maior premio até hoje conferido a este genero de pintura, demonstrou o apreço em que elles são tidos.

As aguarellas de Roque Gameiro têm tido ainda o condão de desenvolver o gosto por este genero de pintura, que muitos, sem se saber a razão d'este facto, têm em menos conta, como se ella se não podesse pôr a par da pintura a oleo, apresentando aliás maior difficuldade na sua execução.



* * *

A par da Arte, Roque Gameiro tem um outro culto, sendo difficil destrinçar a qual dispensa mais affectos e carinhos, por tal fórma o sympathico artista os enlaça: é a — Família —. Arte e Família são, por assim dizer, o elo que o prende á vida, e de tal fórma que a perda de um seria o seu anniquilamento completo.

Dissemos que Roque Gameiro é um homem de bem na verdadeira accepção da palavra, um coração de ouro do mais fino quilate; d'entre muitos factos que poderíamos citar como prova d'esta nossa asserção, destacamos um ao acaso, que tantos são elles, que não haveria n'estas paginas espaço para os contar. Roque Gameiro fizera, por um processo de que elle é o inventor, um primoroso desenho para sair n'um jornal, desenho que a impressão conseguiu estragar; como é natural, o artista ficou contrariado e procurou o administrador afim de evitar que de futuro o caso se repetisse; muito mais contrariado, porém, ficou este, e chamou immediatamente o chefe da officina, disposto a applicar-lhe um correctivo. Apenas viu a attitude do director do jornal, Gameiro ficou em ex-



ROQUE GAMEIRO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

tremo impressionado, e prevendo que ao chefe da officina seria applicado qualquer castigo, começou desculpando-o, adduzindo taes razões e argumentos que conseguiu desarmar a ira do administrador do jornal; o pro-

prio interessado não seria capaz de melhor se defender. Ao retirar-se, ainda perturbado, dizia o illustre artista — «Saíam os desenhos como saírem, nunca mais digo coisa alguma.»

Recordação

Do viso da montanha pedregosa,
A que chamamos vida erradamente,
Quem podéra volver o olhar descrente
A' nuvem dos bons sonhos côr de rosa!

Quem podera, na fonte rumorosa
Do vivo imaginar d'adolescente,
Mitigar uma vez a sede ardente
Que n'alma gera a duvida espinhosa!

Debalde corro a linha do horisonte,
Debalde sondo a terra com cuidado:
Não vejo a nuvem, não encontro a fonte.

Parece que no azul immaculado
E nos duros penhascos do alto monte
Nada resta que lembre o meu passado.

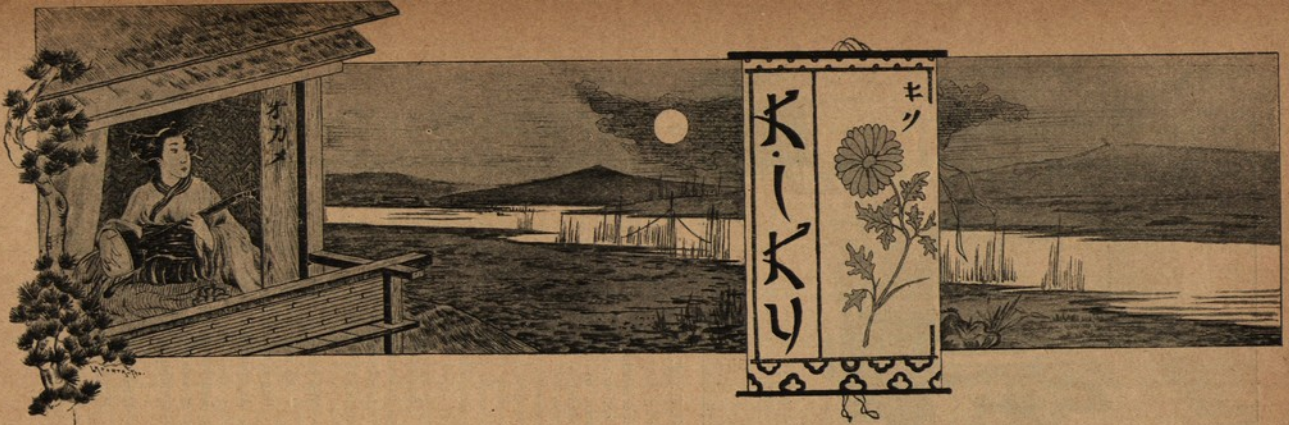
Realidade

As doces illusões da mocidade,
Os sonhos da passada juventude
Já não vibram as cordas do alaúde,
Já não movem o impulso da vontade;

Mas ainda no espelho da saudade
— Ah com bem pouco o coração se illude —
Reproduzem, sem côr e sem virtude,
As imagens tallazes d'outra idade:

Laureis virentes d'invejadas glorias,
Myrtos floridos de pueris enganos,
Triumphos, palmas, ovações, victorias,

Ideaes aspirações dos verdes annos...
Miragens vans, miragens illusorias
Dos adustos areaes dos desenganos!



DAS-NIPPON—O GRANDE JAPÃO

POR WENCESLAU DE MORAES

Um novo livro d'este escriptor já conhecido do nosso publico, proporciona-nos a occasião de publicar o seu retrato.

Wenceslau José de Sousa Moraes, capitão de fragata, tem passado quasi toda a sua vida de official de marinha fóra de Lisboa, onde nasceu, já nas estações navaes das duas costas d'África, já n'esse Extremo-Oriente que elle tanto ama e de nos tem dado tão interessantes descripções.

Concentrado, quasi mysanthropo, com todas as qualidades e todos os defeitos provenientes de muitos dias passados no mar ou em paragens tão longe da patria, Wenceslau de Moraes chegou aos quarenta annos sem se revelar ao publico como escriptor, embora os seus intimos soubessem quantas eram as suas posses de analysista primoroso, e como elle sabia sentir as delicadezas da arte ou as bellezas inexauriveis da natureza.

Foi quasi á força que um seu admirador obteve que elle compilhasse e ampliasse alguns trechos dispersos, que sob o titulo de *Traços do Extremo Oriente* o benemerito editor Antonio Maria Pereira publicou em 1895. Sem padrinhos de valia que lhe patrocinassem a entrada na carreira litteraria, sem reclames bombasticos, que não solicitou, o livro obteve lisongeiro exito, do que deram prova as numerosas apreciações favoraveis, ao tempo publicadas, e que muito gratas lhe foram.

Excitado por esses favores, e como quem não gosta de ficar em divida, Wenceslau de Moraes entregou-se a trabalho de maior tomo. E' ainda o *Extremo-Oriente*, mas agora só uma parte d'elle, a mais extrema, o *Japão*, o assumpto do novo livro que, sob o titulo de *Das-Nippon*, foi agora publicado pela Commissão Executiva do Centenario da India. Dêhê nos permitimos publicar um extracto que se refere ás *gueshas* japonezas, a essas portentosas artistas da musica e da dança, productos maravilhosos d'um paiz de maravilhas.

Ouçamos o delicioso trecho:

«Entramos no capitulo dos sonhos. A *guesha*! Que encantamento, n'esta simples denominação, para estranhos que a entreviram, mesmo para japonezes, a quem a chimera não fatiga.

«A mulher japoneza define-se como o requinte pueril do feminino. A *guesha* é o requinte pueril da japoneza; e o que equivale a dizer que, falar d'ella, é viajar no ether. A *guesha* é a nuvem de sedas polychromas, de crépes olorosos, murmurantes, macios; a *guesha* é o encarnação dos sorrisos perenes, a curva viva das medidas, das cortezias; é a mão branca e fina, que vem servir o vinho còr de ambar, capitoso, a mão que fere na guitarra hymnos dolientes; é a boca de labios de oiro, que segredam não sei quê de suave, que ainda não é amor, ou que é mais do que amor, e que embalam em cantares, aprendidos de còr com o soluço das cascatas; é a delicioso perfil humano, que ondula em gestos, que ondula em danças demoradas, demoradas, no silencio dos extasis; a *guesha*, absolutamente indefinivel, é a radiosa estrella de prazer, sem sexo todavia, porque passa intangivel, sorrindo embora, embriagando embora, fugindo, desaparecendo, deixando de si apenas um rasto de saudade, de meteor luminoso. Se um imperio inteiro não se amiguiha, sob a impressão extatica d'este enlevo, é porque, tão vago é elle, que se subtilisa, evasce-se, como a impressão ephemera d'um sonho.

D'onde vem a *guesha* então? Desce das nuvens, d'uma còrte adjacente de fadas portentosas? Não tanto: é a rapariga recrutada entre as mais bellas do paiz, educada pacientemente no segredo da arte do espirito, da arte do gesto, unigida do culto de todas as graciosidades. Vive em colonias mysteriosas, em associações intimas, sujeita a leis estranhas, de sacerdocio; habitando em arruamentos proprios, quasi lugubres, de casinhas uniformes, impenetráveis, com as suas lanternas de papel suspensas da entrada, rabiscadas com negras designações cabalisticas. Que se faz lá dentro? Eu sei lá!... Mergulham no bano curvas graciosas, sorriem rostos aos espelhos, doiram-se labios, polvilham-se epidermes, pulem-se unhas rosadas, junta-se qualquer illuso de jantar — petalas de lyrios cozidas ou algas com assucar. —

Ama-se? Não se sabe bem, mas parece que não. A *guesha* vive em si, no enlevo de si mesma; perguntam ao amor se ama... É certo que uma ou outra tem voado do seu ninho, a occupar o lugar de esposa, na habitação burgueza; mas então quebrou-se o pacto, cessou o sacerdocio, e se simplesmente mulher. As ruas de *gueshas* dormem durante o dia; e só e moscas, mais nada; parece que a luz mordente cegaria a terna morbidez d'aquelles olhos.

A noite traz-lhes vida; todas as lanternas se acendem, bruxuleiam as porlinhas deslizam; creadas assomam, através das cortinas de gaze azul, que o vento agita em ondas. E principia então a procissão phantasmagorica d'aquellas borboletas, nactivas, de plumagem rutilante, de longas antenas de oiro espigando dos ca-

bellos; d'alli sêe um *kimonosinho* a palpitir, engalanado em estrependos refulhos do *obi*, que se cinge á cintura; e alem sêe outro e outro, arrastando socco de charão, deixando no ar um perfume, reluzindo sob o reverberer ocasional dos lumes. Moços rudes, meios nus, negros e feios como faunos dos bosques, acompanham de perto os *kimonosinhos* preciosos, guardando-os, defendendo-os, transportando ao mesmo tempo a alfaia ritual, — vestes de cerimonia, a guitarra no seu sacco de setim, a caixa com os albuns de musica e as baladas. —

As borboletas!... Onde irão ellas, pela noite, as borboletas?...
Onde irão ellas? Onde vão? E' facil a resposta. Um bando de rapazes, ou um só, conforme o temperamento, entrou na *chaya*, ou entrou no barco, e consultou o caderno de nomes adoraveis, onde se indica o que anda estêdo occupado; e apeteceu dois ou tres, ou quatro, ou um regimento; e aguarda as *gueshas*, sobre a esteira, onde vão servir-lhe, em charês rubros, um banquete de cosas fabulosas.

Imaginemos a *chaya*, a casa de chá, que é o restaurante indigena, offerecendo-se ao publico sobre algum recanto pittoresco, servida por um batalhão de creadinhas. Imaginemos o recinto da pequenina cella, que uma lampada allumia, limitado pelas paredes de papel, pelo tecto de estreitas taboinhas aplainadas, pelo *tatamy* fófo do sobrado; n'as de tudo, ir-se-hia já dizer insipido; mas aberto por uma das faces ao inteiro mysterio da noite, que o inunda de arrepios de brisa, de perfumes de floresta, que lhe traz todos os ruidos anonyms de longe, todos os contornos indecisos, todas as scintillações fortuitas, da vida exterior.

E' entram então as *gueshas*, d'um bando de sedas e em péssimos nus, que não fazem ruido (nem se percebem fadas que usassem botas de pellica), sorrindo, saudando, palpitantes de pretenciosas humidades, levando as fronteas ao chão em reverencias. Submissas, aparentando quererem ser nadas, passam a ser tudo, mais do que mulheres, o principio unico da vida, de toda a magia das horas que vão correr, longe da terra, longe da vida exterior.

«E' entram então as *gueshas*, d'um bando de sedas e em péssimos nus, que não fazem ruido (nem se percebem fadas que usassem botas de pellica), sorrindo, saudando, palpitantes de pretenciosas humidades, levando as fronteas ao chão em reverencias. Submissas, aparentando quererem ser nadas, passam a ser tudo, mais do que mulheres, o principio unico da vida, de toda a magia das horas que vão correr, longe da terra, longe da vida exterior.



WENCESLAU DE MORAES

mesmo do Japão, no mundo abstracto das impressões ineffaveis. Tocam, cantam, dançam; e dedos voejam, servindo os fructos, servindo o chá, servindo o *saké*, ou levando aos proprios labios a porcellana minuscula, que vem apoz, humida d'elles, offerecer-se aos labios do companheiro. Há pausas rhythmicas, longas suspensões dolentes de officiantes, pois tudo isto lembra um grande ceremonial pagão, ou cousa de cortejo passado além na còrte olympica, onde ellas fossem as mysticas vestaes. As horas passam, n'um quasi espasmo hypnotico; até que, chegado o momento da fadiga, que em tudo se insinua, as *gueshas* entrouxam os seus atavios, embriulham as suas guitarras, desaparecem como sombras, recolhem aos tugurios, para continuarem no seu incessante fadario, de irem batendo de porta em porta, espargindo os encantos do sexo em subtilidades de perfumes e graças intangiveis; encantos, que a dona da *chaya* incluiu a mais na conta, é bem de ver.

Os instrumentos indigenas, onde poisa a alvura das mãos das *gueshas*, são o *samien*, o *kotto*, o *biwa*, outros ainda, lembrando a guitarra, o bandolim, a harpa; instrumentos de corda, adaptando-se assim obedientemente á intenção, ao vago, ao incompleto da trova, dos cantares. As cordas gemem em tremolos, soltam exclamações subitas, acompanhando a voz em melancolias arrastadas; é a musica da vida, o ramalhar das arvores, o sussurro das aguas, o cicio dos insectos e dos arvares, o grito insólito do corvo, cortando o espaço; por suggestão, adiveinha-se n'ella o eterno enlevo dos sexos, a curva doidejante das borboletas brancas perseguindo-se sem se alcançarem, todos os dramas da *sympathia* e do desejo, da alma e dos sentidos, que constituem a lei da existencia universal.

A dança japoneza é ainda isto, a suggestão pela mimica. Quem a imaginar turbulenta e banal, como nos outros povos, engana-se. A *guesha* ergue-se da esteira, no esplendor das suas sedas tuçadas; os pés n'us mal se movem, o vulto não se desloca, como uma idéa persistente de sonho; o busto ondula, inflecte-se; os braços ora se curvam como amplexos do destino, ora se furtam como illusões perdidas; os dedos, segurando uma varinha ou um leque, voluteiam em doidas futilidades como um enxame de chimeras; e nos labios, e nos olhos, passa um sorriso, uma ironia, um anhelio, uma angustia...

Todas as cidades têm as suas *gueshas* predilectas. Em Tokio, em Osaka, em Kioto, enxameam. Os seus nomes, pueris como ellas, são conhecidos de toda a gente, pronunciados com respeito de culto.

As *gueshas* vivem em alguns d'estes *idolhos*, as *gueshas* celebres de Tokio, habitando o famoso bairro de Shimbashi. Poderá colher-se, por passatempo, d'estes enigmas vivos, uma só idéa? *Momokoro*, lembrando no seu olhar sereno aguas em calma. *Kotoyo*, a morbidez suggestiva, a perla que dorme no seu dedo. *Kokuro*, a chimera branca, branca como a seda do seu *kimono*. *Ayuma*, um sorriso de luz brincando através d'um crystal. *Korei*, a doce ironia da vida. *Osujo*, uma saudade. *Sanko*, a flor banal. *Momoko*, a benevolencia fria. *Tonko*, um olhar negro. *Eriko*, um fructo. *Tsumako*, um presentimento...

Pelas longas calmas, em noites tranquillias de julho e agosto, em Tokio, em Osaka principalmente, onde a rede dos canaes cruzza incessante pelos bairros populosos, a *guesha* de ordinario não se encaminha para a *chaya*, se que além, atrahida pela frescura das aguas; desce as escadas limosas dos caes, entra na gondola que a espera, e por ali vai ella a confundir-se no enxame dos barcos, a encorporar-se na esquadra de amor, que voga sem desleio n'aquelle mar de rosas, ao acaso das brisas fugazes e da corrente preguiçosa.

O doce segredo da noite atenua as estranhezas do quadro, que a luz d'um sol impossivel, que então riasse de improviso, patentearia em fúrias estupendas. Para o desprevidio que passa, atravessando pelas pontes, a scena dos mil pharoes, das mil lanternas de todas as formas, a derivarem lá em baixo, e dos lumes dos balões suspensos da casaria que margina, poderá talvez suggerir a idéa d'um inaudito *sabbat* de seres fletivos, cujos olhos se possuem a luzir immensamente em foguete, um lume sobe ás alturas, desfazendo-se em chuvas de oiro, em caudas de cometas, multiplicando-se em estrellas de cem côres em ziguezagues colubrinos. O ruido confuso, incessante, que vibra no ar, é feito do bater melancolico dos remos, do chapinhar da gente que se banha, do prego dos vendilhões marinhos, dos risinhos intimos, das palpitâncias das guitarras, das barcolaras soluçadas.

Mas, para roubar ao mysterio uma revelação, é preciso ser-se da esquadra tambem, embora marinheiro sem matricula, espectador passivo. Então, roçando pelos barcos, entrando na esphera luminosa d'uma lanterna do acaso, branca ou vermelha, ou esmeralda, o olhos mergulham maravilhados na magia do espectáculo. Nas camaras achoroadas das gondolas, parece que se despejaram em cesto cestos de flores; são montes de seda de todos os matizes, sedas vivas, que se quebaram em menios; d'onde surgem as cabeceiras-prodigios, alvas de leite, os esboços de olhos de azевичe e de labios de oiro, em diademmas gigantes de cabellos negros; d'onde surgem as mãos esguias, premino e ferindo as cordas, ou offerecendo as tacas de *saké*; d'onde surgem os pés miudinhos, adormecidos aos pares, sobre a esteira ou sobre a colcha escarlate. E os homens, os bons japonezes, nos seus *kimonos* frescos, braços n'us peitos nus, estendem-se mollemente pelo espaço livre, que as mulheres attentiosamente lhes deixaram, um quasi ninho, forrado dos crépes dos *kimonos*; e fumam, e comem, e bebem, e escutam n'as, n'um meio-dormir hypnotico, animados d'um vago sorriso, de quem sente a vida e gosa n'ella...

O CENTENÁRIO DA ÍNDIA

O DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA

A GORA que tudo anda acceso em aventar alvitre sobre as festas a fazer para a solemne commemoração do *Centenario da India*, como lhe chamam diariamente os jornaes, parece não virem fóra de proposito algumas palavras a este respeito; como porém, não

Nossa Senhora de Belem, mandada erigir pelo infante D. Henrique, atulhava-se a multidão, com os olhos marejados, avida de assistir á partida dos seus irmãos, paes, filhos e amigos, seguindo-os com a vista até que os navios se perdessem no horisonte e d'ahi para lá com o pensamento. Apertam-se os derradeiros abraços, soam os ultimos beijos de despedida.

Os quatro navios de que se compunha a expedição esperavam a chegada dos respectivos capitães. Dá-se o ultimo adeus, e Vasco da Gama, altivo sobre a coberta dá o signal da partida.

Ergue-se o ferro; desfraldam-se as vellas; desferram-se os ultimos velachos ao sopro agudo do vento; movem-se as naus, que dentro em pouco, cortam as ondas do mar.

Era no dia 8 de julho de 1497.

No primeiro navio, o galeão *S. Gabriel*, governava Vasco da Gama, levando por piloto Pero de Alemquer.

O segundo, o *S. Raphael*, commandado por Paulo da Gama, irmão de Vasco. O piloto era João de Coimbra.

O terceiro, o *Berrio*, era commandado por Nicolau Coelho, sendo piloto Pero Escobar.

O quarto, emfim, era a nau *S. Miguel*, levava os mantimentos, e por commandante Gonçalo Nunes, familiar dos Gamas.

A expedição levava dois interpretes, um de arabe, Fernão Martins, outro da lingua dos pretos, Martim Affonso. A tripulação compunha-se, ao todo, de 160 homens, embora a historia só lembre o nome de 21.

Correu a viagem sem incidente notavel.

Um pouco a S. das Canárias, tresmalharam-se os navios, mas no dia 26 juntavam-se novamente á vista da ilha do Sal, no archipelago de Cabo Verde.

Abasteceram-se de agua e lenha, e no dia 3 de agosto seguiram ávante. Passados 90 dias tornaram a vêr terra e aportaram n'uma bahia, a que Vasco da Gama pôz o nome de Santa Helena.

Esta bahia era habitada por hottentotes, que o Gama tratou com todas as branduras e amidades.

Um dos da expedição, Fernão Velloso, embrenhou-se com elles nas florestas e com elles se banqueteu de cavallo marinho, mas querendo entrar nas cabanas e conhecer de mais perto os seus hospedeiros, estes expulsaram-o e perseguiram-o. Velloso descambou pelo outeiro com a maxima velocidade. Damião de Goes relatando



EL-REI D. MANUEL

(Copia extrahida por Jorge Colaço do celebre quadro *O terceiro casamento de D. Manuel*, existente na Misericórdia de Lisboa)

pretendo emplumar-me com penas que me não pertencem, declaro desde já que seguirei o mais possível a narração do auctorizado escriptor Osorio de Vasconcellos.

.....
Na praia do Restello, onde se erguia a ermida de

esta peripecia, diz que os portuguezes lhe fizeram grande arruaça por vir fugido, quem tanto se ufanava de valente e destemido. Um marinheiro portuguez disse :

Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro
E' melhor de descer, que de subir.

ao que Velloso, já a salvo, responde :

... á pressa um pouco vim
por me lembrar que estaveis só, sem mim.

Tal é a versão de Camões. O certo é que houve motim entre os pretos e os portuguezes, e, a 19 de novembro, estes levantaram ferro, affirmando Pero d'Alemquer que estavam a 30 leguas de distancia do Cabo. Tres dias depois avistaram este ultimo, o qual estiveram 3 dias para dobrar, sem conseguirem vencer a corrente e os ventos.

A 25 de novembro lançavam ferro na bahia de S. Braz, na costa oriental da Africa, sendo a nau de mantimentos queimada, em conformidade com as instrucções que Vasco da Gama levava de Portugal. Ali erigiu um rustico padrão, que os pretos destruíram mal a esquadra levantou ferro, o que foi logo ao cabo de treze dias, em consequencia de continuar desavenças entre aquelles e a gente da expedição.

No dia 15 de dezembro chegaram aos ilheus Chãos, quasi um grau áquem do rio Infante, que já havia tambem sido visitado por Bartholomeu Dias.

Começaram então as privações. As tempestades que se desencadeavam a cada momento, e as correntes escoando-se por entre os rochedos, pareciam jogar com os navios e deter-lhes a passagem.

A expedição esteve por mais d'uma vez em riscos de mallograr-se. Reinava o escorbuto a bordo, e a tripulação, cansada, doente, e amedrontada com as tempestades, que cada vez eram mais terríveis, rebellaram-se, querendo voltar para traz.

Vasco da Gama, conservando a linha, como diria qualquer critico dos nossos dias, (se lá estivesse) — sereno e impavido, poz a ferro os cabeças de motim, animou os restantes e proseguiu a viagem, com a valentia e audacia inquebrantaveis que só possuíam os portuguezes d'aquelle tempo.

A 10 de janeiro de 1498 viram terra e chegaram á foz do rio do Cobre, que alguns historiadores teem chrismando com o nome do rio de Inhambane, julgando ser este ultimo. Os habitantes da terra eram mouros e Vasco da Gama poz o nome áquella costa de Terra de Boa Gente.

Em 22 chegavam a Quelimane, e o audaz navegador em consequencia de já ali encontrar os primeiros signaes de civilisação, poz áquelle rio o nome de Bons-Signaes.

Se Vasco da Gama continua a costa iria á opulenta Sofala, a antiga e biblica Ophir; mas como o seu fito era o oriente, fez-se ao largo e no dia 2 de março estava em Moçambique, onde reinava um sultão mahometano. O sultão veiu aos navios, concedeu dois pilotos, reinando a principio a melhor harmonia. Breve começaram as divergencias a proposito de tudo e Gama teve que levantar ferro. Os ventos, porém, não ajudaram e novamente arribaram a Moçambique, que foi bombardeada.

Dirigiram-se a Quilôa, onde não poderam entrar; foram depois a Mombaça, cujo sckeik ou sultão lhes tinha preparada uma traição, de que só por miagre escaparam. Chegaram porfim a Melinde, onde toram bem tratados obtendo ali um piloto.

Finalmente em 20 de maio tocaram a terra da India e lançaram ferro em Calicut, termo da viagem.

Vasco da Gama resolvera o grande problema e era considerado como um heroe da humanidade.

Os presentes, porém, que o Gama levava para o rajah de Calicut eram de uma tal pobreza que este ultimo ria immenso, na audiencia solemne que lhe concedeu no seu palacio, audiencia a que assistiu o intrepido navegador e doze dos seus companheiros; Vasco da Gama, que tinha sido recebido de palanquim, foi despedido e mandado a pé com os seus doze homens. Depois de receber toda a casta de insultos e despresos, durante tres mezes, regressou a Portugal onde chegou a 29 de julho de 1499, sendo recolhido na côrte com grandes pompas e galas.

Eis a largos traços a narrativa da primeira expedição á India, commandada pelo immortal Vasco da Gama, a quem Portugal, passados 4 seculos pretende tão justamente festejar.

MANUEL DUARTE.

PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA

BRILHANTISSIMA data!

Que portuguez deixará de recordar com saudade este dia notavel, que a Historia regista com caracteres d'ouro, e cujos feitos ficaram perpetuados n'esse sublime poema de pedra — Santa Maria de Belem — symbolo das nossas descobertas maritimas, e que deram o thema fundamental para esse livro d'ouro, para essa Biblia nacional — *Os Lusíadas*?

Sim, faz hoje 400 annos que de Belem partiu uma esquadra de 3 navios de frageis taboas, em cujas velas se via estampado o symbolo da redempção christã, e que era commandada pelo inclito Vasco da Gama, qual outro Moysés, em busca do caminho maritimo para a fascinante India.

Que gloriosissima data da nossa historia!

Viagem coroada de bom exito e que synthetisa a grande epopeia, que vae desde as assombrosas descobertas do solitario de Sagres até ao gigante de Sines que, com mão possante, leva o pendão das quinas, que tremula desde o Tejo até ao mar Vermelho. e que faz desfraldar na India, realisando o ideal de todos os portuguezes, e mais nomeadamente o pensamento do Infante, o navegador, e o plano do Principe Perfeito.

Saudemos, pois, a alvorada d'este dia!

Commemoremos esta data notabilissima, evocando esses dias gloriosos em que o Oriente nos mandava o ouro das suas veias; em que Portugal tinha o predomínio sobre os mares; em que a formosa rainha do Tejo imperava mais do que Roma ou Carthago, e em que a vasta amplitude do Tejo era pequena para receber os galeões que nos traziam os ricos tributos e ofertas de quasi todo o universo: ouro, perolas e diamantes.

Recordemos essa pleiade de homens, que, debaixo do

estandarte da Ordem de Christo, concorreu para a grande obra da civilisação, para a nossa grandeza, para a nossa immortalisação.

Mas não basta só isto. E, já que a missão dos povos é outra, realisemol-a tambem: vamos todos pessoalmente ou em espirito a esse templo historico de Santa Maria de Belem, e ahi, perante os tumulos de Vasco da Gama, Camões e Herculano, d'essa trindade gloriosa, que foi e é a personificação do amor da patria, entranhado por Vasco da Gama, cantado por Camões e historiado por Herculano, juremos todos iniciar a nossa regeneração moral e social, seguindo a esteira das nações mais avançadas no progresso e civilisação, já que não podemos ir na vanguarda e, como outr'ora, servindo-lhe de farol.

Será esta uma das mais significativas, mais condignas e mais grandiosas homenagens com que poderemos celebrar esta data, e possamos todos os portuguezes ao solemnisar o quadricentenario do termo d'essa feliz viagem colher alguns fructos da realisação d'esta nobilissima missão ao alcance de todos, e que provará que já despertamos de tão prolongado somno.

Preparemo-nos, assim, condignamente, para esse proximo jubileu nacional, honrando e glorificando as cinzas dos nossos maiores e retomando o logar, que nos pertence, no convívio universal.

Despertemos d'esta profunda lethargia, entremos no caminho do dever, e possa Portugal, ao entrar no novo seculo, inscrever honrosamente o seu nome na Historia aureolada da sua pristina e immorredoura gloria.

E' este o meu pensamento, quando recordo o 4.º centenario da partida de Vasco da Gama para a India.

Ilhavo, 8-7-97.

MANUEL FERREIRA DA CUNHA.

ALFREDO PEREIRA PINTO



A piedosa amizade de José d'Abreu, Julio Dantas e Manuel Penteadado colligiu carinhosamente n'um volume de *Posthumus* os esparsos versos do malogrado poeta. Ao volume, editado por Antonio Maria Pereira, arrancamos algumas paginas do prefacio onde, com lucidez, se traça a figura litteraria do alegre moço.

«Alfredo Pinto nunca na sua vida pensára em fazer um livro. Ou porque se julgasse incapaz d'um trabalho de systematisação, ou porque o afugentasse a inacessibilidade dos editores, o certo é, que nem mesmo mostrou alguma vez desejos de traçar os lineamentos d'um punhado de paginas, que definissem o seu espirito irrequieto e luminoso. Andou sempre, como tantos outros, ignorado e perdido pelas columnas pobres dos jornaes e das revistas, na eterna mascara dos pseudonymos, manchando com o ouro ardente dos seus versos ou perfumando com a graça estonteadora da sua bella prosa o paludismo irritante das litteraturas baratas do nosso tempo. Ordinariamente, e sobre tudo no meio viciado das escolas, Alfredo Pinto era apenas conhecido como um gazetilheiro,—e como tal, não o estremavam da gandaya réles dos que para ahí enxameiam pelas redacções. E' para desfazer esse engano imperdoavel na comprehensão da figura intellectual do desditoso poeta, que nós publicamos as suas posthumas, — enfeixamento de lyricas e de grotescos, que podemos separar d'entre os seus erotismos de pervertido litterario. Nas poucas paginas que seguem com os *Estados de espirito*, as *Impressões*, o *Lyrismo ironico* e os *Grotescos*, a alma e a sensibilidade delicada do poeta affirmam-se expontanea e profundamente. O que é necessario não esquecer, e o que nós vimos proclamar publicando estes versos, é que existiu um poeta, Alfredo Pinto, poeta a valer,—e que esse poeta foi mais um lyrico e um enternecido, do que um satyrico gandayeiro e um libertino de rima, como quasi todos hereticamente o conheciam.

Alfredo Pereira Pinto era de estatura meã, um quasi nada fragil, mas elegante, com um tom muito trigueiro de côr, ás vezes esverdeado e mórbido, e uma physiognomia de sensual, marcada a traços pouco profundos. Tinha um certo ar feminino na modelação delicada das feições; um redemoinho na pópa rebelde do cabelo muito negro; uma loucura de febre cerebral no castanho luminosamente claro das grandes irises; uns ligeiros assomos d'ironia e de bohemia na ponta levemente revirada do nariz; um avelludado lubrico nos beiços carnudos e purpurinos, e um ar de infantilidade graciosa na fosseta do arredondado mento. A cabeça, pequena, muito regular o caracteristica, quasi sempre inclinada para traz e um pouco para a banda, n'um ar leviano e atrevido de par-

dal feliz, oscillava a um e a outro lado, acompanhando o balanço sacudido do corpo. Andava depressa, muitas vezes sem destino, deslisava quasi, e n'uma nevrose irresistivel retorcia continuamente a ponta esquerda do bigode retinto,—de cotovéllo no ar, ao passo que com o outro apegado ao quadril e com o antebraço hirto, em supinação e afastado do corpo, regia inconscientemente, n'um movimento isochrono de pendulo, a cadencia rapida dos seus passos. Era um fraco, — e, como fraco que era, tinha a aversão das grandes musculaturas. D'uma emotividade excessiva, sentia ás vezes temores de perseguição e allucinações; outras vezes distrahia-se e ausentava-se do meio exterior; tinha momentos em que dudava muito; era impulsivo e excentrico; amava a vagabundagem a horas mortas e sem companheiros. Em certos dias andava cheio de terrores e de superstições: então isolava-se, e no seu espirito sombrio passavam idéas fixas, macabras, duvidas pathologicas e cóleras violentas. Vivia muito dentro de si, n'aquelle ar pachorrento e simples que mostrava. Quando se exteriorisava e se mettia pela bohemia afóra, — uma bohemia muito sua, typica, original, caracteristica,—o traço da sua personalidade resáltava luminoso e nitido, expontaneo e sincero, quasi sem elle querer, sem elle mesmo dar por isso. Não se esquecem aquellas famosas orgias de *dezoito vintens e meio*, que elle confessava a Fialho d'Almeida, nem o celebre santo Antonio de barro que quasi sempre o acompanhava, nem os presentes comicos que offerencia ás amantes. Quantos se não lembram com infinita saudade d'aquelle pequenino quarto que elle tinha no quartel do Carmo, onde de quando em quando, em dias de luz e de calor, arranjava os seus phantasticos *jantares no campo*. Punha-se em mangas de camisa, mettia um lenço vermelho entre o collarinho e o pescoço, e muito afrontado de calor, de chapeo d'empreita na cabeça, estendia um cobertor no chão, e de ventre para o ar, olhando pelo rectangulo da janella umas ramadas verdes das arvores do Carmo e uns farrapos azues do ceu, comia o rancho dos sargentos e quedava dormindo a sésta. Ao pé d'esse quarto ficava outro, o d'um sargento muito velho, tarimbeiro, que de noite resonava atrozmente, impedindo o nosso poeta de pegar no somno.

Pinto erguia-se do leito, calçava umas botas altas, e n'um barulho infernal, com toques de clarim, marchas e contra-marchas, imitava o *melhor possivel* um exercicio de fogo d'uma bateria d'artilheiros.

Ao segunda tiro de peça, o dorminhoco acordava e o Pinto podia então deitar se e adormecer.

Em vésperas de exames, para conseguir levantar se de madrugada, dormia de *prevenção*, como elle pittorescamente lhe chamava: era no sobrado, e completamente vestido; até punha o cinturão, o terçado e o gorro!

D'uma vez em que o aconselharam a não apanhar sol, andou tres horas no Rocio, n'um dos passeios, á espera que o sol desaparecesse do largo, para o atravessar.

D'outras vezes, quando ae queria livrar d'um companheiro, dizia-lhe quasi em segredo: — «Vae-te embora, que o meu pae prohibiu-me de andar contigo!»

Nos seus diarios intimos, — porque, coisa curiosa, no meio d'aquella agitada bohemia e do seu alheamento constante apontava tudo o que lhe acontecia, — encontram-se, ás vezes, notas engraçadissimas. Uma, para amostra: — «Dia tantos de tal... Purgou-se a C. C... Oh!»

Esta C. C. era uma actriz, que o trazia preso d'amores. Aquelle «oh!» com exclamação, dava bem a impressão pungentissima do extranho caso.

Quasi a morrer e sabendo o fim que o espera, em tres sonetos violentos e sarcasticos desprende o freio ás loucuras da satyra e n'um delirio de coprolalia insulta a medicina, que o não cura, e ri dolorosamente, miseravelmente dos medicos e dos remedios. Esses ultimos versos, que infelizmente não podem publicar-se, incandescentes de impudor e tragicos de descrença, confrangem-nos o coração e gelam-nos de espanto. Vida alegre e terrivel a do pobre poeta!

.....
N'uma casita do Estoril, para onde o mandaram já

muito doente, — elle, que amava a luz, a alegria e o movimento da cidade,—para ali se foi mirrando na triste solidão e no desamparo doloroso de quasi todos os que se diziam seus amigos.

Foi horrivel o seu acabar. Quartanista de medicina, lendo bem, dentro de si, como n'um tratado de pathologia, os estragos d'aquella maldita tuberculose, via-se perdido, irremediavelmente perdido, sem uma illusão que lhe viesse pôr uma tremura de luar no espirito descrente e desolado. Olhava o tempo que passára e tinha remorsos da sua vida agitada, d'aquellas noites em claro e das terribes horas de bohemia que o tinham gasto.

Estava pagando tudo isso; sentia-se morrer dia a dia, lentamente. E quasi todos o esqueciam. Ah! agora via bem quanto tinha sido victima e escravo no amor, apesar das apparencias doiradas de D. João. A sua necessidade d'amar alguém, aquella febre constante de volupia, aquella franqueza irritavel trahindo uma verdadeira neurasthenia, arrástram-n'o á cova. Tinha amado doentamente, desesperadamente. Tudo agora pagava e bem caro! Esse genero de mulheres que possuira, que traduziam a sua doença, a sua obsessão pelo artificial, e que o afu-

gentavam do verdadeiro amor, via-as bem agora, quando tudo já ia longe! Nunca fôra amado com a espiritualisação que superiorisa as verdadeiras affectividades.

E todas essas mulheres, cheias de egoismo e de neurose, lhe tinham mordido e retalhado a alma, pondo-lhe a tratos a paciencia com o chinezismo e a volubilidade dos seus caprichos irritantes.

Todos o tinham esquecido desde que a doença o pregára em casa, impossibilitando-o de reclamar-as nos jornaes. Via bem que não lhes fôra mais do que uma coisa util.

O seu acabar foi horrivel. Na noite de 26 para 27 de fevereiro, sentiu-se quasi asphixiar. Crispou os dedos nos ferros do leito, alevantou-se ávido de muito ar, e contorcionado, cahiu de bruços no pavimento, meio envolvido nas roupas.

Quando veiu gente acharam-n'o morto.

Pobre, ainda alguma coisa nos deixou: o seu livro, que piedosamente publicamos, — e as lagrimas que nos arrazam os olhos sempre que nos lembramos do grande e infeliz amigo. Para nós é bastante.»

REGIA PLASTICA

Carne opulenta, carne voluptuosa,
humida, e branca, e lactea e tentadora,
a d'essa esbelta senhorita loura,
misto de lyrios, de jasmins e rosa.

Desde a cabeça ao pé, que se enthesoura
n'uma gardenia eburnea e vaporosa,
brilha impecavel, rútila e gloriosa
a correcção da forma estonteadora.

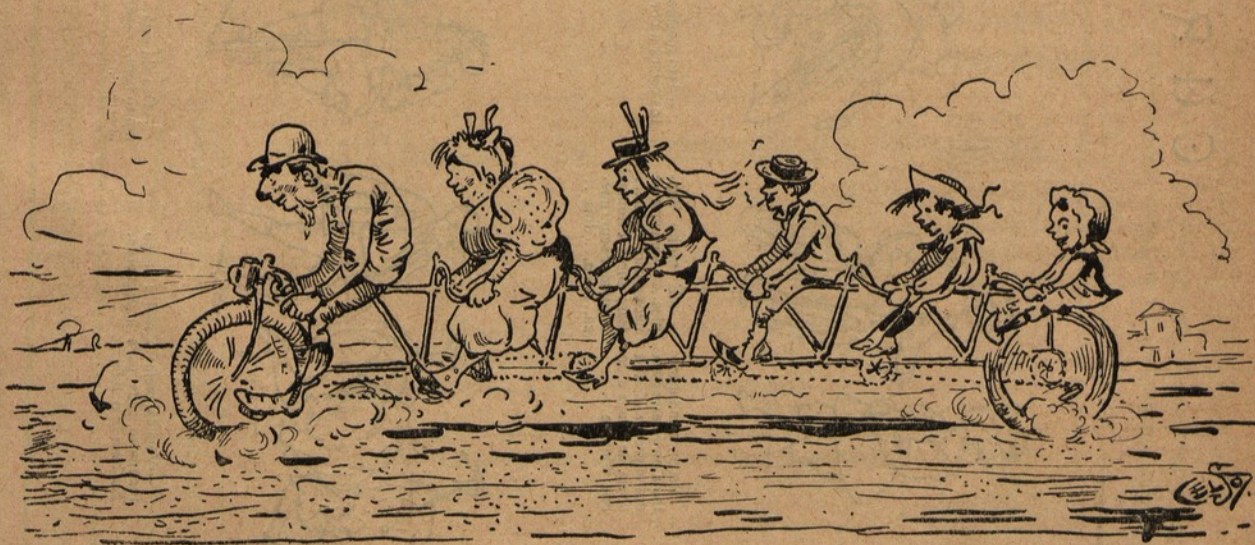
Plastica excelsa de mulher bonita,
a tua, idéal e pallida Rosita,
cheia de encantos de subteis donaires.

Por onde passas, deslumbrando a vista,
levas, sorrindo, a gloria das conquistas,
ó dulce, ó branca flor de Buenos-Ayres!

Pará.

THEODORO RODRIGUES.

AOS VELOCIPEDISTAS



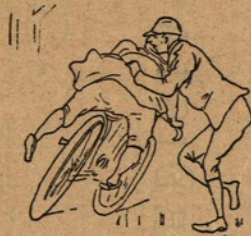
SEXTUPLETA PARA USO FAMILIAR

CURSO DE BICYCLETTA



Recomendaram-lhe a bicycletta para emmagrecer. E ella cheia de graça e de boa vontade...

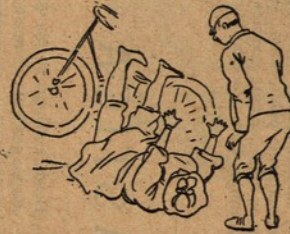
—É muito simples... sómente é necessario andar... Para subir é tomar o guiador sem rudeza... um... dois...



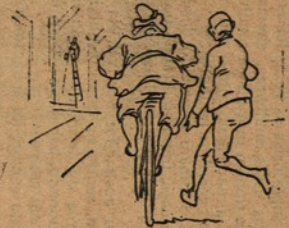
—Isso mesmo... em cinco minutos estará a correr... Vamos!...



—Muito bem... em frente... em frente... é necessario correr... não incline o corpo!



—Vê... Inclinou muito para a direita... eu bem lhe dizia!



—Perfeitamente... um... dois... pedalemos!... Olhe que já a não seguro...



—Veja lá, veja... mal a largo inclina-se toda para a esquerda. Eu bem lh'o dizia...



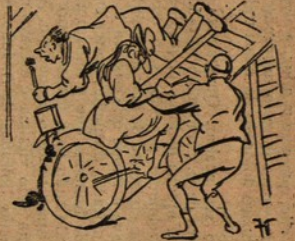
—Ora ahi está... Muito bem... muito bem... assim mesmo... não aperte...



—Disse-lhe que não apertasse!... Assim dá cabo da minha bicycletta!



—D'esta vez sim... ora ainda bem que... dirija-se ao poste... lá em baixo... ao lado do pintor... caminhe com firmeza...



—Ah! disse-lhe que se dirigisse para o poste e veiu cahir sobre a escada... mas não faz mal... em cinco ou seis lições estará mestra!

(De Henriot, em L'Illustration)



○ FERRO VELHO ○

Bateu o ferro velho á minha porta :
— Vamos, Senhor, vendei-me alguma cousa !
Compro tudo o que o Tempo rasga e entorta.—

«Arreia o fardo ao chão — lhe disse — e pouza
Sobre este peito ardente e vigoroso
A tua mão.

Sentes bater — foi forte e generoso ! —
Sentes bater meu pobre coração ?
Entrou na Vida immaculado e puro,
Tinha fé na Esperança e no Futuro
Era um palacio encantado,
Cheio de sonhos, d'illusões,
Mirando o mar azul e o céu todo estrellado...
Hoje é o casebre onde pragueja a malta
Dos odios, das paixões...
Podes leval-o que me não faz falta !»

Era um judeu e tudo lhe servia,
Tudo o mais gasto, arruinado e velho,
Tudo o que em pó e lixo apodrecia,
Comprava o fato usado, o antigo luxo,
Comprava ossos de vacca, o roto espelho,
A commoda sem pés, velhissimo velludo...

Mas esse velho bruxo,
O ferro velho comprador de tudo,
Quando lhe offereci meu coração,
Piscando os olhos remelosos, tortos,
N'um riso alvar de troça e compaixão,
Respondeu logo : «Não me servem mortos !»
(Inedito).

□ MARTINHO DE BREDERODE.

A crucificação de Prometheu Pagano

Kratos brada : — «O Destino, Hephaistos, odeia,
Não perdôa aos heroes : por mim eu nada faço :
Põe-n'o d'alto, ergue-o em cruz: atravessa-lhe um braço,
Prende o braço ao rochedo, o rochedo á cadeia :

Solda os élos ao torso : enrola, aperta, enleia...
Prende o outro braço : a coxa,—a outra: assim: cerra o laço:
No peito um cravo : bate : — esmigalha-lhe a idéa
No craneo,—o fogo, que elle andou roubando ao espaço,

E aos ephemerous deu o lume assim roubado :
Jove quer Prometheu ao monte agrilhoadado :
Prometheu paga a Jove a rebelião sublime.»

Sob as garras do abutre a espicaçar-lhe a entranha,
Não ha um Deus, que tente arrancal-o á montanha ? !...
Homem, o Prometheu és tu, e é teu... seu crime...

Luiz DELFINO (Brazileiro).



(Desenhos de Valle e Sousa segundo uma illustração hespanhola)

MISSA NOCTURNA

Do claro céo a lampada esmorece
Aos poucos ; cai a Noite em vagarosas
Dóses, que, lentamente, a negra méssé
Da treva espalha nas regiões piedosas.

Surgem estrellas tremulas : — parece
Que o céo se enfeita de um sítial de rosas ;
E ouve se, enchendo-o, um resoar de prece,
Como o das freiras tristes e saudosas . . .

Da alva de neve do noviciado
Veste-se a Via-lactea, entre o polvilho,
Fino e de prata, do altar-mór sagrado :

A lua paira, n'uma oval, á porta,
Pallida e fria, pallida e sem brilho
Como a cabeça de uma monja morta . . .

LEONCIO CORREIA.

COISAS ALEGRES (*)

Recentemente fallecido dr. Thomaz de Carvalho, nos seus bons tempos de parlamentar, era temido pela agudesa dos seus epigrammas, e tanto mais pelo tom de bonhomia com que os endereçava. N'este sentido, este fino esgrimista da palavra, constituiu uma individualidade áparte.

Foi elle que em certa sessão, dirigindo-se a um engenheiro militar, então ministro, lhe dizia em meio do discurso, affectando ares da maior veneração :

« . . . Refiro-me a s. ex.ª o sr. ministro da guerra, que se não tem feito obras gigantes, tem posto alguns gigantes nas suas obras. »

Ahi por mil oitocentos setenta e tantos, Carlos Bento era ministro das obras publicas. Com as galérias cheias e todos attentos, Barros e Cunha (Barros and Cunha, escreviam as «Farpas») interpellava o ministro, certo dia. N'uma passagem do discurso o interpellante observou :

«E' este positivamente um caso a que se pôde applicar aquelles dois versos francezes, citados aqui ha dias pelo sr. dr. Thomaz de Carvalho (e recitou-os). Versos que, se bem me recordo, s. ex.ª disse serem de Molière.

—«São de Beaumarchais, de Beaumarchais (accidiu Carlos Bento, a meia voz).

—O que está dizendo s. ex.ª? (pergunta de lá, da sua cadeira distante, o doutor).

—Diz (esclarece Barros e Cunha), que os versos francezes, não são de Molière, como v. ex.ª citou, mas sim de Beaumarchais.

—Deve ser isso, deve (approva o dr.) s. ex.ª é mestre em comédias.

Todos riram e Carlos Bento tambem; mas virado para

Thomaz de Carvalho com um gesto de quem diz: não as perdes.

* * *

Foi por esse tempo que Carlos Bento, como ministro, visitou a Granja modelo, mais conhecida pela Granja do Marquez, que servia d'escola practica d'agricultura.

A pouca distancia da entrada, onde foi recebido pelo pessoal superior da escola, viu dois bois, placidamente deitados, gosando a bella ociosidade.

«São de cá do estabelecimento? (perguntou o ministro a sorrir, apontando os bois).

—Sim senhor (respondeu o director).

—Logo se vê que são empregados publicos (ponderou Carlos Bento).

H.

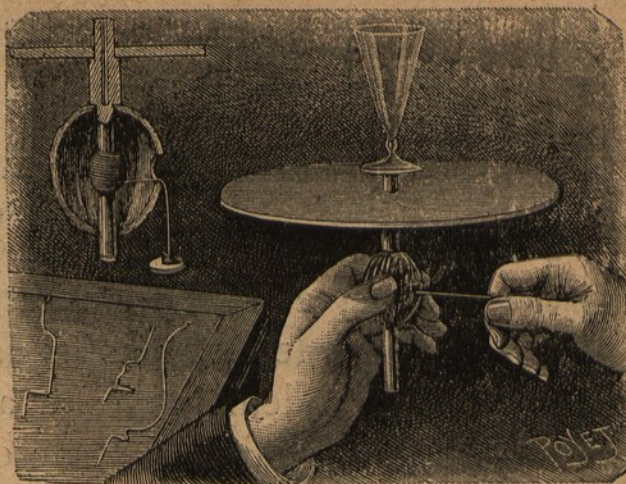
(*) Abre-se hoje esta secção e aberta fica á collaboração dos nossos leitores, que nos queiram obsequiar. Ditos agudos, sahidas chistosas, historietas engraçadas, casos jovias, ironias, pilherias, gracejos, epigrammas, serão os elementos d'esta secção para fechar. As condições unicas que impomos são: que essas «cousas» sejam authenticas e portuguezas. Pois nós todos, os d'hoje e os d'hontem, fomos e somos tão semsaborões, que não possamos dar (como succede nas revistas estrangeiras) productos da propria lavra do nosso espirito, sem recorrer aos extranhos? Vamos vêr, e os futuros numeros do «Branco e Negro» responderão.

A authenticidade será manifestada quanto possivel com a indicação dos nomes das pessoas e logares, do tempo, etc. Os ineditos terão preferencia. Dada a indole d'este semanario, já sobejamente conhecida e provada em mais de dois annos d'existencia, escusado era accrescentar, que não serão aqui publicadas as coisas alegres enviadas intencionalmente para magoar alguém, ou de natureza a não deverem entrar nas salas das familias que dispensam as leituras eroticas.

UM grande numero d'illusões d'optica são devidas á persistencia das impressões luminosas sobre a nossa retina; conhecemos o phenomeno que se dá quando agitamos rapidamente na obscuridade uma varinha de madeira cuja extremidade esteja inflamada — ella parece traçar no espaço um circulo luminoso.

Construiram-se piões que nos permitem realizar um grande numero de experiencias d'este genero — o mais conhecido é o *deslumbrante*, no eixo oco do qual se introduz a extremidade de um fio de ferro galvanizado, curvo, segundo o perfil d'um objecto de vidro, um copo, por exemplo. O fio de ferro é arrastado no movimento rapido de rotação do pião e a serie dos seus perfis successivos offerece á vista a imagem brilhante e transparente d'um vidro. A figura da esquerda do nosso desenho mostra nos a maneira de construir, com a ajuda d'uma noz vasia e do cabo de uma caneta, um pequeno moinho de eixo vertical, que permite repetir todas as experiencias do pião *deslumbrante*.

A parte do eixo que atravessa a noz é redonda e adelgada; a extremidade superior é quadrada e crava-se no centro d'um grande disco de cartão, servindo de volante. Enrola-se um cordel em torno do eixo que sahe por um furo aberto na casca da noz. As duas cascas collam-se solidamente desde que o eixo esteja mettido. Depois segura-se a noz com uma mão, com a outra puxa-se o cordel e eis que o eixo se anima d'um movi-



mento de rotação muito rapido. Com um fio de ferro incadescente fura-se o interior da caneta onde se seguram successivamente os diversos perfis em fio de ferro, de que se veem alguns modellos sobre a mesa: uma garrafa, um copo para beber, um vidro de lampada, etc... De resto pode-se, ao sabor do nosso gosto, variar as fórmulas ao infinito.

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND.,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, Rua Augusta, 95, Lisboa

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52 — Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



MULHER DA GOLLEGA — (Segundo photog. de Carlos Relvas)

PREÇO 40 REIS

N.º 69

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e á carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toa.
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quizesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante.: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 69

LISBOA, 25 DE JULHO DE 1897

2.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(XXII)

PENICHE



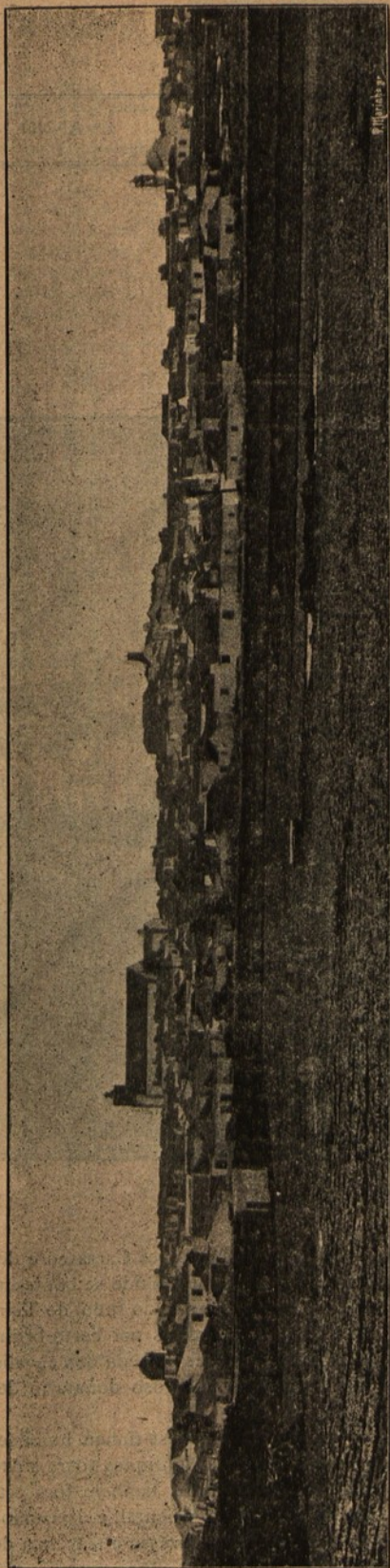
PENICHE — VISTA TIRADA DA PRAIA DO SUL

VENDO A hoje pittoresca povoação de pescadores, estação balnear modesta, socegada até á monotonia, o sol acariciando suavemente as casinhas tão brancas, que se arruam deixando circular em liberdade as boas brisas do mar, as mulheres junto ás portas, sentadas nas esteirinhas, as pernas encruzadas á moda arabe, fazendo dançar sobre a almofada os bilros da renda, compraz-me imaginal-a alguns seculos antes, quando o vencedor do Hidal-Kham, coberto das glorias de Goa e de Chaul, para ali conduziu a sua côrte de grande fidalgo.

Bem luzida c. horte de guerreiros devia acompanhar o illustre vice-rei da India, que quasi tão grande como Albuquerque, voltava, deixando, no Oriente assombrado, um rasto luminoso de façanhas lendarias. Devia compôr-

se de companheiros de Mem Lopes Carrasco e de Nuno Velho Pereira, e se D. Luiz d'Athaide se contentára em trazer da India aguas do Ganges, do Indo, do Tigre e do Euphrates, o oiro e as pedrarias por certo brilhariam, bem fulgidas, sobre os gibões de seda dos cavalleiros e escudeiros que seguiam o poderoso donatario de Peniche.

O povo, os pescadores que alli se tinham humildemente estabelecido, quando Affonso Hentiques doára a Atouguia e Peniche aos irmãos Lacorne, tambem fôra attrahido pela seducção do commercio oriental, e, largando as redes, armando barcos em que fizesse a travessia do alto-mar, lá tinha ido em busca da fortuna, que lhe fôra propicia, de modo que pelos fins do seculo XVI a pequena povoação, toda se espanejava em sorrisos de prosperidade.



VISTA GERAL DE PENICHE

Os barcos vindos de longe traziam a bordo a riqueza, e as edificações compreendidas occupavam lucrativamente os braços.

A natureza fazendo avançar no littoral, proximo á entrada de Lisboa, esta península, que se alonga levantando o Cabo Carvoeiro, e cercanda-a de rochedos quasi inacessíveis, tornava-a um ponto de defeza importante a aproveitar. D. Luiz d'Athaide, ao voltar da India, encontrando abandonados os trabalhos de fortificação começados por D. João III, requereu a sua continuação e passou a dirigi-la.

Era obra tão solidamente construida, que d'uma cortina, que o mar, minando-lhe os alicerces rochosos, derubou, não conseguiu ainda roer a argamassa que lhe liga as pedras.

Levou mais d'um seculo a construcção d'essa fortaleza, interrompida pelo desastre d'Alcacer-Kibir e pelas depredações dos Filippes. Foi D. João IV, instado pela urgencia d'attender á defeza da independencia ameaçada, quem a fez concluir ao tempo em que Vauban enchia a França de cidadellas, e, seguindo para a de Peniche o systema d'esse notavel engenheiro, tornou-a uma praça de guerra de primeira ordem, inexpugnavel ante os recursos offensivos da epoca.

Quando hoje, entrando pela porta de Peniche de Cima, paramos a contemplar as altas muralhas enegrecidas, elevando-se em meio do silencio e socego, interrompidos apenas por alguma risada de creança, ou por algum revoar de pombas, fazendo angulos de sombra, a que se acolhe um ou outro pescador, que sentado concerta as redes, como nos parecem estranhas!

Para as comprehender-mos é necessario com a imaginação dar-lhe vida, povoal-as pela soldadesca armada de mosquetes, pisando os baluartes com as largas botas da infantaria do seculo desasete, derrubado sobre as duras phisionomias o amplo chapéu, ou nas lides da defesa, espadas e murriões brilhando ao sol, as trombetas resoando, fazendo estremecer n'uma ancía os corações.

A propria cidadella, que desempenhou um papel importante no tempo das nossas luctas civis, apezar da sua permanente guarnição de soldados d'infanteria e de artilheria, encarregados da missão de salvar em diss festivos, tem um ar anachronico. Ha poucos annos ainda, estava toda guarnecida de velhas peças, que dormiam sobre os armões, transpirando oxidos, e que, pouco a pouco, tem encontrado guarida n'algum armazem de ferros velhos. Uma bateria bem conservada, concede aos habitantes de Peniche o prazer d'ouvirem pacificamente, em dias de gala, troar o canhão.

O hospital e igreja de Misericordia tambem devem provir do seculo xvi, embora fossem reconstituídos mais modernamente. E' o tecto d'esta igreja revestido de pinturas emmolduradas, representando scenas do novo testamento, muitas d'ellas devidas ao pincel de Josefa d'Obidos.

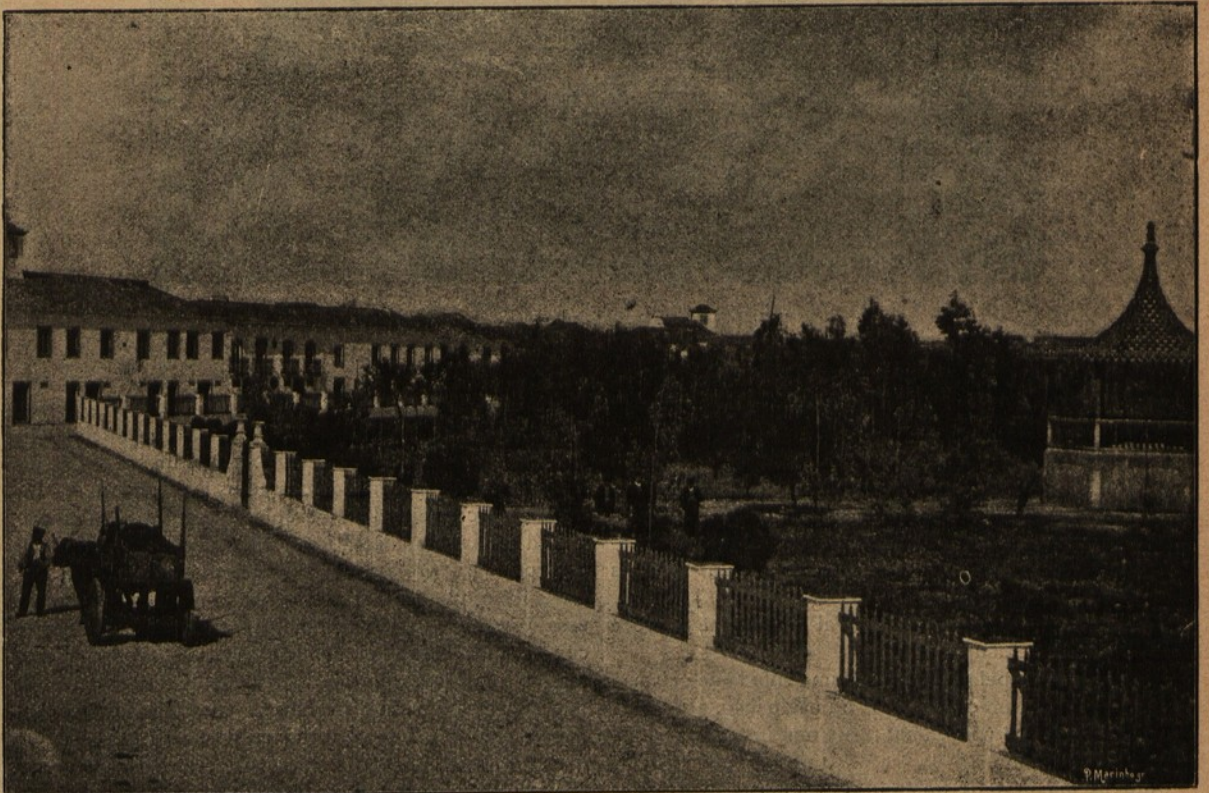
Uma prova da antiga prosperidade de Peniche são ainda as numerosas e boas igrejas, algumas, como a da Conceição, ricas d'azulejos, quasi todas possuindo excelente talha, valiosas pinturas e bem conservadas.

D. Luiz d'Athaide, conde d'Atouguia, alcaide-mór e senhor de Peniche, piedoso como todos os heroes do seu tempo, mandou edificar em 1552 ao norte da península, junto á ponta do Trovão, um convento de franciscanos, em que fez levantar o seu tumulo.

Dormiu ahi soceadamente o ultimo somno até que a sandalica cubiça dos soldados de Napoleão lhe foi pro-



PENICHE — FALAISE DOS REMEDIOS



PENICHE — O PASSEIO

fanar as cinzas. Abandonado, mais tarde, o convento, foram os restos de D Luiz d'Athaide transportados para a igreja de N. S. d'Ajuda, onde chegaram a estar dispersos n'um armario; sendo recolhidas por mãos piedosas n'uma pobre urna de pinho, onde actualmente se conservam.

Agora, que se pensa na celebração do centenario da India, não será occasião de prestar a este grande homem, que lá deixou o nome gravado em indeleveis caracteres, a derradeira homenagem?

Que magestosa severidade a d'esse pedaço de costa norte de Peniche, onde se erguia o convento!

Para a direita, o N. O., o môrro sombrio da Papôa,

muito ao longe, um tenue penachinho de fumo, indicanos que, além, um vapor segue o seu trilho aventureiro sobre o incerto elemento.

Que se pensa ali?

Não se pensa, sente-se, uma vida intensa, superior ás nossas forças, faz arquejar o peito n'uma anciedade.

Como na Italia, em que á industria rendeira se prende uma poetica lenda, em Portugal, são as mulheres dos pescadores que, desde remotas epochas, fabricam a renda de bilros. Em Peniche alcançou esta industria maior desenvolvimento, e as rendas finas no genero *Malines*, as *guipure*, as *torchon*, mesmo as *valencianas*, se executa-



PENICHE — RENDEIRAS TRABALHANDO

para a esquerda as asperezas da Serra do Cão, e, desde o Porto d'Areia do Norte, que se abre n'uma larga quebrada, semeada de grossos calhaus rolados, até a Ponta do Trovão, uma facha de marnes extractificados branqueja, amassada de fosseis, apresentando na sua fragilidade quebradiça, singulares recortes e perigosos abysmos. Logar bem attrahente para quem ama as solidões grandiosas.

Qualquer lado, porém, do littoral de Peniche offerece attractivos semelhantes.

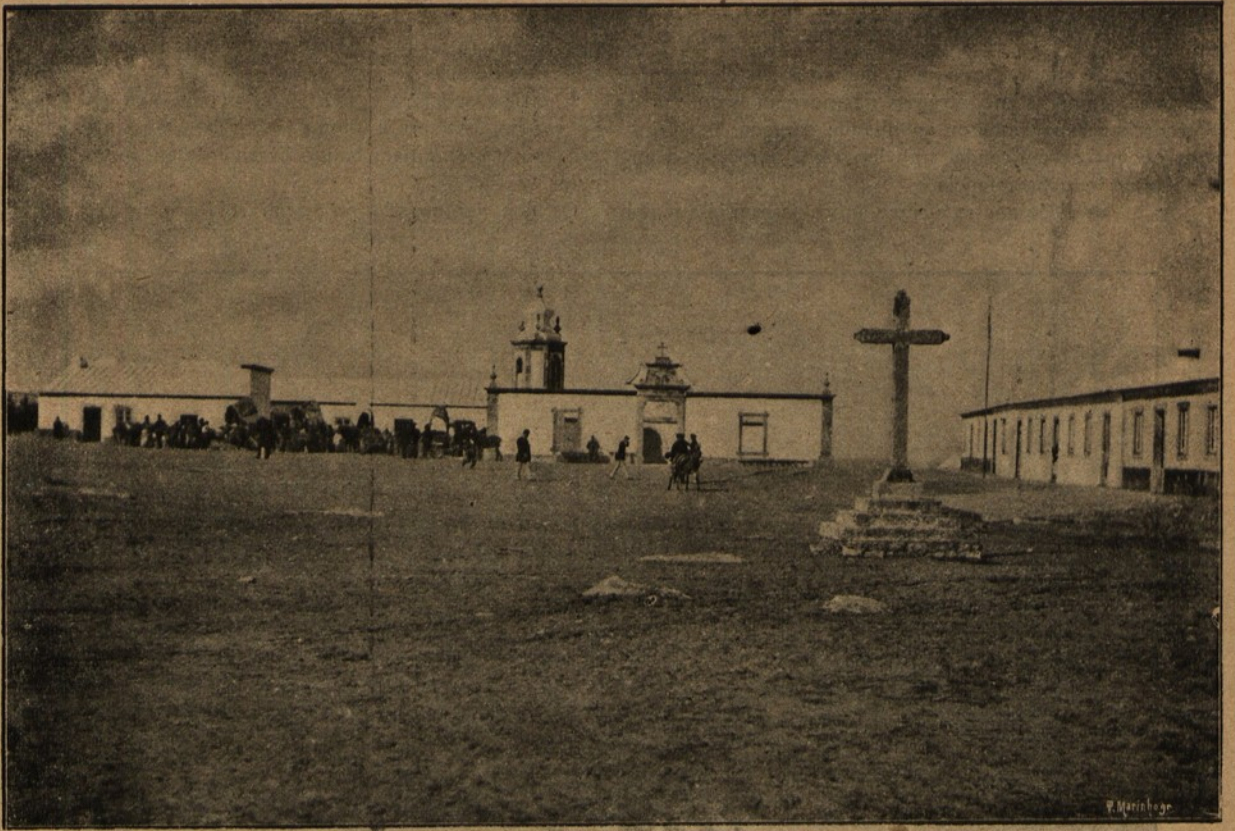
Uma excursão pela costa-sul é uma subida de calvario em que se magoam os pés, mas a imaginação, absorvida pela grandeza do panorama, torna-nos insensíveis á asperesa do caminho.

Morros gigantescos, quebradas cyclopicas, uma aridez desoladora, o mar rugindo, soberbo de força, estende-se e confunde-se com o céo por todo o horisonte. A's vezes,

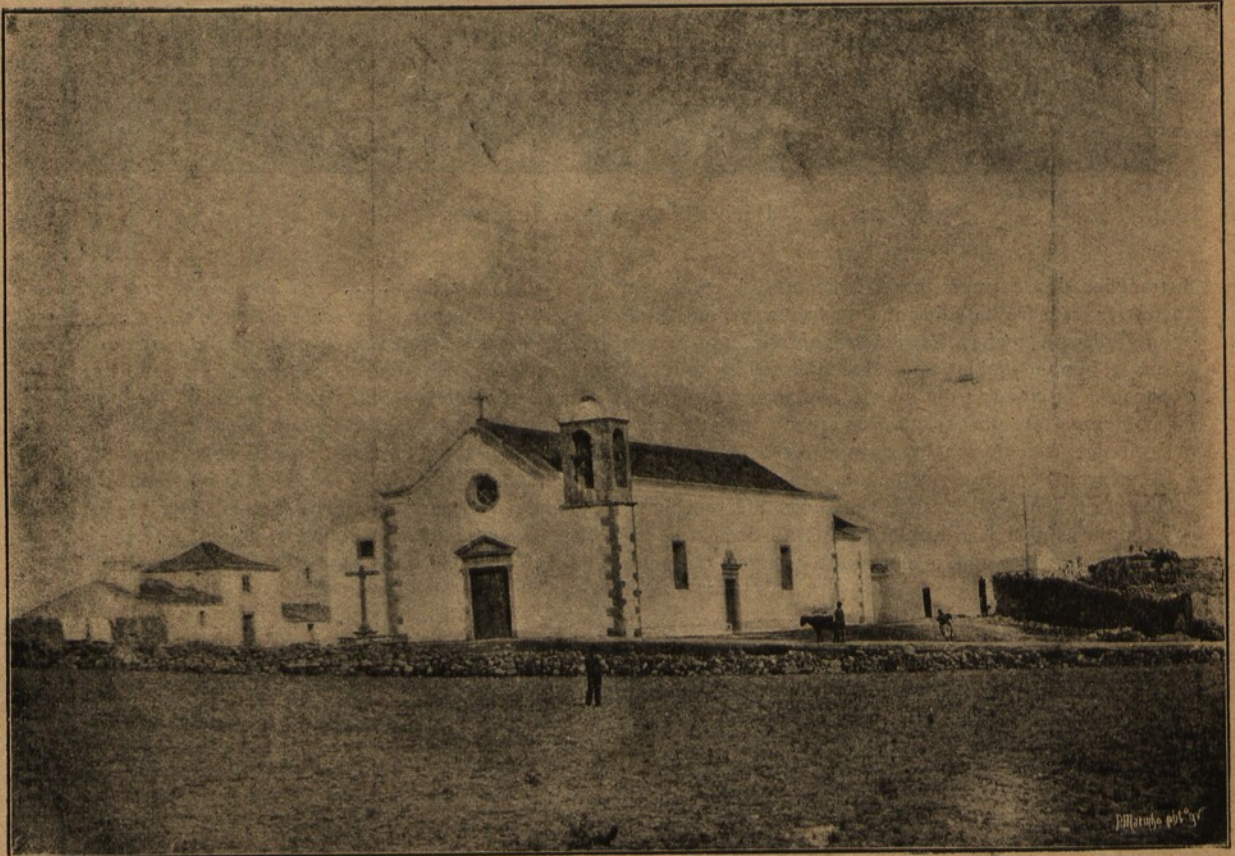
vam ali delicadamente. Pelo meiado d'este seculo elevou-se o fabrico das rendas de Peniche a grande perfeição, depois decahiu, tornando-se geralmente mais inferior a execução e menos correctos e escolhidos os desenhos. A criação d'uma escola industrial em Peniche veio dar novo impulso á industria rendeira.

A primeira professora d'essa escola foi D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que estudando com interesse essa velha industria nacional, se apaixonou por ella, e consagrando-lhe toda a dedicação da sua alma d'artista, toda a sua extraordinaria actividade, creou sobre a antiga industria uma industria nova, dando-lhe um elevado cunho artistico, que a torna rival das ricas rendas de Flandros, a que as de D. Maria Augusta Bordallo se assemelham em particularidades de fabrico.

Todas as mulheres de Peniche, seja qual fôr a sua classe, fazem renda. E' ella o unico recurso das fami-



PENICHE — N. S. DOS REMEDIOS



PENICHE — EGREJA DE N. S. D'AJUDA

lias de pescadores durante os longos e míseros invernos.

Nunca se encontram aqui as mulheres das classes marítimas, como as encontramos nas povoações do norte, escorçando sardinha ou apanhando sargaço, a sua única ocupação é a renda, trabalho a que começam a aplicar-se logo na infância.

As creanças de quatro a cinco annos passam já a maior

parte do dia sentadas á almofada, e d'esta vida, em extremo sedentaria, deve resultar o typo franzino das mulheres de Peniche.

A praia é deliciosa, tranquilla como um lago, em tempo sereno, extensa e d'uma segurança absoluta para creanças, que tomam banho livremente em alegres círculos.

Os que veraneando procuram ruidosos prazeres, as



PENICHE — NA PRAIA DE BANHOS

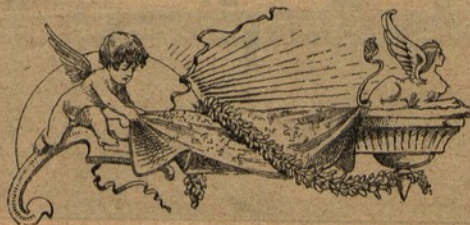
distracções dos casinos, intrigas picantes, luxo, devem encontrar esta fresca villasinha, apertada no seu cinto de muralhas e rochas, bastante monotona, mas os que amam a bôa e simples natureza, que sabem apreciar o encanto fascinador do mar, e podem concentrar-se na contemplação dos grandiosos espectáculos que elle nos offerece, não lhe sentem a monotonia.

De inverno Peniche é profundamente melancolica.

Quando o vento sul levanta vagalhões que vão, furiosos, açoitar as penedias, e os bramidos do oceano dominam todas as vozes com o som rouco, terrivel, resoando

pelo porta-voz das furnas, os homens do mar encostados ás portas estendem silenciosos o seu olhar de sonhadores para o horizonte, espreitando o acastellar das tempestades, as creanças mendigam e as mulheres trocam febrilmente os bilros nas almofadas. Mas quando o mar socegando o azul das aguas se assetina, e as gaivotas baixam a confundir-se com as velas brancas, os baiteis chegam carregados de sardinhas prateadas e os pescadores, n'uma faina alegre, felizes, descuidados, bem dizem a abundancia, a bonança, o sol.

MARIA RIBEIRO ARTHUR.



ARTISTAS MORTOS

ACTRIZ THOMASIA VELLOSO

Ha quasi dez annos que a morte envolveu nas brumas do tumulo esta gentilissima e talentosa actriz, que foi um dos astros mais fulgurantes da scena portuense.

Poucas actrizes conquistaram como ella um log tã distincto no theatro portuguez, enthusiasmando o publico com os seus papeis, que desempenhava primorosamente, e fascinando com os seus olhos negros e a sua gentilissima figura.

Thomazia Velloso, que debutára no theatro do Principe Real de Lisboa, salientou-se desde logo em dois papeis, o da educanda do *Verde Gaio* e o de criada d'uma parodia n'um acto aos *Sinos de Corneville*.

O *Branco e Negro*, publicando o seu retrato, presta hoje uma modesta homenagem á memoria d'essa elegante actriz, que foi arrebatada na flôr da vida á scena portu-gueza, victimada por uma doença que havia contrahido por occasião da lastimosa e sempre memoravel catas trophe do theatro Baquet.



(Desenho de VALLE E SOUSA)

SOIRÉES MYSTERIOSAS

SONHO MEDIEVAL

Beijei-vos, ó princezas orgulhosas,
rainhas sem pudor, imperatrizes !
Mordi nas vossas pomas gloriosas,
entrei-vos como um verme nas raizes,
nas noites tenebrosas !...
Eu cingi vosso collo branqueado !
Exhumei-vos, altivos corações !
Como um doído sem alma, *desvairado*,
commetti, pratiquei profanações
ao pé de vós curvado,
longas noites sem fim, nas mil vizões !...
E disse : pois que fosteis despozadas
as deusas, as escravas, as amantes
d'aquelles que cingiram as espadas
e vossos corpos lindos, provocantes !
— O' madonas que estaes no chão deitadas,
sob os arcos dos templos deslumbantes !
Ouvi meus sandosos madrigaes,
recolhei minhas lagrimas funestas
nas rendas dos corpetes, dos briaes,
nos dedos mais agudos que as arestas
dos gothicos castellos medievaes !...
Lembro-vos, sim, e ainda sinto arder
meu coração nas chammas voluptuosas
do amor eterno prezo nas saud:zas
pupillas lindas, dignas de se vêr...
que deram vida ás almas victoriosas
e os corações fizeram padecer !...
Vejo brandir punhaes em noite escura
pelas mãos dos amantes destemidos :
ciumentos, valorosos, mão segura...
— punhos de renda fina nos vestidos.
Vejo meus olhos tristes retratados,
nas folhas dos punhaes açalados,
nas mãos de velhos reis como bandidos !...

Porque elles são de guarda aos corpos lindos
das amantes saudosas, das rainhas !
E sentem ainda grandes arrepios
quando ouvem madrigaes ou ladaynhas !
Preferem mais ouvir os tristes pios
do môcho, da coruja esvoaçando
sobre os tumulos brancos de alabastro,

do que verem a luz do sol, de um astro,
— ouvirem um poeta lhes cantando !...

Por isso, se nas naves ou castellos
eu accórdio os phantasmas no seu leito ;
quando beijo na sombra os seus cabellos,
ou beijo as curvas lindas do seu peito :
cahindo sobre mim os pesadellos
na fôrma de chimericas vizões
bradam-me : deixa estar os corpos bellos
das infantas, os lindos corações !...
— reliquias que já fôram palpitantes,
das nossas bem amadas deslumbantes,
com rendas e saphiras, nos caixões !...

Eu deixo-os bradar ! — Com as senhoras
que surgem como espectros revestidas,
eu passo longas horas esquecidas,
e saio dos castellos fóra de horas...
Ellas, ficam chorando commovidas
e pedem-me que volte novamente...
Deixam beijar as faces já sumidas
e o peito transparente !...
Depois vamos gemendo nas arcadas,
pelas luas fataes excommungadas
do Sonho, da Nevrose transcendente !...

A' despedida todos nós brindamos
do que foi... do Passado que morreu !
E n'uma orgia louca nos beijamos
dizendo mil blasphemias contra o ceu !
— Ellas, rangem os dentes furiosas,
cantando arias tristes luctuosas,
cobrindo o rosto lindo com um veu !
Eu parto a taça fina de cristal
contra o muro de musgos revestido...
— Adeus sombras, adeus, no fundo valle
lhes digo pesaroso e commovido ;
e o echo com accento dolorido
que vara os fundos ceus,
responde soluçando : adeus, adeus !
— Passado que não voltas, esquecido !...

(Dos Vitraes.)

DIAS DE OLIVEIRA.

GLÓRIAS PORTUGUEZAS

2.º CENTENARIO DA MORTE DO PADRE ANTONIO VIEIRA

18 DE JULHO DE 1697-1897

(Conclusão do numero anterior)

ANTONIO Vieira nunca pôde conformar-se com o erro que commettera e n'uma carta ao conde da Ericeira, para este fazer algumas rectificações ao *Portugal restaurado*, allegava que a culpa era toda de D. Francisco de Sousa Coutinho. Mas o *Papel forte*,

deslumbrou os jesuitas hespanhoes que a participaram á côrte de Hespanha; porém, o governo madrileno extremamente irritado com os revolucionarios de Portugal, prohibiu aos jesuitas as conferencias com o padre Antonio Vieira, e o duque do Infantado fez saber ao geral dos Jesuitas que fizesse sahir de Roma o padre Vieira, d'outro modo que o mandaria matar.

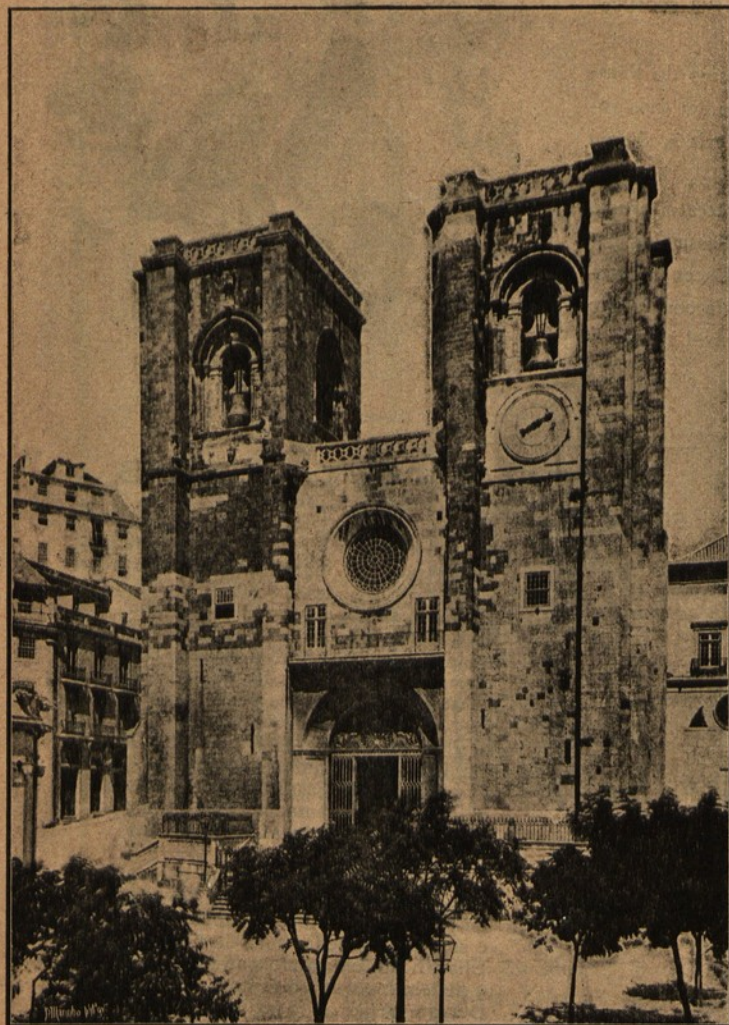
O padre Vieira teve que sahir apressadamente da cidade eterna, abortando, felizmente para Portugal, essa união, que teria por consequencia a absorpção de Portugal pela Hespanha e a effectuação da decantada união iberica.

Por este tempo começou a enfraquecer a estima de D. João IV por Antonio Vieira, para o que concorreu a subita apparição do principe D. Theodosio no exercito do Alemtejo, facto que desgostou muito o rei, que attribuiu o procedimento do principe a conselhos de Vieira.

Vendo-se abandonado pelo rei, agora fortemente suggestionado pelos inimigos do insigne orador, principalmente os jesuitas, que lhe não perdoaram a sua independencia de caracter, que se não amoldava com os preceitos jesuiticos, sahiu Vieira para o Maranhão no dia 22 de novembro de 1652, aportando, depois d'uma viagem cheia de calmarias e de tormentas a Cabo Verde, onde prégou aos habitantes.

Chegando ao Maranhão em 17 de janeiro de 1653 foi ahi recebido com enorme jubilo; alguns dias depois da sua chegada alvorotou-se o povo em virtude d'uma lei do governo que mandava restituir á liberdade os escravos indios d'aquelle districto; o povo attribuiu essa lei ao manejo dos jesuitas e o collegio da Companhia viu-se n'uma critica situação. Valeu-lhe a palavra eloquente de Antonio Vieira, que conseguiu amainar a agitação popular. Viu logo que não podia durar muito aquelle estado de coisas, que não se podia deixar de condescender com os possuidores de escravos e que se tornava urgente a intervenção do governo afim de se garantir a liberdade dos indios. Reunido o conselho dos jesuitas deliberou-se ahi que partisse Vieira para Portugal afim de alcançar do governo as providencias necessarias.

Nessa viagem, emprehendida em junho de 1654, foi roubado por um pirata



SÉ DE LISBOA, onde foi baptizado o padre Antonio Vieira

nome dado por el-rei a um parecer de Vieira por causa do vigor da sua argumentação, brada contra o padre Vieira, mostrando que o grande orador pouco confiava no bom resultado das armas portuguezas.

Tractando-se de fazer a paz com a Hespanha por meio do casamento do principe D. Theodosio com uma infanta hespanhola, foi encarregado o padre Vieira d'essa importante missão, que desempenhou zelosamente, negociando em Roma com uns jesuitas hespanhoes, que tinham grande influencia na côrte hespanhola. Fez-lhe vêr as vantagens que adviriam d'uma tal união á Hespanha, que assim poderia recuperar o que havia perdido em 1 de dezembro de 1640, formando Portugal e Hespanha uma vasta monarchia representada pela casa de Bragança, mas sob a condição de ficar sendo Lisboa a sua metropole. Esta proposta, revestida pela eloquencia do grande prégador,

hollandez.

Em novembro de 1654 aportou a Lisboa, depois de se ter demorado algum tempo nos Açores, onde prégou o seu magnifico sermão de Santa Thereza.

D. João IV estava gravemente enfermo em Salvaterra; mas apenas alcançou alguns allivios mandou chamar o eminente prégador, que depois de lhe expôr o assumpto e de ter alcançado o que pretendia, partiu para o Maranhão. Practicou então serviços relevantissimos, com o estabelecimento de missões, que costumava visitar frequentemente á custa dos maiores trabalhos e fadigas.

Atacados e presos os jesuitas pelos habitantes do Maranhão, foi tambem o padre Vieira preso no Pará e mandado com os seus confrades para a metropole, onde desembarcou em 1661.

D. João IV havia fallecido e as rédeas do governo es-

tavam no poder da varonil rainha D. Luiza de Gusmão, que recebeu com jubilo o padre Antonio Vieira, pregando a 6 de janeiro de 1662 na capella real perante a rainha.

Acabando a regencia e tomando D. Affonso VI para ministro o conde de Castello Melhor, foi o padre Vieira desterrado para o Porto e depois para Coimbra, o que fez com que seguisse o partido do infante D. Pedro, irmão do rei.

Foi por esse tempo que a inquisição lhe moveu um processo por causa das idéas por elle expendidas nos seus livros *Quinto Imperio* e a *Clavis Prophetarum*, teimando o grande classico em sustentar as suas opiniões em vez de se confessar culpado.

Lavrada a sentença foi condemnado em não tornar a prégar e mandado recolher ao collegio ou casa de religião que lhe fosse designada pelo santo officio. Esteve primeiro na residencia de Pedroso, a dezoito leguas de Coimbra, na estrada do Porto, e depois em o noviciado da Cotovia em Lisboa.

Com a deposição do infeliz Affonso VI viu Antonio Vieira a sua pena commutada em seis mezes de reclusão e mais tarde alcançou completo perdão.

Mas, receioso sempre da inquisição e descontente com D. Pedro, que lhe não dispensava a estima que lhe havia dispensado D. João IV, não obstante os serviços relevantes que Vieira lhe prestára para fazer triumphar a sua causa, entendeu dever abandonar o reino e sahiu para Roma, onde foi recebido pelos jesuitas com as honras a que tinha direito um personagem da sua cathogoria, vindo esperal-o a duas milhas da cidade e levando-o ao geral como que em triumpho.

Em Roma confirmou os seus creditos de orador insigne, deslumbrando com os seus inimigaveis discursos os portuguezes que residiam na cidade eterna.

Os louvores que os compatriotas lhe teciam fizeram com que se despertasse nos italianos o desejo de ouvir orador tão celebrado, lamentando junctamente que pré-gasse n'uma lingua que não percebiam.

Pediram por isso a Vieira que pré-gasse em italiano. Recusou-se Vieira, allegando ter a empreza por temeraria: esta recusa ainda encheu de maior curiosidade os italianos que acabaram por resolver-o. O primeiro sermão por elle pregado em lingua italiana foi o das chagas de S. Francisco e houve-se de tal maneira que deixou maravillados os mais illustres personagens romanos.

Vivia então em Roma, depois de se ter convertido ao Christianismo, a talentosa rainha da Suecia, Christina Alexandra, filha do grande Gustavo Adolpho. Esta princeza havia abdicado em 1654, trocando os esplendores da realza pela cultura das letras, como o attesta a medalha que mandou gravar com este dizer: *O Parnaso vale mais do que o throno*, e foi a fundadora da famosa Academia dos Arcades.

Os talentos do padre Vieira não podiam deixar de entusiasmam uma dama que mostrava tão grande predilecção pelos estudos litterarios; manifestou ao padre Vieira o desejo de que elle fosse seu confessor, o que elle não accetito receiando talvez o reparo da côrte de Lisboa.

Em 1674 regressou Antonio Vieira a Portugal, fazendo seu caminho por Florença, onde tratou com o grand-duque de Toscana o casamento do seu herdeiro com a princeza herdeira de Portugal; mas n'este negocio foi infeliz.

Permaneceu cinco annos em Portugal, pré-gando alguns dos seus mais admiraveis sermões; mas não conseguindo insinuar-se no animo do regente, que não era affecto ao padre Vieira, partiu para a Bahia em 1681, ainda com algum vigor, não obstante as doencas e trabalhos por que passára e os seus 73 annos de idade. D'ahi escrevia frequentemente aos mais illustres personagens de Portugal, exercendo tambem na Bahia grande influencia politica, em virtude de seu irmão Bernardo Vieira Ravasco ser secretario do governo de Bahia.

Um factio que se deu n'essa cidade veiu agitar mais uma

vez a vida do padre Vieira. Um dia foi assassinado um funcionario portuguez por um tal Antonio de Brito, amigo e protegido dos Vieiras. O governador da Bahia, Antonio de Souza de Menezes, alcunhado o *Braço de Prata*, homem de character violento, exasperou-se com este acontecimento, accusando Antonio Vieira de cumplice e seu irmão Bernardo Ravasco de mover ao crime o assassino, o que teve por consequencia uma violenta altercação entre o padre Antonio Vieira e Antonio de Souza de Menezes. Bernardo Vieira Ravasco foi pronunciado em Lisboa, onde lhe faziam violentas accusações. Gonçalo Vieira Ravasco, filho do secretario, teve que partir para a metropole a fim de pedir justiça a D. Pedro, que lhe disse estar muito descontente com o padre Vieira por causa do modo como tratára Souza de Menezes.

Antonio Vieira, sabendo que tinha cahido no desagrado de D. Pedro, foi accommettido por uma syncope;



1661.

SELLO QUINTO DE DEZ REIS



Dou os poderes emdivido necessarios ao D. Honor. Mendonça-Freixo. E por m' Comissario nome assignado foy de las m'istras de esta d. M'raçad' para dize e entender en sus papeis de D. m'frase V. Grammatica de m'raçad' das v'it'u, Com p'ceder a dar e dar de d'ito d'ito, e Aguarer of Bem-Megarer. E d'ito por elle foy muy p'oben Lisboa 3 de Mayo de 1662

João Ayres, sr

Zincographia do Seculo

Antonio Vieira

Um fac-simile do padre Antonio Vieira

carteou-se com os seus amigos da côrte, queixando-se do procedimento d'el-rei para com elle, que tantos serviços lhe prestára antes da sua elevação ao throno. Mas, apezar do procedimento de D. Pedro, o grande orador não se resentiu, ou pelo menos esse resentimento dissipou-se ao convidarem-n'o para prégar nas exequias da rainha, D. Maria Francisca de Saboya, que acabava de fallecer, porque annui logo ao pedido, dizendo um seu biographo ao referir-se a esta fraqueza do grande pré-gador, que «as plantas aromaticas tanto mais rescendem quanto mais pisadas são».

Nomeado pelo geral visitador da Ordem no Brazil, o padre Vieira teve que abandonar a quinta do Tanque em que vivia para se recolher ao collegio da Bahia.

O padre Antonio não devia acabar os seus dias sem receber mais uma affrontosa injuria, porque tratando-se da eleição d'um dos padres que devia ir como procurador a Roma, viu-se o padre Vieira accusado de ter pedido votos, e dado o crime como provado soffreu o insigne orador a humilhação de ser reprehendido pelo superior do collegio em presença de toda a comunidade.

Tendo appellado para Roma deram-lhe razão, mas o grande orador já não passou pela alegria de se ver reparado do aggravado que soffrera, vindo a fallecer, com 89 annos de idade, na Bahia, no dia 18 de julho de 1697.

Na Bahia dispensaram-lhe pomposas honras funebres, contando-se entre os individuos que o conduziram á ultima morada, D. João de Lencastre, illustre fidalgo, governador e capitão-general da Bahia, o bispo eleito de S. Thomé e o filho do governador.

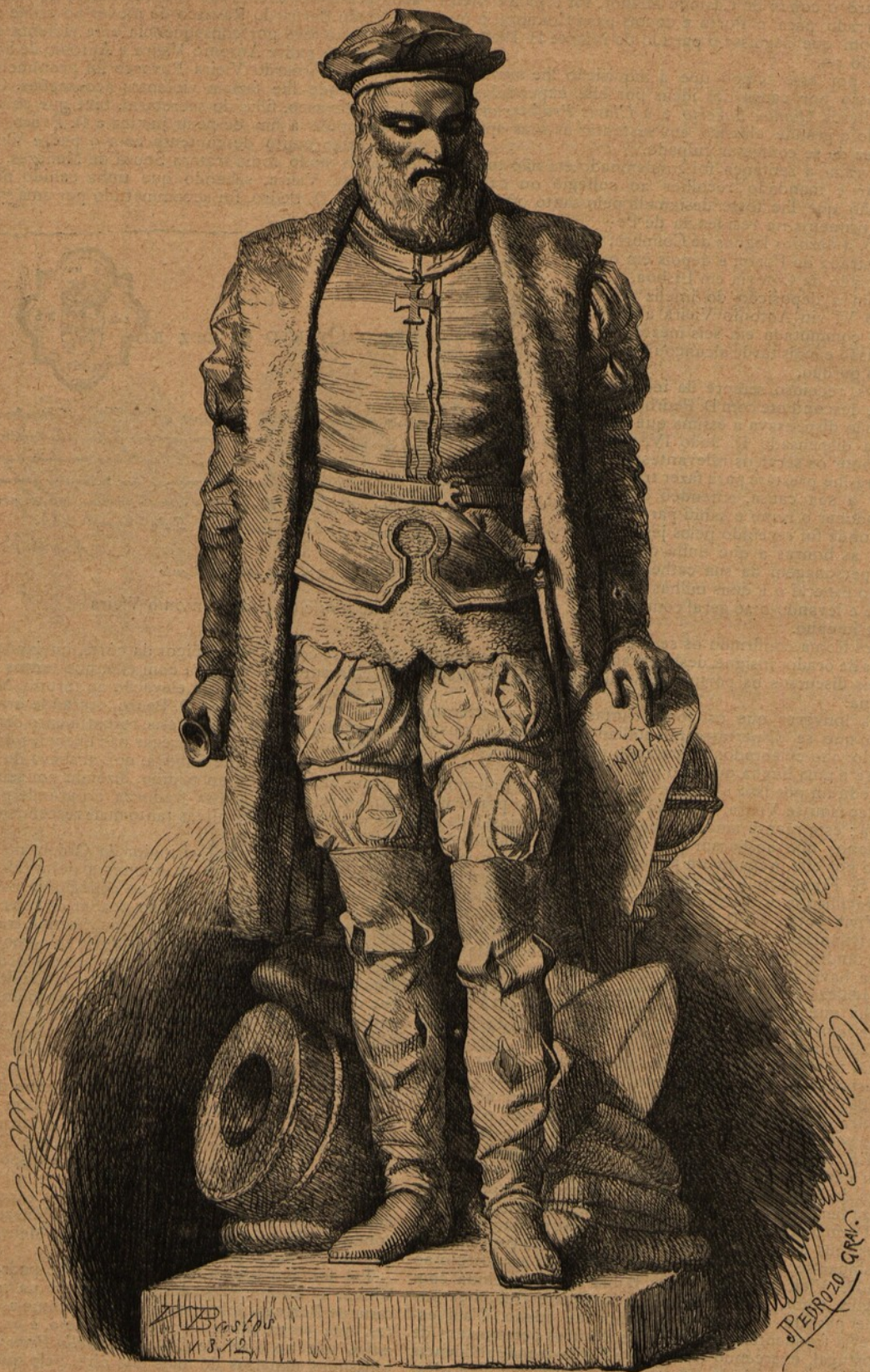
Em Lisboa houve tambem sumptuosas exequias, por mandado de D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira e filho de D. Luiz de Menezes, o auctor do *Portugal Restaurado*.

Tal foi, em ligeiro escôrço, a vida do padre Antonio Vieira, o insigne pré-gador que engastou na corôa litteraria de Portugal joias preciosissimas, como as suas *Cartas*, que emparelham com as de Cicero, e os seus *Sermões*, que no dizer de Camilo Castello Branco são «riquissimos minerios do mais fino oiro, pelo que respeita á linguagem».

Coimbra, 18 de julho de 1997.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.

ESTATUA DE VASCO DA GAMA



(Esculptura de Victor Bastos, gravura de Pedroso)

Commendador Gomes Brandão

De Paris, onde se achava de passagem, chegamos a triste noticia do seu fallecimento.

Se em vida lhe prestámos o tributo da nossa consideração e estima, depois de morto é justo que lhe prestemos a nossa derradeira homenagem de saudade e gratidão.

Dentro dos acanhados limites de que pôde dispôr uma publicação do genero da nossa, procuraremos, tanto quanto possível, apresentar aos nossos leitores, em traços rapidos e ligeiros, alguns dados biographicos do fallecido e prestante cidadão.

Para alguns dos nossos leitores o nome de Antonio José Gomes Brandão não era o de um desconhecido, e para aquelles a quem não foi dado conhecê-lo pessoalmente ou por tradição, os dados que em seguida publicamos justificão o apreço em que era tido o nosso compatriota e recommendarão ao respeito e admiração dos desconhecidos a sua memoria.

Gomes Brandão nasceu em Paredes de Coura, na encantadora e pittoresca provincia do Minho, em 1 de setembro de 1836.

Filho de paes laboriosos, mas modestos, muito cedo se lhe despertou no espirito juvenil o desejo de alcançar posição e fortuna.

Deixando o lar paterno seguiu para o Porto, em 1849, e ahi embarcou em companhia de alguns compatriotas em direcção ao Brazil.

Confiado mais na sua extraordinaria força de vontade, do que na experiencia que lhe poderia dar a sua pouca idade, pois apenas contava 13 annos, Gomes Brandão não se arreceiou de uma longa e penosa viagem, nem das difficuldades e privações que teve de vencer e supportar em terra estranha.

Chegado ao Rio sorriu-lhe a fortuna, pois que encontrou logo uma collocação, ainda que muito modesta. Estava satisfeita a sua aspiração: entrava na vida commercial, para a qual mostrara sempre uma tendencia especial.

Cinco annos depois Gomes Brandão, tendo grangeado a estima dos seus superiores e captado a sympathia e confiança de todos, impunha-se pelo seu character serio e probidade inconcussa.

Espirito essencialmente pratico, intelligente, dotado de uma perseverante actividade para o trabalho e uma esclarecida prudencia no seu modo de proceder, conseguiu tornar-se em pouco tempo um negociante respeitado e admirado na sua classe.

Gomes Brandão fez epocha e os seus concidadãos, proclamando-o benemerito, prestaram-lhe a homenagem a que tinha jus.

O que valia a sua muita experiencia e o quanto podia a força de vontade e perseverante tenacidade, que chegava muitas vezes a ser uma teimosia, provam-no os brilhantissimos resultados obtidos durante a sua cuidada e importante administração de algumas corporações do Rio.

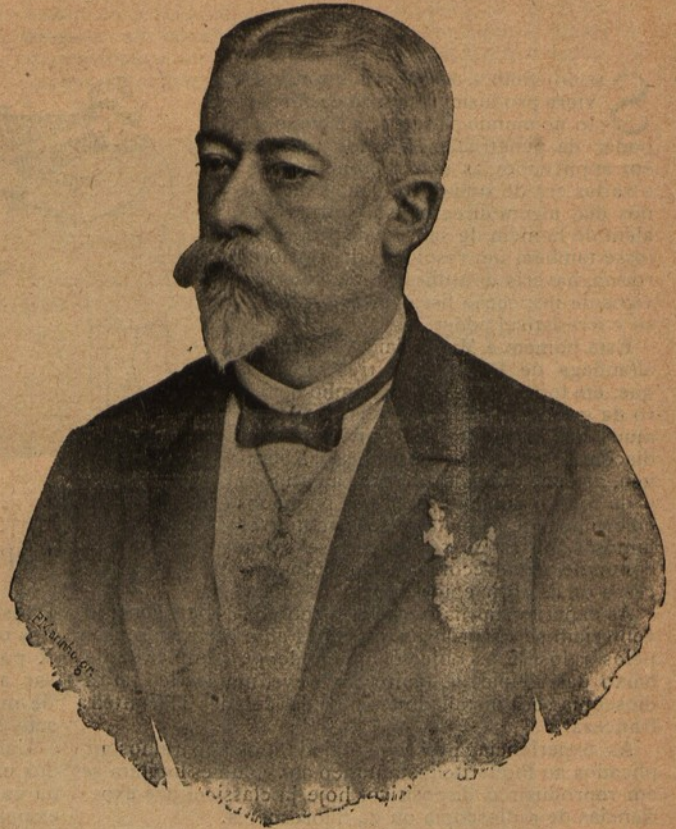
Importantissimos, melhor ainda relevantissimos foram os serviços por elle prestados á Associação Promotora de Instrucção Publica, á Sociedade Propagadora de Bellas Artes, á Associação Commercial do Rio, etc.

Em homenagem aos seus incessantes esforços, actividade e applaudido zelo, o Lyceu de Artes e Officios em sessão solemne resolveu dar á sala onde funcionava a aula de xylographia, por elle creada, o seu nome, e collocar no logar de honra o seu retrato, feito a oleo.

A sua actividade, que era enorme, empregou-a elle em mais de 50 Associações e Corporações do Rio; no concurso para a implantação de novas industrias; na criação de differentes estabelecimentos financeiros; na criação de bancos destinados a proteger a agricultura, emfim em tudo quanto podia concorrer para o desenvolvimento moral e material da patria adoptiva.

D. Pedro II, concedendo-lhe a mercê de Commendador da Ordem da Rosa, galardoou os serviços por elle prestados á civilisação brasileira.

Elevado ao importante Corpo de Presidente da Socie-



dade Propagadora de Bellas Artes, na qual tivera por antecessores nomes como os de Mattoso da Camara, Zacharias de Goes e Vasconcellos, João Alfredo Correia de Oliveira, todos ex-presidentes do conselho de ministros do Imperio, viu assim consagrada publicamente a sua individualidade.

No fim de muitos annos de um trabalho aturado e violento, sem que uma unica nota discordante viesse deslustrar o seu nome honrado e respeitado, abandonou a vida commercial.

Gomes Brandão não se entregou, porém, por completo ao gozo das commodidades e bem estar que lhe poderia proporcionar avultada fortuna.

Foi, pôde-se dizer, quando mais se dedicou á prosperidade, desenvolvimento e bem estar de muitas corporações do Rio.

Tendo as sympathias do commercio e da industria, privando com a alta finança e com os homens mais importantes, quer na politica, quer na vida social; estimado, por igual, por portuguezes e brasileiros, foi proposto deputado ás constituintes pela Capital Federal.

Não obstante ter declarado previamente que não poderia acceitar, nem acceitava tal honra, ainda assim não pôde evitar que o seu nome fosse o escolhido, por mais de 15:000 pessoas, para representar a Capital Federal nas constituintes.

Pelas muitas e repetidas manifestações de apreço de que foi alvo, pela importancia que algumas d'ellas assumiram, como a que acabamos de relatar, podemos dizer que poucos compatriotas nossos terão conseguido maior consideração e popularidade no Brazil.

Mereceu-a e soube conservar-a impolluta.

Gomes Brandão casou no Rio de Janeiro em 31 de outubro de 1859, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Corrêa, já fallecida, senhora brasileira, illustre e distincta pelas suas virtudes e familia.

D'este matrimonio nasceram 6 filhos, dos quaes, os dois mais novos, Mario e D. Senhorinha, o acompanhavam na sua viagem á Europa.

NOVA APPLICAÇÃO DOS RAIOS X

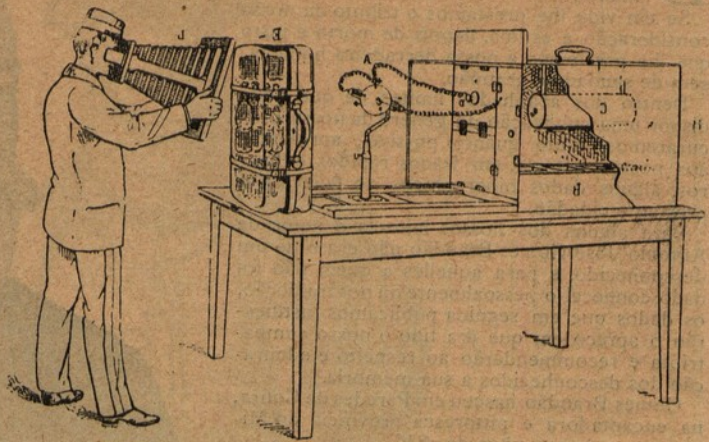
SABIDO como a descoberta dos raios X viera produzir um enorme sobressalto no mundo da sciencia e como seu poder de penetração ia sendo utilizado em applicações as mais descontraídas e varias era de suppor que, mais dia menos dia, algum director d'alfandega que, além de homem de saber e de progresso, fosse tambem um resolutu adversario da rotina, haveria de utilizar, a bem dos serviços de inspecção fiscal, o seu mysterioso e irresistivel poder.

Este homem é Mr. Pallain, director da alfandega de Paris, e ha tres semanas, que, em todas as gares de caminho de ferro da grande cidade, se examinam com a ajuda das indiscretas e omnividentes radiações descobertas pelo professor Roengen, as encomendas de toda a natureza e de todo o tamanho desde os pequenos embrulhos até ás malas e aos pacotes volumosos, buscando reconhecer-se o seu conteúdo sem recorrer já ao lento processo de as abrir e as rebuscar.

As experiencias não se limitam, porém, ás bagagens: inventariam-se os proprios viajantes afim de fazer revelar pelos raios X os objectos que podem dissimular-se de baixo das roupas. E, muito em breve, um serviço de radioscopia será installado em uma das cidades da fronteira franceza.

As experiencias proseguem ainda e os aparelhos applicados ao inquerito instantaneo dos volumes limitam-se em reproduzir o dispositivo, hoje já classico, das experiencias de radioscopia ou de fluoroscopia.

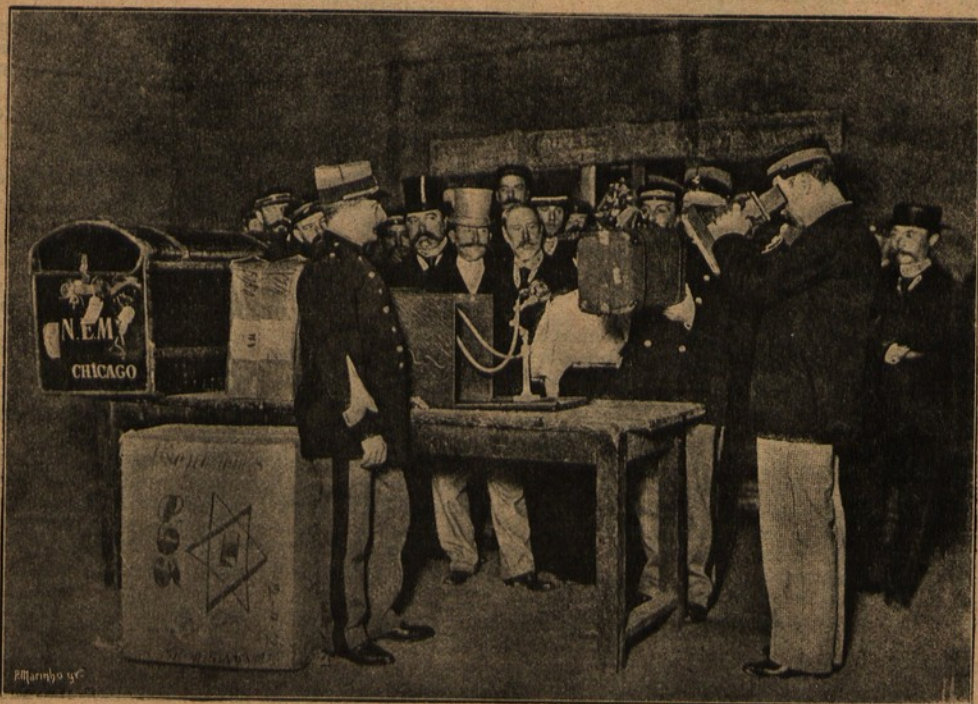
A maneira de operar é muito simples: colloca-se o volume que se quer observar tanto quanto possivel perto da luneta, quer dizer, quasi em contacto com o *ecran*, e bastará olhar pela luneta para perceber instantaneamente a sombra dos objectos mais densos contidos no volume. Mas, e eis ahi o que limita o emprego da radioscopia nas



DISPOSIÇÃO DA LUNETTA HUMANA

investigações aduaneiras, nós só logramos ver a sombra dos objectos densos. E portanto o concurso que os raios X poderiam prestar aos agentes encarregados de fiscalisar a entrada na fronteira e nas barreiras das cidades de materias sujeitas aos direitos da alfandega fica d'esta arte diminuido e apocado.

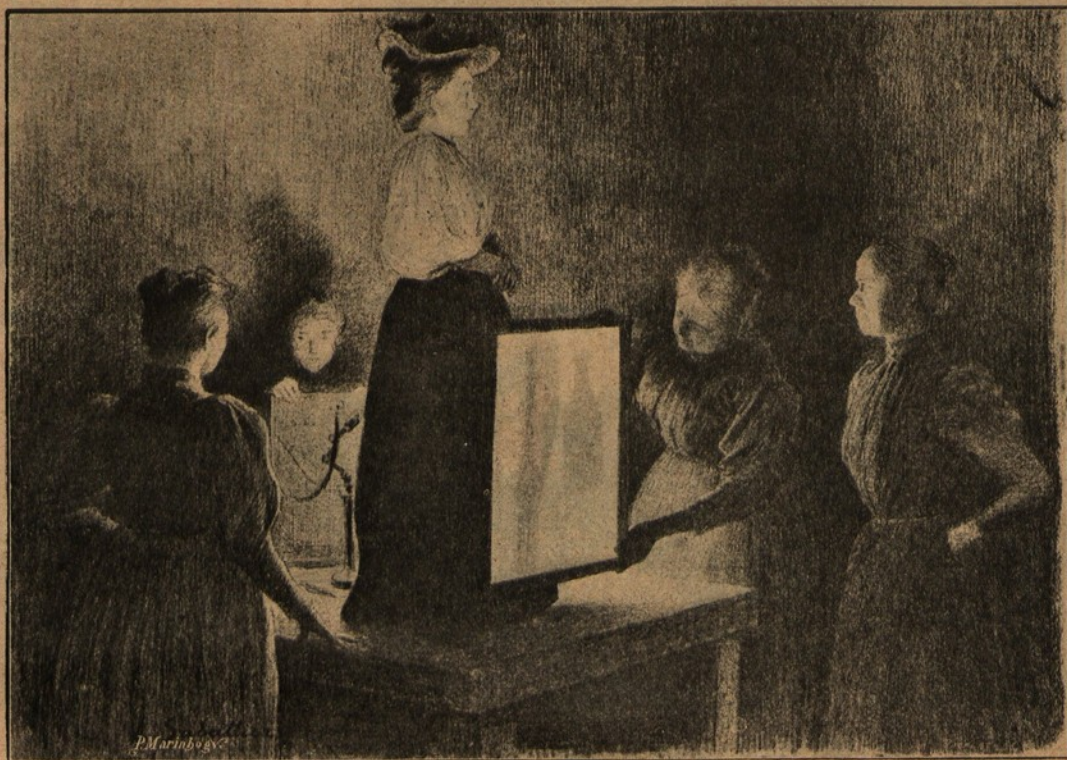
Uma das gravuras que acompanha este artigo reproduz uma scena passada na grande *halle* das mercadorias da gare de Saint Lazare em Paris. Um verificador fiscal examina com a *luneta humana*, e em presença dos membros da comissão superior das alfandegas, uma mala. E' fóra de duvida que vê distinctamente no interior da mala os objectos metallicos que ella contém. No meio da roupa descobre nitidamente cigarros e caixas de mel aonde podem estar dissimulados generos subtraídos aos direitos. Mas o exame fluoroscopico não póde dar mais.



EXAME RADIOSCOPICO D'UMA MALA

Não será possível, por ora, distinguir pelo fluoroscópio os estofos, as rendas novas sujeitas aos direitos d'entrada. A outra gravura que o *Branco e Negro* publica representa uma scena que é, sem contestação, ainda mais curiosa. E' o exame d'uma contrabandista, tal como é feito pelas apalpadeiras exercitadas no uso da radioscopia. Uma mulher, cuja apparencia é de natureza a affas-

embrulhos, das encomendas postaes e das malas de mão. Os agentes fiscaes terão meio — seja com a *luneta humana*, seja com outro aparelho analogo, tendo por base a electricidade e apenas constituido por um tubo focus e um *ecran* fluorescente — de reconhecer immediatamente, a um simples olhar, a exactidão das declarações feitas por os expedidores ou pelos viajantes.



CONTRABANDISTA DENUNCIADA PELOS RAIOS X

tar toda a suspeita, foi collocada diante do aparelho indiscreto; e, sobre o *ecran*, viu-se immediatamente em frente das pernas... uma garrafa!

Será loucura imaginar que os raios X vão desde já supprimir os agentes fiscaes e substitui-los pelo que, empregando um divertido neologismo, se poderá chamar os *radioscópicos*. As indicações fornecidas pelos raios X serão, na maioria dos casos, insufficientes e não dispensarão aos viajantes a busca, tantas vezes brutal, das suas malas.

Pelo contrario as radiações poderão ser empregadas com a maior utilidade no exame rapido dos pequenos

Poder-se-ha d'esta maneira rapidamente surpreender as fraudes e, se o quizerem, evitar á gente honesta as inuteis contrariedades das buscas inquisitoriaes. O que se torna mais desagradavel e mais vexatorio n'essas buscas é o contacto das mãos dos agentes nas roupas, e nos objectos de uso intimo. Se o novo processo supprimir a necessidade d'esse contacto ou permittir simplesmente de o reduzir a algum caso excepcional, a direcção das alfandegas terá bem merecido do publico, adoptando-o.

E se assim for que não seja Portugal o ultimo paiz a experimentar lhe os beneficios.

DE NOVO...

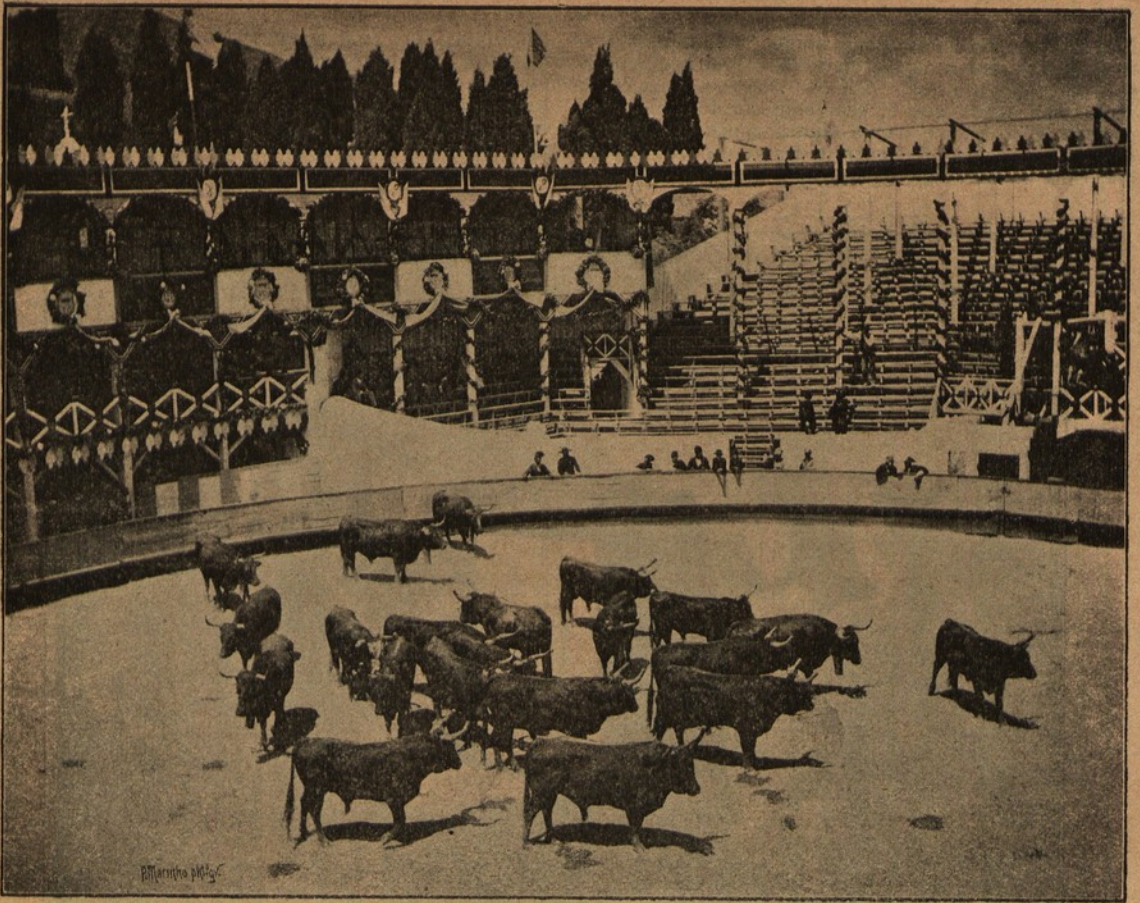
Do ultimo amor o coração ferido
Trago, e a alma cheia de desiluições.
Chego, e chegando, o olhar volto abatido
Para a alva estrada das recordações.

Mas da fadiga mal descanso apenas:
Parto buscando amores mais risonhos,
Já sem temor sequer de um só revez

Parto de novo... E parto já sem penas,
Com as mesmas illusões, com os mesmos sonhos
Com que partira da primeira vez...

— Como fui parvo! exclamo, andei perdido
Por um caminho feito de traições...
O amor é um vinho olympico bebido,
Que as almas cega e cega os corações...

GASTÃO POUSQUET.



DEPOIS DA EMBOLAÇÃO (segundo photog. de C. Relvas)



NOS CAMPOS DA GOLLEGA (segundo photog de C. Relvas)

MODAS FEMININAS, POR CELSO HERMINIO

(1792-1897)



OS CHAPEUS

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

JOSÉ E OS PINTARROXOS

DE G. THEODORO

(A Henrique Marques Junior)

José ama ternamente sua mãe, que, por certo, gostosamente, bem lh'o retribue. Junto d'ella passa uma vida tão satisfeita, tão feliz, que nada mais deseja; não pede a Deus senão uma unica coisa: que lhe conserve sempre sua mãe e lhe permitta o não sahir da sua companhia.

Tudo isto, dirá quem leia, nada tem de extraordinario, não é mais que natural. Comtudo José ainda tem outra paixão, os passaros, toutinegra ou rouxinol: nada egual a sua felicidade, quando tem occasião de ir caçar alguns.

Um dia, em que o nosso homemsinho foi ao bosque, viu o ninho d'uma linda familia de pintarroxos; mas ai! estava tão alto... Todavia não desesperou de se apoderar d'elle.

Effectivamente, approxima-se da arvore e sobe a agilmente. Depois de rasgar um pouco as calças, esfolar as pernas e arranhar a cara, conseguiu chegar ao ninho e, rapido, mettu os quatro pequeninos, que elle continha, entre o collete e a camisa.

José, encantado da sua captura, voltava tranquillamente para casa, quando viu a mãe dos pintarroxos esvoaçar em volta d'elle e, no seu queixoso canto, pedir-lhe os seus filhinhos.

«Não, disse o roubadorsinho, que comprehendia perfectamente essa linguagem, certamente não os deixarei mais. Não-de ficar tão bem e tão contentes na gaiola de vime, junto ás tres toutinegras e aos dois tentilhões que já lá tenho».

Entretanto, a pobre mãe, lamentando-se sempre, voava, algumas vezes, até dois dedos de distancia d'onde permanecia retida a sua querida familiasinha. Defenda-

mol-o: José commoveu-se; mas abafando no seu coração o bom sentimento que, por um instante, o dominou, não largou a sua presa.

A entrada da aldeia ficou atralalhado, encontrando-se, de repente, com o Cura; este adivinhou o remorso do roubo, que já o apoquentava, ao ver-lhe o embaraço.

«José, disse elle, acabas de completar os teus doze annos, já commungaste a primeira vez: agora é preciso escolher modo de vida. Ora, como tua mãe me incumbiu d'esse cuidado, mandar-te-hei amanhã para a cidade, acompanhado por alguém, afim de começares a tua aprendizagem em casa d'um mestre sapateiro.

—E minha mãe!... grita a criança com as lagrimas nos olhos. Oh! senhor Cura, arranje antes que eu vá para casa do Simão, tecelão; fica a dois passos de nossa casa.

—Então custa-te muito o deixares tua mãe?

—Oh! sim, muitissimo! e será bem cruel obrigando-me a separar d'ella. Estou certo de que morrerá de pesar, e eu conheço que não poderei viver longe d'aqui.

—Comprehendo-te, disse o Pastor, sobretudo ao ver a desolação da pobre mãe dos pintarroxos que tens escondidos no seio.

José não teve necessidade de ouvir mais. Correndo, quanto lh'o permittiam as suas pequeninas pernas, foi collocar os pintarroxos no ninho d'onde os tirára pouco antes, e, quando voltou para casa, abriu a gaiola aos tentilhões e toutinegras que conservava prisioneiros.

Em lugar de ir aprender para a cidade, trabalhava José, ao outro dia, em casa do tecelão Simão.

Trad. de FERNANDO COELHO.

COISAS ALEGRES

Apoz a morte do marechal Duque da Terceira, abriu-se em todas as classes do exercito uma subscricção em dinheiro, com o destino de se lhe erguer um monumento. Por esse tempo, na Torre de S. Julião da Barra, estava estabelecido o «Deposito disciplinar», deposito das praças condemnadas a deportação para a Africa. Chegando certo dia em que havia de sahir uma pequena leva de deportados, o commandante do deposito ordenou a um sargento, que os conduzisse para a porta da secretaria, afim de se lhe fazer o ajuste de contas. Decorrido o tempo preciso para o cumprimento d'esta ordem, o capitão entrou na secretaria e perguntou em voz alta ao sargento:

—Então esses homens que vão para o outro mundo, já ahí estão todos? (*ir para o outro mundo*, na linguagem figurada dos quartéis, significa, ir para o ultramar).

—Sim senhor (afirmou o sargento).

—Bem. Comecemos pelo numero mais baixo. Entre o 4.

E o 4, um agradável soldado, avançou com porte respeitoso até junto da mesa a que o capitão estava assentado, ahí fez a continencia militar, e quedou-se.

O capitão, depois de lhe explicar, quaes os seus vencimentos, quaes os descontos, e portanto quanto restava para elle receber, diz ao sargento, que lhe contasse essa quantia, e ao mesmo tempo apontava o lado opposto da mesa, fronteiro ao soldado, para n'elle ser collocado o dinheiro de modo que lhe fosse facil o tomal-o.

Quando, porém, o soldado estendia o braço para deitar a mão aos cobres, o capitão, lembrando-se de subito,

faz-lhe um gesto de suspender, e diz-lhe em tom familiar:

—Espera ahí. Quanto queres dar para o Duque da Terceira?

—Eu, meu capitão (retruca-lhe o 4, muito respeitosa-mente), como vou para o outro mundo, lá faço contas com elle.

E mettendo o dinheiro todo, d'uma vez, no bolso, fez a continencia, deu meia volta e marchou serenamente, em quanto o capitão se ficava a rir a bom rir, do engenhoso escapatorio do 4.

* * *

Ha vinte annos, em um regimento d'infanteria, o commandante era um homem muito comprido, muito magro, muito triste, e algum tanto curvo, lembrando de perfil uma agulha de meia.

As vozes de commando sahiam-lhe lugubres, como pios de coruja. Quando tomava o commando do regimento para qualquer exercicio ou formatura, os primeiros grasnidos muito compassados:

—«Regimento, sentido... Descançar», coavam-se gelidamente nas almas de todos, e todos ficavam tambem macambusios.

Um soldado do regimento imitava primorosamente o funebre coronel, entre as gargalhadas dos camaradas. Apenas com uma variante, admiravelmente bem achada:

«Regimento, tem sido... Desgraçado».

H.

SECÇÃO RECREATIVA

O PASSARO NA GAIOLA

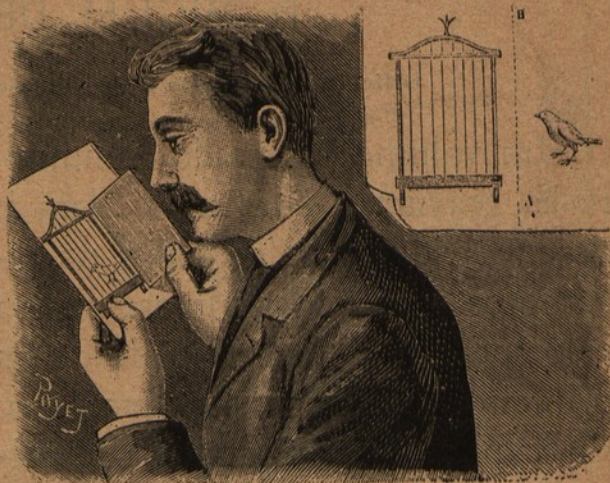
DESENHAE sobre uma folha de papel uma gaiola vazia, e a alguns milímetros da gaiola, um passaro.

Tracta-se de fazer entrar este passaro n'esta gaiola.

Collocae um cartão de visita entre as duas figuras conservando-o perpendicularmente sobre o papel; apoiada a ponta do vosso nariz sobre a borda do cartão e olhae a gaiola e o passaro; vereis d'esta arte a gaiola com o olho esquerdo, por exemplo, e o passaro com o olho direito; ao fim d'um instante parecer-vos-ha que o passaro se põe em movimento e vel-o-heis entrar na gaiola e occupar a posição indicado em traços pontuados sobre o vosso desenho.

A figura da direita d'este desenho evitar-vos-ha o trabalho de fazer outro traçado; collocae o vosso cartão sobre a linha A B, pondo-vos em face da luz para que o cartão não projecte sombra; olhae durante alguns segundos e o phenomeno ter-se-ha produzido.

Nada de mais simples do que esta experiencia que nos recorda as leis da visão binocular, quer dizer da vista simples com dois olhos.



A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

1 Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND,,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, Rua Augusta, 95, Lisboa

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercicio e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, — Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

